

OS
TRÊS
SARAH LOTZ

Para o Tio Chippy
(1929-2013)

COMO TUDO COMEÇA

Ora, ora, ora uma coisa destas...

Pam olha para a luz que indica a obrigatoriedade do uso do cinto de segurança, desejando que a mesma se desligue. Ela não vai ser capaz de se aguentar muito mais tempo, quase se consegue ouvir a voz do Jim a repreendê-la por não ter ido antes de embarcar no avião: *Sabes bem que tens uma bexiga muito sensível, Pam, em que diabo estavas tu a pensar?*

A verdade é que ela não se atrevera a usar uma das casas de banho do aeroporto. E se tivesse de se deparar com uma dessas sanitas futuristas, tal como o guia indicava, e não conseguisse descobrir de que modo puxar o autoclismo? E que faria ela se ficasse acidentalmente trancada dentro de uma das divisórias e acabasse por perder o voo? E pensar que a Joanie sugerira que ela passasse alguns dias a explorar a cidade antes de embarcar no voo de ligação para Osaka! Só a ideia de percorrer sozinha as estranhas ruas de Tóquio faz com que as palmas das mãos já húmidas lhe comecem a suar... o aeroporto já fora suficientemente confuso. Atrapalhada e com a pele pegajosa depois do voo de Fort Worth, sentia-se como uma lesma gigante à medida que ia percorrendo o caminho para o Terminal 2 e para o seu voo de ligação. Todos à sua volta pareciam percorrer esse espaço com eficiência e confiança; corpos compactos passavam por ela, com as pastas a balouçarem e com os olhos escondidos por detrás de óculos de sol. Ela estava consciente de cada quilo extra que carregava quando entrou para o autocarro do aeroporto, corando cada vez que alguém olhava na sua direção.

Felizmente, havia muitos outros americanos no voo para Tóquio (o rapaz simpático que estava sentado ao seu lado mostrara-lhe, com toda a paciência, como funcionava o sistema de vídeo), mas, nesse voo, estava por de mais consciente de ser a única (qual seria a palavra indicada?)... aquela que usam sempre nos filmes policiais de que o Jim gosta? Caucasiana, era isso. E os assentos eram muito mais pequenos; estava como sardinha em lata! Ainda assim, havia pelo menos um espaço vazio en-

tre ela e o homem de negócios sentado na coxia, assim, não teria de se preocupar com poder acotovelá-lo acidentalmente. Embora o tenha de incomodar quando se encolher para passar por ele a caminho da casa de banho, não é verdade? E, meu Deus, parece que ele adormeceu, o que significa que irá ter de o acordar.

O avião continua a subir e a luzinha ainda está acesa. Ela espreita pela janela para a escuridão, vê a luz vermelha a piscar na asa que emerge através das nuvens, agarra-se aos braços da cadeira e sente as entranhas do avião a vibrar dentro dela.

Jim tinha razão. Ainda nem sequer chegara ao seu destino e já toda essa aventura se estava a tornar demasiado para ela. Ele avisara-a para o facto de ela não ter sido feita para viagens de longo curso, tentara convencê-la de que tudo isso era uma má ideia: *A Joanie poderá apanhar um voo para cá sempre que lhe apetecer, Pam, por que motivo vais assim viajar, quase à volta do mundo, só para a veres? Por que razão teria ela optado por ir dar aulas a asiáticos? Será que as crianças americanas não lhe bastavam? E, para além disso, Pam, tu até nem gostas de comida chinesa, como diabo te irás tu habituar a comer golfinho cru, ou o que quer que seja que eles por lá comem?* Mas ela não desistira, indiferente à sua desaprovação e surpreendendo-o ao não recuar. Joanie partira há já dois anos e Pam precisava de a ver, tinha imensas saudades dela e, pelas fotos que tinha visto na Internet, os arranha-céus reluzentes de Osaka não pareciam assim tão diferentes dos das cidades americanas normais. Joanie avisara-a de que ela poderia achar a cultura desconcertante, numa primeira abordagem, que no Japão nem tudo eram flores de cerejeira e gueixas sorrindo timidamente por detrás de leques, mas Pam assumira que seria capaz de lidar com o assunto. Pensara estupidamente que se trataria de uma espécie de divertida aventura de que, durante anos, se poderia gabar perante Reba.

O avião adquire uma posição horizontal e, finalmente, as luzinhas dos cintos de segurança apagam-se. Há uma onda de movimentação quando vários passageiros se levantam e começam a vasculhar os compartimentos de bagagens por cima dos assentos. Rezando para que não houvesse uma fila para a casa de banho, desaperta o cinto, tenta encolher-se o mais que pode para passar pelo indivíduo sentado na coxia, quando um poderosíssimo estrondo se propaga pelo avião. Pam pensa logo no som do tubo de escape de um automóvel, mas os aviões não têm tubos de escape, pois não? Dá um gritinho. Trata-se de uma reação lenta que faz com que ela se sinta vagamente estúpida. Não é nada. Talvez um trovão. Sim, é isso. No guia lera que era comum que as tempestades atingissem o avião.

Um outro estrondo, este semelhante a um tiro de pistola. Um coro de gritos esganiçados chega-lhe da parte da frente da aeronave. As luzes dos cintos de segurança piscam de novo e Pam atrapalha-se com o cinto; sente os dedos dormentes e não consegue lembrar-se de que modo o apertar. O avião afunda-se de súbito, mãos enormes pesam-lhe sobre os ombros, empurrando-a para baixo, e o estômago parece subir-lhe à boca. Oh! Não. Isto não poderá estar a acontecer. Não a ela. Coisas assim não acontecem a pessoas como ela, a pessoas comuns, a *boas* pessoas. Uma sacudidela brusca, os compartimentos superiores começam a chocalhar, depois, felizmente, o avião parece acalmar-se.

Um som de campainha, um murmúrio em japonês, e logo a seguir: — Por favor permaneçam nos vossos lugares com os cintos de segurança bem apertados. — Pam volta a respirar; a voz é serena, despreocupada. Não poderá tratar-se de algo muito sério, não há motivo para entrar em pânico. Tenta olhar por cima da parte de trás do assento para ver de que modo os outros estão a reagir, mas só consegue ver uma série de pessoas de cabeça baixa.

Agarra-se outra vez aos braços da cadeira; a vibração do avião aumentou, sente a trepidação nas mãos, um pulsar doente repercute-se-lhe através dos pés. Um olho meio escondido, por detrás de uma franja de cabelo negro asa de corvo, surge no intervalo entre os assentos à sua frente; deve ser a criança pequena que ela se lembra de ter visto a ser arrastada pelo corredor por uma mulher, de lábios pintados e ar severo, pouco antes da descolagem. O menino tinha olhado para ela, claramente fascinado (poderão dizer o que quiserem sobre os asiáticos, pensou ela, mas os seus filhos são muito bonitos e engraçados). Ela acenara-lhe e sorria-lhe, mas ele não lhe tinha respondido e, em seguida, a mãe gritara-lhe qualquer coisa entre dentes e ele deslizara obedientemente para o assento, ficando já fora do seu ângulo de visão. Ela tenta sorrir, mas tem a boca seca e os lábios quase colados aos dentes e, oh meu Deus, a vibração está a piorar.

Uma névoa branca flutua ao longo do corredor, paira à sua volta, e Pam debate-se inutilmente com o ecrã à sua frente, em busca dos auscultadores. Isto não está a acontecer. Isto não pode estar a acontecer agora... Não, não, não. Se ela não consegue pôr o ecrã a funcionar, ver um filme, algo reconfortante, como o que vira a caminho... o da Ryan qualquer coisa... O avião volta a inclinar-se violentamente. É como se estivesse a rolar de um lado para o outro e para cima e para baixo, e sente outra vez uma agonia no estômago. Engole convulsivamente, não irá enjoar, oh... oh...

O homem de negócios levanta-se, abrindo e agitando os braços à medida que o avião se inclina. Parece estar a tentar abrir o compartimento da bagagem, mas não se consegue equilibrar. *Que está para aí a fazer?* quer gritar-lhe Pam (com a impressão de que se ele não se sentar, a situação irá piorar). A vibração está a tornar-se tão terrível que lhe faz recordar o tempo em que o estabilizador da sua máquina de lavar se avariou e o maldito aparelho começou aos pulos pelo chão. Uma assistente de bordo surge por dentro da névoa, agarrando-se às costas dos bancos à sua volta. Gesticula para o homem de negócios que, calmamente, volta a cair no assento. Põe-se então à procura de qualquer coisa no bolso de dentro do casaco, retira um telemóvel, repousa a testa contra o assento em frente, e começa a falar.

Ela deveria fazer o mesmo, telefonar para Jim, falar-lhe da *Snookie*, lembrar-lhe para não dar comida barata à cadela. Deveria telefonar à Joanie; mas para lhe dizer o quê (quase se ri), que irá chegar atrasada? Não, dizer-lhe que se sente orgulhosa dela, mas haverá rede? O seu telemóvel não irá interferir com os sistemas de navegação da aeronave? Irá precisar de um cartão de crédito para usar o aparelho nas costas do seu assento?

Onde está afinal o seu telemóvel? Estará na sua malinha com o dinheiro, o passaporte e os comprimidos, ou será que o pôs no saco? Por que motivo não consegue lembrar-se? Ela tenta agarrar a malinha, sentindo-se como se o estômago se estivesse a esmagar contra a espinha. Vai vomitar, sabe que isso será inevitável, mas, em seguida, os dedos alcançam a alça da malinha que a Joanie lhe tinha dado pelo Natal, antes de partir, há dois anos. Fora um bom Natal e até mesmo o Jim tinha estado de bom humor nesse dia. Outra sacudidela e a alça solta-se-lhe da mão. Ela não quer morrer assim, não desse modo. Não entre desconhecidos, não desse jeito, com o cabelo gorduroso (a permanente nova não fora uma boa ideia), com os tornozelos inchados, não, não... De modo algum. Depressa, pensa em algo de bom, de agradável. Sim. Tudo não passa de um sonho. Na verdade, ela encontra-se sentada no sofá a comer uma sandes de galinha com maionese, com a *Snookie* ao colo e o Jim a dormir, recostado na sua poltrona. Ela sabe que deveria começar a rezar, sabe que isso seria o que o pastor Len lhe recomendaria... Se ela rezasse, voltaria tudo ao normal? Mas, pela primeira vez na sua vida, não se consegue lembrar de nenhuma oração. Consegue balbuciar — que os anjos me ajudem — mas outros pensamentos intrometem-se no seu raciocínio. Quem irá cuidar da *Snookie* se algo lhe acontecer? A *Snookie* já não é nova, tem quase dez anos, porque a teria ela deixado? Os cães não perce-

bem. Oh, meu Deus, existe uma bola de colãs rasgados escondida no fundo da sua gaveta de roupa interior, que ela há muito tencionava deitar fora. Que irão pensar dela se a encontrarem?

A névoa adensa-se, uma bÍlis escaldante sobe-lhe à garganta e a visão turva-se-lhe. Ouve-se um estalido bem distinto, e uma chávena amarela de plástico penetra na sua linha de visão. Mais palavras japonesas. Sente os ouvidos a estalar, engole em seco, dá-se conta de que ainda consegue sentir o sabor da confusão de massa picante que ela comeu no último voo. Tem tempo então de sentir o alívio, pois já não necessita de ir urinar. Depois ouve-se em inglês: *qualquer coisa, ajudem companheiros de voo qualquer coisa qualquer coisa.*

O homem de negócios continua a balbuciar ao telemóvel; este é-lhe arrancado da mão quando o avião volta a dar um solavanco, mas os seus lábios continuam a mexer; parece não se ter dado conta de que já não o tem na mão. Ela não consegue respirar fundo, sente um sabor metálico na boca, como se estivesse a respirar poeira, o que a faz voltar a sentir-se agoniada. Clarões de uma luz muito intensa cegam-na por momentos; ela tenta agarrar a máscara, mas esta continua a desviar-se para fora do seu alcance e, em seguida, começa a cheirar-lhe a queimado, como um objeto de plástico que alguém tivesse deixado em cima do fogão. Acontecera-lhe uma vez, deixara uma espátula em cima do bico aceso, e o Jim falara desse assunto durante semanas. *Podias ter incendiado a casa toda, rapariga.*

Uma outra mensagem: *preparem-se, preparem-se, preparem-se para o impacto.*

A imagem de uma cadeira vazia domina todos os seus pensamentos, enquanto ela se abandona a uma autocomiseração tão intensa que a magoa. Trata-se da sua cadeira, aquela onde se senta sempre, todas as quartas-feiras, no grupo de estudos bíblicos. Uma cadeira resistente e *amigável*, que nunca se queixa do seu peso, com o assento já muito puído. Ela chega sempre cedo a essas reuniões para ajudar Kendra a distribuir as cadeiras, e todos sabem que ela se senta sempre à direita do pastor Len, ao lado da máquina de café. Rezaram por ela no dia anterior à sua viagem, até a Reba lhe desejou felicidades. Sentiu o peito encher-se-lhe de orgulho e gratidão, as faces muito coradas devido a tantas atenções. *Meu bom Jesus, por favor, cuida da nossa irmã e querida amiga, Pamela, dado que...* O avião treme intensamente e, dessa vez, junta-se-lhe um ruído repetido, à medida que sacos, computadores portáteis e outros objetos começam a saltar dos compartimentos superiores. Contudo, se ela se continuar a concentrar na cadeira vazia, então tudo irá correr bem. Como aquele jogo a que ela por vezes se entrega ao regressar da loja: se

ela vir três carros brancos, o pastor Len irá pedir-lhe, e não à Reba, para que ela se encarregue dos arranjos florais.

Um som, como se alguém estivesse a rasgar com unhas de metal gigantes um quadro de ardósia, o chão convulsiona-se, um peso empurra-lhe a cabeça para o colo, sente os dentes a baterem como castanholas, quer gritar a quem está cruelmente a sacudir-lhe as mãos, por cima da cabeça, para que pare. Há já uns anos, uma carrinha tinha-se desviado para cima do automóvel que ela conduzia quando ia buscar a Joanie à escola. Naquele momento, tudo tinha abrandado. Ela deu-se conta de todos os pequenos detalhes, o estalar do para-brisas, a ferrugem a salpicar o tejadilho do outro carro, a forma sombria do motorista com um boné de basebol, mas aquilo, aquilo estava a acontecer demasiado rápido! *Façam com que isto pare, pois já se arrasta há muito tempo.* Sente-se chicoteada, agredida e espancada... A cabeça... não consegue manter a cabeça erigida e, em seguida, o assento em frente dela desliza-lhe até ao rosto e, depois, há explosões de luz branca que a cegam e ela não consegue...

Uma fogueira crepita e cospe faúlhas, mas as faces dela estão frias, geladas, de facto, pois há algo de cortante no ar. Será que se encontra no exterior? É claro que sim! Estúpida. Não se pode ter uma fogueira acesa dentro de casa, não é verdade? Mas onde estará ela realmente? Eles reúnem-se sempre no rancho do pastor Len na véspera de Natal e ela deverá estar no pátio, a ver o fogo de artifício. Leva sempre a sua famosa pasta de queijo azul. Não admira que se esteja a sentir tão perdida! Ela esqueceu-se de levar a pasta, deve tê-la deixado em cima do balcão da cozinha, o pastor Len irá ficar muito desapontado e...

Alguém grita. *Não podem gritar acerca do Natal, porque estão a gritar acerca do Natal? É uma época de felicidade.*

Ergue a mão para a passar pela cara, mas não consegue... há qualquer coisa que não está bem, está deitada em cima do braço e tem o mesmo torcido por detrás das costas. Por que motivo se encontra ela deitada? Teria adormecido? Não na época de Natal, quando há sempre muita coisa para fazer... tem de se levantar, pedir desculpa por ter sido tão indelicada, o Jim está sempre a dizer que ela tem de ter ideias mais animadoras, tentar e ser um pouco mais...

Passa a língua pelos dentes. A sensação é estranha; um dos seus dentes incisivos está lascado, a aresta arranha-lhe a língua. Mastiga areia, engole. Meu Deus, tem uma impressão na garganta como se tivesse engolido lâminas de barba, será que ela...

E então o conhecimento do que estava a acontecer atinge-a em cheio,

com uma intensidade que a faz arfar e, com isso, surge-lhe um acesso de dor, que lhe irrompe da perna direita e lhe sobe até ao estômago. *Levanta-te, levanta-te, levanta-te*. Tenta erguer a cabeça, mas, ao fazê-lo, sente agulhas a picarem-lhe a parte de trás do pescoço.

Outro grito soa muito perto dela. Nunca ouviu uma coisa assim, é uma súplica nua, crua, quase inumana. Ela precisa que isso pare, está a agudizar-lhe a dor que sente por dentro, como se o grito estivesse diretamente relacionado com as suas entranhas, torcendo-as com cada gemido.

Oh, obrigada, meu Deus, ela consegue mexer o braço direito enquanto o tenta erguer, apalpa o ventre, toca em algo macio e húmido, em algo de *errado*. Mas não irá para já pensar mais nisso. Oh, Deus do Céu, ela precisa de ajuda, necessita que alguém chegue e a ajude, se ela ao menos tivesse dado ouvidos ao Jim, tivesse ficado em casa com a *Snookie* e não tivesse tido esses maus pensamentos acerca da Reba...

Tem de parar. Não pode entrar em pânico. É isso que dizem sempre, não entre em pânico. Está viva. Deve sentir-se grata. Precisa de se levantar para ver onde está. Já não se encontra no seu assento, tem a certeza disso, está estendida numa superfície musgosa e macia. Conta até três, tenta usar o seu braço são para se voltar, mas vê-se forçada a parar à medida que uma dor intensa, tão aguda como um choque elétrico, lhe percorre todo o corpo. A dor é tão forte que ela mal consegue acreditar no que está a sentir. Mantém-se perfeitamente imóvel, e agradecida, e a dor começa então a esvanecer-se, deixando no seu lugar uma espécie de entorpecimento (mas ela também não irá pensar nisso, não, não).

Fecha os olhos com força e volta a abri-los. Pestaneja para tornar a visão mais nítida. Tenta então voltar a cabeça e, dessa vez, consegue fazê-lo, sem sentir a dor horrível e invasiva. *Ótimo*. Um rasgão de luz laranja, ao fundo, recorta silhuetas em tudo o que a rodeia, mas ela não consegue dar-se conta de um espesso renque de árvores, árvores estranhas e torcidas que ela não é capaz de identificar, e aí, mesmo diante delas, de um pedaço retorcido de metal. Oh, meu Deus, tratar-se-á do avião? É isso mesmo... ela consegue ver a forma oblonga de uma janela. Um estalo, um assobio, um estrondo surdo e todo o cenário se acende, claro como o dia. Tem lágrimas nos olhos mas não irá desviar o olhar. Não irá fazê-lo. Consegue ver a aresta recortada da fuselagem, cruelmente arrancada ao resto do aparelho. Onde estará o braço da sua cadeira? Estaria sentada nessa parte? Impossível. Não poderia ter sobrevivido a uma coisa daquelas. É como um enorme brinquedo estragado, fá-la lembrar-se dos pequenos jardins em volta das autocaravanas onde a mãe de Jim costumava viver. Estavam cheios de lixo, de velhas peças de auto-

móveis, de triciclos partidos, e ela não gostara de lá ir, embora a mãe de Jim tivesse sido sempre simpática para com ela... Tem o ângulo de visão limitado devido à sua posição, e ignora o som de coisas a racharem-se, que ela ouve, ao elevar a cabeça de modo a que a face lhe repouse em cima do ombro.

A gritaria para de súbito, é mais suave. *Ainda bem*. Dessa vez não irá ser incomodada com a dor e com os gritos de outras pessoas.

Esperem... Está qualquer coisa a mexer-se por cima da linha de árvores. Uma forma escura, uma pessoa, uma pessoa pequena, será uma criança? A criança que estava sentada em frente dela? Sente-se muito envergonhada, pois nem sequer pensara nela ou na mãe quando o avião começara a cair. Só pensara em si mesma. Não admirava que não tivesse conseguido rezar, que espécie de cristã era ela? O vulto desaparece-lhe frustrantemente do ângulo de visão, mas ela não consegue esticar mais o pescoço.

Tenta abrir a boca para gritar, mas não consegue mover o maxilar. *Por favor. Estou aqui. Hospital. Ajudem-me.*

Sente um baque surdo por detrás da cabeça. — Ai... — consegue dizer. — Ai... — Alguém lhe toca no cabelo e sente lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. Está salva. Eles vieram para a salvarem.

Um tamborilar de pés a correr. *Não se vão embora. Não me deixem.*

De repente, há pés descalços que surgem em frente dos seus olhos. Pés pequeninos, sujos, está escuro, muito escuro, mas parecem estar cobertos por uma coisa preta. Lama? Sangue?

— Ajudem-me, ajudem-me. — É isso, ela já consegue falar. Ora aí está. Se ela consegue falar, é porque vai ficar bem. Está apenas em choque. Sim. É isso. — Ajudem-me.

Um rosto surge na sua direção; está tão próximo que ela consegue ouvir o som da respiração do menino sobre o seu rosto. Tenta observar-lhe melhor os olhos. Será que... Não, não, é a luz que é muito fraca. São brancos, completamente brancos, sem pupilas, *oh, que Deus me ajude*. Um grito começa a crescer-lhe no peito, aloja-se-lhe na garganta, não consegue expressá-lo, irá asfixiá-la. Desvia o rosto abruptamente. Sente os pulmões pesados, cheios de líquido. Agora doem-lhe quando respira.

Algo começa a brilhar no extremo direito do seu campo de visão. Tratar-se-á da mesma criança? Como é que ela poderia ter conseguido lá chegar tão rapidamente? O rapazinho está a apontar para qualquer coisa... Formas, mais escuras do que as árvores à sua volta. Pessoas. Devem ser pessoas. O clarão laranja está a desaparecer, mas ela pode ver nitidamente todos os contornos. Há centenas deles, assim parece, e estão

a caminhar na sua direção. Saindo das árvores, dessas estranhas árvores, nodosas, cheias de bolhas e torcidas como dedos.

Mas onde têm os pés? Eles não têm pés. Algo não bate certo.

Ah, ah... Não são verdadeiros. Não podem ser verdadeiros. Ela não lhes consegue ver os rostos, são manchas de tinta escura que se mantêm planos e fixos à medida que a luz por detrás deles floresce e morre.

Vêm ter com ela. Tem a certeza...

O medo desaparece, substituído pela certeza de que já não terá de esperar muito. É como se uma Pam fria e cheia de confiança, uma nova Pam, a Pam que ela sempre desejara ser, chegasse e invadisse o seu corpo destroçado e moribundo. Ignorando a confusão onde o seu estômago se alojara em tempos, tenta pegar na malinha. Ainda ali está, embora se tivesse deslocado para o outro lado. Fecha os olhos e concentra-se para abrir o fecho. Tem os dedos húmidos, escorregadios, mas não irá desistir agora.

Um som abafado enche-lhe os ouvidos, mais alto dessa vez, uma luz flutua vinda do alto, dançando por cima e em torno dela, e consegue dar-se conta de uma fila de cadeiras arrancadas, com as estruturas metálicas a captarem a luz; um sapato de salto alto que lhe parece ter sido estreado horas antes. Fica à espera para ver se a luz irá impedir que a multidão se aproxime. A mesma continua a avançar sub-repticiamente, mas ela ainda não consegue aperceber-se das feições de quem quer que seja. E onde está o rapazinho? Se ao menos ela lhe pudesse dizer para não se aproximar deles, porque ela sabe o que eles pretendem, oh, sim, ela sabe exatamente o que eles pretendem. Porém, não consegue pensar nisso nesse momento, não quando está prestes a abrir a malinha. Tenta procurar algo no seu interior; suspira de alívio quando os dedos tocam nas costas lisas do telemóvel. Com muito cuidado, para não o deixar cair, retira-o da malinha, tem tempo para se lembrar do pânico que sentira antes, ao não se recordar onde o pusera, e pede ao braço que lho aproxime do rosto. E se não funcionar? Se estiver avariado?

Mas não irá estar avariado, ela não irá permitir que tal aconteça, e exclama em triunfo quando ouve o repicado da mensagem de boas-vindas. Está quase... Uma observação de desespero, ela é tão desastrosa... há sangue por todo o ecrã. Recorrendo às suas últimas forças para se concentrar, encontra as aplicações do telefone, aciona o «gravador de voz». O burburinho torna-se agora ensurdecedor, mas Pam ignora-o, assim como ignora o facto de já não conseguir ver.

Coloca o telemóvel junto à boca e começa a falar.

QUINTA-FEIRA NEGRA

Da Queda à Conspiração

No interior do fenómeno de Os Três

ELSPETH MARTINS

Jameson & White Publishers
Nova Iorque, Londres, Los Angeles

UMA NOTA POR PARTE DA AUTORA

Poderá haver poucos leitores que não sintam um arrepio de pavor sempre que as palavras Quinta-feira Negra são mencionadas. Esse dia, 12 de janeiro de 2012, quando quatro aviões com voos de ligação caíram a poucas horas de intervalo uns dos outros, resultando na morte de mais de mil pessoas, poderá juntar-se aos anais dos desastres devastadores que mudaram a nossa forma de ver o mundo.

Previsivelmente, semanas após os incidentes, o mercado foi inundado com relatos não-ficcionais, blogues, biografias e artigos de opinião, todos a lucrarem monetariamente com a fascinação mórbida do público pelos mesmos e com as crianças que sobreviveram a esses acidentes de avião, conhecidas como Os Três. Mas ninguém poderia ter previsto o encadeamento macabro dos acontecimentos que se seguiriam, ou a rapidez com que os mesmos se iriam desenrolar.

Tal como revelei em *Passado da Cabeça*, na minha investigação sobre o crime armado perpetrado por crianças americanas, menores de dezasseis anos, decidi que, se fosse juntar a minha voz a toda essa mistura de opiniões, o único caminho a seguir seria coligir um relato objetivo, deixando que os envolvidos falassem através das suas próprias palavras. Com esse propósito, debrucei-me sobre uma ampla variedade de fontes, incluindo a biografia inacabada de Paul Craddock, as mensagens recolhidas por Chiyoko Kamamoto e as entrevistas pessoalmente realizadas por mim durante e imediatamente após os referidos acontecimentos.

Não peço desculpa ao incluir assuntos que alguns poderão considerar perturbadores, tal como os testemunhos daqueles que foram os primeiros a chegar aos cenários das tragédias, os depoimentos de antigos e atuais pamelistas, as *isho*¹ encontradas no local do acidente do Voo 678

¹ Palavra japonesa, escrita em alfabeto latino, que significa «mensagens». (N. do T.)

da Sun Air, e a entrevista nunca antes publicada com o exorcista contratado por Paul Craddock.

Se bem que admita, sem hesitação, ter incluído trechos de artigos de jornal e de revistas como contexto (e, em certa medida, como um estratagemma narrativo). A minha principal motivação, tal como em *Passado da Cabeça*, foi fornecer uma plataforma imparcial para as perspetivas daqueles mais próximos dos principais atores dos acontecimentos que ocorreram de janeiro a julho de 2012. Com tal em mente, exorto os leitores a lembrarem-se de que estes relatos são subjetivos e a tirarem as suas próprias conclusões.

Elspeth Martins
Nova Iorque
30 de agosto de 2012

Eles estão aqui. Eu... não deixem a Snookie comer chocolate, é veneno para os cães, mas ela irá pedi-lo, o rapaz. O rapaz ajudem o rapaz vejam as pessoas mortas oh meu Deus há tantas... Estão agora a aproximar-se de mim. Vamos todos já não demora muito. Todos. Adeus Joanie adoro o saco adeus Joanie, pastor Len avise-os de que o rapaz não deve...

As últimas palavras de Pamela May Donald (1961-2012)

Primeira Parte

A QUEDA

Do primeiro capítulo de *Tomar conta da Jess: a Minha Vida com uma dos Três* de Paul Craddock (escrito conjuntamente com Mandi Solomon).

Sempre gostei de aeroportos. Chamem-me um velho romântico, mas adorava ver as famílias e os amantes a reunirem-se, nesse preciso segundo quando pessoas cansadas e bronzeadas pelo sol emergiam através das portas de vidro deslizantes, e o reconhecimento lhes iluminava o olhar. Assim, quando o Stephen me pediu para o ir buscar a ele e às meninas, a Gatwick, fiquei bastante contente.

Saí com uma boa hora de avanço. Queria lá chegar cedo, tomar um café e observar um pouco as pessoas. É estranho pensar nisso agora, mas estava com um humor fantástico nessa tarde. Tinham-me ligado para me oferecer o papel do mordomo *gay* na terceira série de *Cavendish Hall* (como ator que desempenharia sempre o mesmo papel, é claro, mas o Gerry, o meu agente, pensou que poderia tratar-se finalmente da minha grande oportunidade), e consegui encontrar um lugar para estacionar que não ficava a um dia de caminho da entrada. Como era um dos meus dias de indulgência, pedi um *caffè latte* com natas extra, e aproximei-me para me juntar à multidão que estava à espera que os passageiros aparecessem, após terem levantado a bagagem. Ao lado de uma loja da Cup 'n Chow, um grupo de miúdos implicativos, com alguma experiência, estava a fazer o trabalho execrável de desmontar uma exposição pirosa de Natal que já deveria ter sido desmontada há muito tempo, e observei, durante uns tempos, o desenrolar do seu minidrama, não sabendo que o meu estaria prestes a começar.

Não me lembrara de ir ver as informações sobre os voos para me certificar de que o avião chegaria à hora certa, de modo que fui apanhado de surpresa quando uma voz nasal zumbiu roufenha pelo altifalante: — Pede-se a todos os que estiverem à espera da chegada do Voo 277 da Go! Go! Airlines, proveniente de Tenerife, que, por favor, se dirijam ao balcão de informações, obrigado. — *Não é esse o voo do Stephen?*, pensei, voltando a verificar os detalhes no meu *Blackberry*. Não estava muito preocupado. Suponho que pensei que o voo estava atrasado. Não me

ocorreu questionar por que motivo o Stephen não me ligara para dizer que chegaria atrasado.

Nunca pensamos que nos pode acontecer a nós, não é verdade?

A princípio formávamos apenas um pequeno grupo, de outras pessoas que, tal como eu, tinham chegado mais cedo: uma rapariga bonita, com o cabelo pintado de ruivo, que segurava um balão em forma de coração preso a uma vara, um sujeito com rastas e físico de lutador e um casal de meia-idade, ambos com a pele estragada dos fumadores, vestidos com idênticos fatos de treino cor de cereja. De modo algum o género de pessoas com quem eu gostasse de conviver. É estranho como as nossas impressões podem ser tão erróneas. Agora conto-os entre alguns dos meus amigos mais íntimos. É bom de ver que este tipo de coisas acaba sempre por nos aproximar, não é verdade?

Deveria ter-me dado conta, ao observar a expressão de choque no rosto do jovem com borbulhas, por detrás do balcão, e o rosto sem pinga de sangue da mulher que pairava em volta dele, que algo de horrível acontecera, mas tudo o que eu conseguia sentir, nesse momento, era irritação.

— Mas afinal o que se passa? — perguntei bruscamente com o meu melhor sotaque da série *Cavendish Hall*.

O jovem conseguiu gaguejar que deveríamos segui-lo até onde «mais informações nos seriam comunicadas».

Fizemos o que nos disseram, embora deva confessar que fiquei surpreendido pelo facto de o casal com fatos de treino cor de cereja não ter começado a discutir, pois não me parecia tratar-se do tipo de pessoas que gostam de acatar ordens. Mas, tal como me contaram semanas mais tarde, num dos Encontros do Voo 277, nessa altura ambos se recusavam a acreditar no pior. Não queriam saber e, se alguma coisa desagradável acontecera ao avião, não queriam ouvi-lo da boca de um rapaz que acabara de sair da puberdade. O adolescente corria à nossa frente, presumivelmente para que nenhum de nós tivesse uma oportunidade de lhe fazer mais perguntas, conduzindo-nos através de uma porta inócua situada ao lado das instalações da alfândega. Fomos então levados através de um longo corredor, que, a julgar pela sua pintura a descascar-se e pelo chão muito riscado, não se situava numa secção do aeroporto tipicamente exposta aos olhares públicos. Lembro-me de ter sentido um cheiro azedo a tabaco que parecia provir de algum lugar em flagrante desrespeito pela proibição de fumar.

Acabámos numa sala deprimente e sem janelas, com sofás cor de vinho, há muito desenhados para uma sala de estar. O meu olhar foi atraído por um desses cinzeiros tubulares dos anos setenta, meio descon-

dido atrás de uma hortense de plástico. É engraçado as coisas de que nos conseguimos lembrar...

Um fulano com um fato de poliéster segurando uns papéis presos a uma prancha de madeira aproximou-se de nós com um ar gíngão, com a maçã de Adão a subir e a descer como se sofresse da síndrome de Tourette. Apesar de estar pálido como um cadáver, tinha as faces inflamadas devido a uma erupção cutânea provocada pela máquina de barbear. Os seus olhos corriam por todo o lado, olhando muito brevemente para os meus, para em seguida os focar em algo mais distante.

Foi então que caí em mim, penso. Apercebi-me de uma forma revoltante de que estaria prestes a ouvir qualquer coisa que mudaria para sempre a minha vida.

— Diga lá então, amigo — sugeriu finalmente Kelvin, o sujeito com as rastas.

O homem de fato de poliéster engoliu repetidamente em seco. — Tenho imensa pena de ter de vos comunicar que o Voo 277 desapareceu do radar há cerca de uma hora.

O mundo pareceu começar a oscilar, e eu comecei a sentir os primeiros sintomas de um ataque de pânico. Sentia um formigueiro nos dedos e o início de um aperto no peito. Foi quando o Kelvin fez a pergunta que todos nós esperávamos mas de cuja resposta sentíamos receio: — Quer dizer que caiu?

— De momento, não podemos ter a certeza, mas acreditem que iremos comunicar convosco logo que tenhamos mais informações. Haverá psicólogos ao vosso dispor para alguém que...

— E há sobreviventes?

As mãos do homem de fato tremiam, e o aviãozinho de desenhos animados que piscava o olho no seu crachá de plástico da Go! Go! parecia gozar connosco, com a sua atrevida despreocupação. «Deviam ter-lhe chamado Gay! Gay! Air», costumava Stephen ironizar, sempre que via um dos anúncios terríveis da Go! Go! na televisão. Ele estava sempre a brincar com o facto de aquele aviãozinho de desenhos animados ser mais amaricado do que um autocarro cheio de travestis. Eu, não me senti ofendido; era o tipo de relação que nós tínhamos. — Tal como disse — repetiu o homem de fato, muito perturbado —, temos psicólogos que ficarão ao vosso dispor.

Mel, a parte feminina do casal em fato de treino, exclamou então: — Que se lixem os vossos psicólogos, diga-nos apenas o que aconteceu!

A rapariga do balão começou a soluçar com o entusiasmo de uma das personagens da série *Eastenders*, e Kelvin pôs-lhe um braço pelo ombro. Deixou cair o balão e reparei como o mesmo saltara tristemen-

te pelo chão, acabando por parar ao lado do cinzeiro retro. As outras pessoas estavam a entrar na sala, conduzidas por mais funcionários da Go! Go!, a maioria dos quais parecia tão confusa e impreparada como o adolescente com borbulhas.

O rosto de Mel estava tão avermelhado como o seu camisolão cor de cereja, à medida que apontava um dedo mesmo diante do rosto do funcionário. Todos pareciam estar a gritar ou a chorar, mas eu senti uma estranha distância em relação ao que estava a acontecer, como se me encontrasse nos bastidores à espera da minha entrada em cena. E isto é uma coisa horrível que terei de admitir, mas pensei logo, *lembra-te do que estás a sentir, Paul, poderás usá-lo nas tuas atuações*. Não me orgulho de o ter pensado, estou apenas a ser sincero.

Continuei a observar o balão e, de repente, ouvi as vozes da Jessica e da Polly, como se ambas estivessem mesmo a meu lado: — Mas tio Paaaaauuuuuul, o que é que mantém o avião no ar? — O Stephen convidara-me para ir almoçar com ele no domingo da semana antes da sua partida, e as gémeas, por qualquer razão, não tinham parado de me incomodar com perguntas sobre o voo, supondo que eu era uma verdadeira fonte de conhecimentos acerca de viagens aéreas. Era a primeira vez que as crianças iam andar de avião, e estavam mais animadas com isso do que com o facto de ser domingo. Dei por mim a tentar lembrar-me da última coisa que o Stephen me dissera, qualquer coisa como: — Ver-te-ei quando estiveres mais velho, meu amigo. — Não éramos gémeos verdadeiros, mas como poderia eu ter adivinhado que qualquer coisa terrível iria acontecer? Retirei o telemóvel do bolso, lembrando-me de que o Stephen me enviara uma mensagem no dia anterior: «As meninas dizem olá. Este local está cheio de parvos. Chegamos às 15:30. Não te atrases.» Eu voltava a passar o dedo pelas minhas mensagens, tentando encontrá-la. De repente era absolutamente vital que a tivesse guardado. Não estava lá. Devia tê-la apagado acidentalmente.

Mesmo ao fim de algumas semanas, ainda desejava tê-la guardado.

Sem saber bem como, vi-me de novo na área das chegadas. Não me recordo sequer de como lá cheguei ou se alguém me tentou impedir de sair daquela sala medonha. Fui andando, sentindo que as pessoas estavam a olhar para mim, se bem que, naquele momento, me parecessem tão insignificantes como figurantes. Havia algo no ar, semelhante à sensação de peso que sentimos mesmo antes do desencadear de uma tempestade. Pensei, *que se lixe, preciso de uma bebida*, o que, desde que me mantivera sóbrio durante os últimos dez anos, não era bem o meu género. Caminhei meio a dormir em direção ao bar irlandês, do outro lado das chegadas. Um grupo de rufias a condizer reunia-se em torno

do balcão com os olhos postos numa televisão. Um deles, com uma cara muito rosada e com um sotaque *cockney*, estava a falar demasiado alto acerca do 11 de setembro, e a dizer a todos que teria de chegar a Zurique por volta das 5.50, ou «alguém iria pagar bem caro». Parou a meio da frase quando me aproximei, e os outros abriram espaço para mim, recuando como se eu sofresse de uma doença contagiosa. É claro que aprendi desde então que a dor e o horror *são* contagiosos.

O som da televisão estava no máximo e o pivô, um daqueles horrores americanos cheios de botox, com dentes à Tom Cruise e muita maquilhagem, começou a tagarelar em primeiro plano. Por detrás dele, via-se o panorama do que parecia ser uma espécie de pântano, com um helicóptero a pairar por cima. E então li a mensagem que passava em baixo: «Acidente da Maiden Airlines nos Everglades.»

Acabaram de cometer um erro, pensei. O Stephen e as meninas viajavam na Go! Go!, não nesse voo.

E foi então que me apercebi. Tinha caído outro avião.

Às 14:35 (horário da África Central), um avião *Antonov* de carga e passageiros, alugado pela transportadora nigeriana Dalu Air, caiu no coração do Khayelitsha, o município mais populoso da Cidade do Cabo. Liam de Villiers foi um dos primeiros paramédicos no local do acidente. Tratando-se de um paramédico de Suporte Avançado de Vida para a Cape Medical Response, no momento do incidente, Liam trabalha agora como psicólogo especializado em questões de trauma. Esta entrevista foi realizada via Skype e *e-mail*, e compilada num único relato.

Estávamos a lidar com um incidente em Baden Powell Drive quando isso aconteceu. Um táxi tinha embatido contra um *Mercedes* e capotara, mas não era assim tão grave. O táxi nessa ocasião encontrava-se vazio e, apesar de o motorista ter tido apenas uns quantos ferimentos leves, precisávamos de o transportar de *ferry* para o serviço de acidentes, para levar uns pontos. Era um daqueles raros dias serenos, o vento de sudoeste, que soprava há semanas, tinha acalmado, e havia apenas um penacho de nuvem por cima do topo da Montanha da Mesa. Um dia perfeito, creio que poderíamos dizer, embora estivéssemos estacionados demasiado perto da Estação de Tratamento de Águas Residuais de Macassar para que nos pudéssemos sentir muito bem. Depois de cheirar tudo aquilo durante vinte minutos, estava contente por não ter tido a oportunidade de devorar a galinha que comprara no KFC para o almoço.

Nesse dia, estava a trabalhar com o Cornelius, um dos nossos colegas mais novos. Ele era um fulano simpático com um bom sentido de humor. Enquanto eu tratava do motorista, ele estava à conversa com dois guardas de trânsito que se encontravam no local do acidente. O motorista de táxi gritava ao telemóvel, mentindo ao seu chefe, enquanto eu lhe colocava ligaduras no ferimento do braço. Ninguém diria que ele tivera um desastre. Olhe que não o vi pestanejar uma única vez. Estava prestes a perguntar a Cornelius se ele avisara o serviço de acidentes da False Bay de que estávamos a levar para lá um sinistrado quando o ribombar de um estrondo rasgou o céu, fazendo com que todos déssemos

um salto. A mão do motorista do táxi ficou sem força e o telemóvel caiu-lhe ao chão.

Só então vimos o que se estava a passar. Sei que toda a gente diz isto, mas era exatamente como assistir a uma cena de um filme; não podíamos acreditar no que estava realmente a acontecer. O avião voava tão baixo que eu conseguia ver a pintura lascada no seu logótipo, não sei se está a ver aquela espiral verde em volta de um «D». O trem de aterragem estava para baixo e as asas foram mergulhando loucamente de um lado para o outro, como um equilibrista numa corda a tentar não cair. Lembro-me de ter pensado que o aeroporto se situava no lado contrário. Que diabo estaria a fazer o piloto?

O Cornelius estava a dizer qualquer coisa em altos berros e a apontar para o aparelho. Eu não conseguia ouvir o que ele dizia, mas estava até certo ponto a percebê-lo. A Planície de Mitchell, onde a sua família morava, não era assim tão longe do local para onde o avião se parecia dirigir. Era óbvio que iria cair; não estava a arder, nem algo parecido, mas era claro que estava com problemas graves.

O avião desapareceu da nossa vista, ouviu-se um estrondo, e eu juro que o chão tremeu. Mais tarde, o Darren, o nosso controlador da base, disse que estávamos provavelmente demasiado longe para sentirmos qualquer tipo de tremor, mas é disso que eu me recordo. Segundos depois, uma nuvem negra irrompeu no céu. Era enorme, e fez-me pensar nas imagens de Hiroshima. E eu pensei, *meu Deus, ninguém poderia ter sobrevivido a uma coisa daquelas*.

Não parámos sequer para pensar. O Cornelius saltou para o táxi e começou a enviar mensagens de rádio para a estação base, dizendo-lhes que tínhamos em mãos um incidente grave e para informarem o centro de gestão de acidentes. Disse ao motorista de táxi que ele teria de esperar por outra ambulância para o levar para o serviço de acidentes e gritei: — Diga-lhes que é uma Fase Três, diga-lhes que é uma Fase Três! — Os polícias já estavam na estrada, dirigindo-se a toda a velocidade para o desvio de Khayelitsha Harare. Saltei para a parte de trás da ambulância, com a adrenalina a invadir-me o sangue e a apagar todo o cansaço que sentia, depois de ter estado de serviço durante doze horas.

Enquanto o Cornelius guiava, seguindo no encaço do carro da polícia, retirei a *Bergen* do coldre, comecei a remexer nos armários em busca dos pensos para as queimaduras, das garrafas de líquidos intravenosos, qualquer coisa que eu pensasse que poderia vir a precisar, e coloquei-os na maca que se encontrava na parte de trás. Somos treinados para isso, é claro, para um avião que possa cair, quero dizer. Existe um local destinado em Fish Hoek na False Bay para esse tipo de emergências, e eu

perguntava-me se era para aí que o piloto se estava a dirigir, logo que se apercebeu de que não iria conseguir chegar ao aeroporto. Mas não irei mentir, a formação é uma coisa, e eu nunca pensei que teríamos de lidar com uma situação desse tipo.

O percurso encontra-se gravado na minha memória de um modo que ninguém poderia acreditar: a estática e os estalidos do rádio, à medida que as vozes iam relatando o que se passava, as mãos de Cornelius agarradas ao volante, com os nós dos dedos extremamente brancos, o fedor da minha refeição comprada na rua e que eu nunca chegara a comer. E olhe, isto poder-lhe-á soar mal, mas há partes de Khayelitsha onde normalmente nunca sonharíamos penetrar, pois tivemos incidentes em que o pessoal fora detido. Todos os serviços de ambulância lho poderão contar, mas isto era diferente. Nem sequer me ocorreu preocupar-me em entrar na Little Brazzaville. O Darren voltava a comunicar pelo rádio, guiando o Cornelius através do procedimento, dizendo-lhe que teríamos de esperar até que o local do acidente fosse considerado como uma zona segura. Em situações como estas, não há lugar para heróis. Não queremos ser feridos nem juntarmo-nos ao número de sinistrados com que os outros teriam de lidar.

À medida que nos íamos aproximando do local, podia ouvir gritos que se misturavam com as sirenes vindas de todas as direções. Uma nuvem de fumo rolava na nossa direção, cobrindo o para-brisas com uma camada gordurosa, e o Cornelius viu-se obrigado a diminuir a velocidade e a ligar o limpa-para-brisas. O cheiro acre a combustível queimado enchia a ambulância. Não consegui retirar de mim esse fedor durante vários dias. O Cornelius pôs o pé nos travões quando uma multidão veio ao nosso encontro. A maioria transportava televisões, crianças a chorar, móveis e até mesmo cães. Esses indivíduos não andavam a saquear, sabiam apenas com que rapidez o fogo poderia espalhar-se na área. Muitas das casas encontravam-se coladas umas às outras, barracas feitas de madeira e ferro corrugado, muitas delas pouco mais do que pedaços de lenha, já para não mencionarmos a quantidade de parafina que por aí existia.

Fomos abrandando até prosseguirmos muito devagar, e eu conseguia ouvir um ruído de mãos a baterem nos lados da ambulância. Na verdade baixei-me quando ouvi o estrondo de uma outra explosão, e pensei, *merda, agora é que o avião caiu mesmo*. Os helicópteros sobrevoavam toda a área como um enxame, e eu gritei para que o Cornelius parasse. Era óbvio que não poderíamos ir muito mais longe sem pôr em perigo a nossa segurança. Saí da parte de trás, e tentei ganhar coragem para o que estávamos prestes a enfrentar.

Era um caos. Se não o tivesse visto com os meus próprios olhos, não teria sabido que fora um avião que caíra. Teria apenas assumido que uma grande bomba deflagrara. E o calor que de lá vinha... Vi mais tarde as reportagens filmadas de helicóptero, o buraco negro no chão, as barracas que tinham sido destruídas, a escola que os americanos tinham construído esmagada como se tivesse sido feita de paus de fósforo, a igreja rachada ao meio, tão insignificante como uma casota de jardim.

— Há mais! Há mais! Ajudem-nos! — gritavam as pessoas. — Aqui! Aqui!

Era como se centenas de pessoas se dirigissem a nós em busca de ajuda, mas, felizmente, os polícias que estavam no local da colisão mais pequena empurraram a maioria deles para trás, para que pudéssemos avaliar o que tínhamos pela frente. O Cornelius começou a organizá-los em grupos de triagem, tentando avaliar quem necessitaria de atenção com mais urgência. Soube de imediato que a primeira criança que eu vira não iria sobreviver. A sua mãe, perturbada, disse que estavam ambos a dormir quando ouviu um barulho ensurdecedor e pedaços de escombros tinham começado a chover no seu quarto. Sabemos agora que o avião se desfez com o impacto, dispersando pedaços queimados como quando se espalham os herbicidas.

Um médico do hospital de Khayelitsha foi o primeiro que aí chegou, iniciando um trabalho fantástico. O indivíduo sabia o que estava a fazer. Mesmo antes de a equipa de gestão de acidentes ter aparecido, já ele tinha reservado áreas para as tendas de triagem, para a morgue e para estacionar as ambulâncias. Existe um sistema que tem de obedecer a uma certa planificação e que não pode ser deixado ao acaso. Montaram o círculo exterior em tempo recorde, e os serviços de incêndios e salvamento do aeroporto chegaram aí minutos depois para proteger a área. Era vital que se certificassem de que não iríamos ter de lidar com mais explosões. Estávamos todos conscientes da quantidade de oxigénio que os aviões transportavam, já para não falar do combustível.

Lidámos principalmente com os desastres periféricos. A maioria tratava-se de queimaduras, de membros cortados por metal que voara, algumas amputações, muitas pessoas com problemas oculares, em especial as crianças. Eu e o Cornelius empenhámo-nos por completo. Os polícias mantiveram as pessoas à distância, mas não podíamos culpá-las por se amontoarem à nossa volta. Pessoas a gritarem por familiares perdidos, pais à procura de crianças que estavam na escola ou na creche, outros exigindo saber qual o estado dos entes queridos que tinham sido feridos. Havia muitos a filmarem com os telemóveis; não os posso criticar por isso, cria uma certa distância, não é verdade? E a imprensa estava

por todo o lado, como um enxame à nossa volta. Tive de evitar que o Cornelius desse um murro num sujeito com uma máquina de filmar sobre o ombro, que continuava a tentar aproximar-se do seu rosto.

E, à medida que o fumo se foi dissipando, podíamos ver, pouco a pouco, a extensão da devastação. Havia metal amachucado, pedaços de roupas, móveis e eletrodomésticos partidos, sapatos dispersos, um telemóvel pisado. E corpos, é claro. A maioria deles estavam queimados, mas havia outras coisas, pedaços, não sei se está a ver... Ouviam-se gritos por todo o lado, enquanto iam descobrindo cada vez mais gente. A tenda que eles estavam a usar como uma morgue improvisada já não iria chegar.

Trabalhámos durante o dia e nessa noite até tarde. Ao escurecer, iluminaram o local com holofotes e, de algum modo, isso foi ainda pior. Mesmo com o seu equipamento de proteção respiratória, alguns dos voluntários mais jovens da gestão de acidentes não conseguiam lidar com aquilo, podíamos vê-los a correr para irem vomitar.

Os sacos de cadáveres continuaram a acumular-se.

Não passa um dia sem que eu deixe de pensar nisso. Ainda não consigo comer galinha frita.

Já sabe o que aconteceu ao Cornelius, não é verdade? A mulher dele diz que nunca irá ser capaz de lhe perdoar, mas não é esse o meu caso. Sei bem como nos sentimos quando se está sempre ansioso, quando não se consegue dormir e começamos a chorar sem qualquer motivo. Foi por isso que me vim juntar aos psicólogos que lidam com questões traumáticas.

Veja bem, a não ser que tivesse lá estado, não existe nenhuma maneira de o descrever de forma adequada, mas deixe-me contextualizar. Tenho vindo a fazer isto há mais de vinte anos, e acredite que vi algumas coisas bem terríveis. Estive no rescaldo de uma morte por suplicio de pneu a arder em volta do pescoço, o corpo ainda a deitar fumo, o rosto fixo numa expressão que o meu amigo nunca irá querer ver no seu pior pesadelo. Estava de serviço quando a greve dos trabalhadores municipais começou a complicar-se e os polícias abriram fogo, trinta mortos, e nem todos com ferimentos de balas. Não vai querer ver os danos que um peixe panga pode causar. Já estive em amontoados de automóveis em que os corpos de crianças e de bebés ainda nos seus assentos tinham sido arremessados para três faixas de rodagem cheias de automóveis. Vi o que acontece quando um camião *Buffel* perde os travões e esmaga um *Ford Ka*. E, quando estive a trabalhar no mato, no Botsuana, deparei-me com os restos de um guarda-florestal que fora cortado ao meio por um hipopótamo. Mas nada se poderá comparar com o que vimos naquele

dia. Todos percebemos aquilo por que o Cornelius teve de passar, toda a equipa percebeu.

Ele fê-lo no interior do seu carro, lá longe na Costa Oeste, onde costumava ir pescar. Asfixia com uma mangueira ligada ao escape. Sem sujar nada, sem problemas.

Sinto muito a sua falta.

Depois, fomos muito criticados por termos tirado fotografias do local do acidente e de as termos postado no Facebook. Mas não irei pedir desculpas por causa disso. Essa é uma das maneiras com que lidamos com o assunto, precisamos de conversar sobre isso e, se você não estiver a trabalhar nestas coisas, não irá perceber. Fala-se agora em exercer uma certa censura, dado que há uns quantos anormais que continuam a usar a Net para a sua propaganda. Tendo crescido num país como este, com a nossa história, não sou lá muito fã de censuras, mas posso dar-me conta de que começam a tentar exercê-la. Creio que estão apenas a atirar acheras para a fogueira.

Mas digo-lhe uma coisa, eu estava lá, mesmo no local do acidente, e não haveria maneira de alguém nesse avião poder ter sobrevivido. Nem pensar. Posso jurar-lho, não importa o que esses cabrões da teoria da conspiração digam (se me desculpa o termo).

Olhe que ainda lho posso jurar.

Yomijuri Miyajima, geólogo e monitor voluntário de suicidas, na mal-afamada floresta japonesa de Aokigahara, um local popular para os deprimidos porem termo às suas vidas, estava de serviço na noite em que um *Boeing 747-400D*, operado pela transportadora nacional japonesa Sun Air, caiu no sopé do Monte Fuji.

(Tradução de Eric Kushan.)

Estava à espera de encontrar um corpo nessa noite, não centenas deles.

Os voluntários não costumam fazer patrulhas durante a noite, mas foi apenas, quando estava já a escurecer, que a nossa estação recebeu um telefonema de um pai muito preocupado com o seu filho adolescente. O pai do rapaz tinha intercetado uma série de *e-mails* preocupantes, e encontrara um exemplar do manual do suicídio de Wataru Tsurumi, sob o colchão da cama do filho. Juntamente com o conhecido romance de Matsumoto, trata-se de um texto popular para aqueles que procuram pôr termo às suas vidas, na floresta. Tenho vindo a encontrar mais exemplares espalhados por aí do que o número de anos em que aqui tenho trabalhado.

Existem algumas câmaras para monitorizar a atividade suspeita na entrada mais popular deste recinto, mas não recebi qualquer confirmação de que o rapaz tinha sido visto e, se bem que tivesse uma descrição do carro do adolescente, não consegui encontrar qualquer sinal do mesmo ao lado da estrada nem em qualquer um dos pequenos parques de estacionamento perto da floresta. Mas isso não era por si só revelador. Muitas vezes as pessoas conduzem até locais remotos ou escondidos, nas margens da floresta, para porem termo às suas vidas. Alguns tentam matar-se com os gases de tubo de escape, outros por inalação de fumos tóxicos, libertados pelo carvão de churrascos portáteis. Mas, de longe, o método mais comum é o enforcamento. Muitos dos suicidas trazem tendas e materiais, como se precisassem de passar uma noite ou duas a meditar sobre o que estão prestes a fazer, antes de se decidirem.

Todos os anos, a polícia local e muitos voluntários varrem a floresta para encontrarem os corpos dos que escolheram morrer aqui. A última vez que eu fiz isso, no final de novembro, descobri os restos mortais de

trinta pessoas. A maioria delas nunca chegou a ser identificada. Se eu encontrar alguém na floresta que pense que possa estar a planear matar-se, peço-lhe que considere a dor que irá causar à família que cá fica, e recordo-lhe que a esperança é algo que nunca morre. Aponto para a rocha vulcânica que forma a base do chão desta floresta, e digo-lhes que se as árvores podem crescer numa superfície tão dura e tão implacável, uma nova vida, do mesmo modo, poderá ser construída por cima de qualquer dificuldade.

Mais recentemente, tornou-se uma prática comum para os desesperados trazerem fitas, que usam como marcas para poderem encontrar o caminho de volta, caso venham a mudar de ideias, ou, na maioria dos casos, para indicar onde os seus corpos poderão ser encontrados. Outros usam fitas por motivos mais nefastos: passeios macabros de *voyeurs*, na esperança de se depararem com um dos falecidos, mas que não estão dispostos a perderem-se na floresta.

Voluntariei-me para me aventurar por aqui a pé e, com isso em mente, comecei por verificar se haveria alguma indicação de que pedaços de fita recente tivessem sido postos em volta de troncos de árvores. Já tinha escurecido, de modo que me era impossível ter a certeza, mas penso que me dei conta de algumas marcas deixadas por quem penetrara na área onde uma tabuleta indica «Não Ultrapasse Esta Zona».

Não estava preocupado com o facto de me poder perder, pois conheço bem a floresta e nunca me perdi. Desculpe-me se lhe pareço um pouco arrogante, mas depois de fazer o que faço há vinte e cinco anos, este local tornou-se parte de mim. E eu tinha uma lanterna potente e o meu GPS. Não que a rocha vulcânica por baixo do chão da floresta possa apagar as coordenadas. Mas a floresta é um íman para mitos e lendas, e as pessoas acabam sempre por acreditar no que querem.

Uma vez na floresta, é como se ficássemos no interior de um casulo. As copas das árvores formam um teto suavemente ondulado que nos isola do resto do mundo. Alguns poderão achar a quietude e o silêncio da floresta um pouco sinistros, mas eu não. Os *yūrei*² não me assustam. Nada teremos a temer quanto aos espíritos dos mortos. Talvez tenha ouvido as histórias de que esta floresta era um local comum para o *ubasute*, a prática de abandonar os idosos ou os doentes a fim de morrerem de fome ou por exposição aos elementos naturais? Mas não há qualquer base para tal. Trata-se apenas de mais uma das muitas histórias que esta floresta atrai. Há quem acredite que os espíritos se sentem muito sozi-

² Vagas figuras de fantasmas, de acordo com a tradição japonesa. (N. do T.)

nhos, tentando que as pessoas lhe venham fazer companhia. Acredita-se que é por isso que muita gente vem até à floresta.

Eu não vi o avião a cair. Como lhe disse, o dossel da floresta esconde o céu, mas ouvi-o. Uma série de estrondos abafados, como portas gigantes a fecharem-se bruscamente. O que pensei que tivesse sido? Suponho que assumi que poderia tratar-se de trovoadas, embora não fosse época para tempestades ou tufões. Estava demasiado absorto a perscrutar as sombras, as depressões e os buracos no chão da floresta, em busca de um rasto desse adolescente de que lhe falei, para poder especular.

Estava quase a desistir quando o meu rádio deu um estalo e Sato-san, um dos meus colegas monitores, me alertou para o facto de que um avião se tinha desviado da sua rota e caíra em algum lado nos arredores da floresta, muito provavelmente na área de Narusawa. É claro que me apercebi então de que essa deveria ser a origem do estrondo que ouvira antes.

Sato indicou-me que as autoridades iam a caminho, e disse-me que já estava a organizar uma equipa de busca. Parecia estar sem fôlego, profundamente chocado. Ele sabia bem, tal como eu, como seria difícil para os socorristas chegarem ao local. O terreno em algumas áreas da floresta é quase impenetrável. Em muitos locais, existem fendas profundas e escondidas que tornam perigosas quaisquer tentativas de as atravessarmos.

Decidi então dirigir-me para norte, na direção do som que acabara de ouvir.

Uma hora depois, já conseguia ouvir o rugido dos helicópteros de busca e salvamento a varrerem a floresta. Sabia que lhes seria impossível aterrar e, por isso, aventurei-me um pouco mais, com uma certa urgência. Se houvesse sobreviventes, sabia que tinha de os alcançar rapidamente. Passadas duas horas, comecei a sentir um cheiro a fumo; as árvores tinham-se incendiado em várias zonas, mas, felizmente, o fogo não se espalhou e os seus ramos brilhavam, à medida que as chamas se recusavam a atear-las e se começavam a extinguir. Qualquer coisa fez com que eu varresse os ramos das árvores com o foco da minha lanterna e reparasse num pequeno vulto pendurado num deles. De início, pensei que se tratasse do corpo carbonizado de um macaco.

Mas não era.

Havia outros, é claro. A noite estava acesa, com o som dos helicópteros de busca e salvamento e da imprensa e, ao passarem por cima da minha cabeça, as suas luzes iluminaram inúmeros corpos presos nos ramos. Alguns consegui ver em grande detalhe; mal me pareciam feridos,

era quase como se estivessem a dormir. Outros... Outros não tiveram a mesma sorte. Todos estavam parcialmente vestidos ou nus.

Esforcei-me por alcançar o que agora se designa como o local do acidente principal, onde a cauda e a asa cortada foram encontradas. As equipas de resgate estavam a descer por cordas para o local, pois não era possível que os helicópteros pudessem aterrar num terreno tão irregular e traiçoeiro.

Tudo me pareceu estranho quando me aproximei da cauda da aeronave. Esta elevava-se diante de mim com o seu logótipo vermelho espantosamente intacto e impante. Corri para onde um casal de paramédicos do ar estava a tratar de uma mulher que se encontrava a gemer no chão. Não posso dizer se estava gravemente ferida, mas nunca ouvi um som daqueles, vindo de um ser humano. Foi então que me apercebi de um certo movimento através da minha visão periférica. Algumas das árvores ainda estavam em chamas nessa área, e vi um vulto pequeno, enrolado sobre si mesmo, parcialmente escondido atrás de um afloramento de retorcidas rochas vulcânicas. Corri em direção a ele, e captei o brilho de dois olhos no feixe de luz da minha lanterna. Deixei cair a minha mochila e comecei a correr, movendo-me mais rápido do que alguma vez fui capaz.

Quando me aproximei, percebi que estava a olhar para uma criança, para um rapazinho.

Ele estava de cócoras, tremendo violentamente, e consegui ver que um dos seus ombros parecia estabelecer, em relação ao corpo, um ângulo muito pouco natural. Gritei aos paramédicos para que viessem rapidamente, mas eles não me conseguiam ouvir devido ao barulho dos helicópteros.

Que lhe disse eu? É difícil lembrar-me com exatidão, mas deve ter sido algo como: — Estás bem? Não entres em pânico, estou aqui agora para te ajudar.

Tão espessa era a mortalha de sangue e lama que lhe cobria o corpo que, no início, não reparei que ele estava nu. Disseram mais tarde que as suas roupas tinham sido arrancadas pela força do impacto. Estendi a mão para lhe tocar. Estava gelado, mas isso não era de admirar, a temperatura descera abaixo de zero.

Não tenho vergonha de dizer que chorei.

Enrolei-lhe o meu casaco em volta do corpo e, tão cuidadosamente quanto possível, peguei nele ao colo. O menino colocou a cabeça no meu ombro e disse-me baixinho ao ouvido: — Três. — Ou, pelo menos, foi isso que eu pensei que ele disse. Pedi-lhe para repetir o que me acabara de dizer, mas nesse momento ele já tinha fechado os olhos e os lábios en-

contravam-se vagamente entreabertos, como se estivesse a dormir, e eu estava mais preocupado em levá-lo para uma área segura e em mantê-lo quente, antes que a hipotermia o atacasse.

É claro que toda a gente agora me pergunta: achou que havia algo de estranho nesse rapaz? Claro que não! Ele acabara de passar por uma experiência horrível e o que eu tinha visto eram apenas sinais de choque.

E não concordo com o que alguns andam a dizer a seu respeito. Que ele está possuído por espíritos enraivecidos, talvez por aqueles dos passageiros mortos que invejam o facto de ele ter sobrevivido. Alguns dizem que ele mantém essas almas furiosas no seu coração.

Também não dou qualquer crédito às outras histórias que rodeiam essa tragédia (que o piloto era um suicida, que a floresta o puxava na sua direção); por que outro motivo, então, ir cair em Jukei? Histórias deste género só causam dor e dificuldades adicionais onde já existem suficientes. É óbvio para mim que o comandante lutou para tentar que o avião caísse numa área despovoada. Teve só escassos minutos para reagir e fez o que deveria ter feito.

E como pode um menino japonês ser o que os americanos andam a dizer? Ele é um milagre, aquele garoto. E eu irei lembrar-me dele para o resto da minha vida.

A minha correspondência com Lillian Small continuou até o FBI insistir que ela já não tivesse contacto com o mundo exterior para sua própria segurança. Embora a Lillian vivesse em Williamsburg, Brooklyn, e eu residisse em Manhattan, nunca nos encontramos pessoalmente. Os seus relatos são extrapolados a partir das nossas conversas ao telefone e de *e-mails*.

O Reuben tinha estado inquieto durante toda a manhã e eu instalara-o em frente da CNN, o que por vezes o acalmava. Nos velhos tempos, gostava de ver as atualizações das notícias, especialmente qualquer coisa relacionada com a política; adorava isso. Costumava gritar para os comentadores e analistas políticos como se os mesmos o pudessem ouvir. Não acredito que ele tivesse perdido um debate ou uma entrevista durante os exames médicos semestrais, que era quando eu realmente vinha a saber se havia algum problema. Ele estava a tentar lembrar-se do nome de um governador do Texas, não sei se sabe, um parvalhão que não conseguia pronunciar a palavra «homossexual» sem fazer um trejeito de nojo com a boca. Nunca irei esquecer o olhar no rosto de Reuben à medida que tentava recordar-se do nome desse ignorante. Ele tinha andado a esconder-me os seus sintomas, não sei se está a ver. Há já alguns meses que o fazia.

Naquele dia terrível, a apresentadora estava a entrevistar um analista qualquer sobre as suas previsões para as primárias quando o interrompeu a meio da frase: — Lamento muito, mas irei ter de o interromper, acabámos de ser informados de que um avião da Maiden Airlines caiu na Florida, nos Everglades...

É claro que o primeiro pensamento que me veio à cabeça, quando ouvi as palavras «queda de avião», foi logo o do 11 de setembro. Terrorismo. Uma bomba a bordo. Duvido que haja uma única pessoa em Nova Iorque que não tenha pensado nisso quando ouviu falar sobre o acidente. É qualquer coisa de que se está sempre à espera.

E, em seguida, vimos as imagens no ecrã: uma vista aérea, a partir de um helicóptero. Não mostrava muita coisa, um pântano, com uma massa oleosa no centro, onde o avião se despenhara com tanta força

que tinha sido engolido. Os meus dedos estavam gelados, como se eu tivesse estado a mexer em gelo, embora me certifique sempre de que o apartamento se encontra devidamente aquecido. Mudei o canal para um programa de entrevistas, tentando livrar-me desse sentimento desconfortável. O Reuben tinha adormecido, o que eu esperava que me desse tempo suficiente para mudar os lençóis e levá-los até à lavandaria no andar térreo do prédio.

Estava quase a terminar quando o telefone tocou. Corri para o ir atender, preocupada com o facto de o Reuben poder acordar.

Era a Mona, a melhor amiga da Lori. E eu pensei, por que motivo me estará a Mona a telefonar? Não há grande intimidade entre nós e ela sabe que eu nunca gostei muito dela, sempre achei que era muito atrevida, uma má influência. Descobriu-se que afinal não era bem assim, mas ao contrário da Lori, mesmo já com quarenta anos, a Mona não tinha mudado e continuava a ser uma pessoa muito imprevisível. Já se tinha divorciado duas vezes antes de fazer trinta anos. Sem sequer me ter cumprimentado ou ter falado no Reuben, limitou-se a perguntar-me: — Em que voo é que a Lori e o Bobby iam regressar?

Essa amarga frieza, que eu antes sentira, voltava a tomar conta de mim.

— De que é que está a falar? — disse eu de imediato. — Eles não vêm em nenhum maldito avião.

E ela continuou: — Mas Lillian, a Lori não lhe disse? Ela ia até à Flórida para ver de um apartamento para si e para o Reuben.

A minha mão ficou sem forças e deixei cair o telefone, com a voz choramíngada dela ainda a ecoar fora do auscultador. Senti as pernas a fraquejarem e lembro-me de ter começado a rezar para que se tratasse apenas de uma dessas brincadeiras de mau gosto de que a Mona tanto gostava quando era mais nova. Depois, sem me despedir dela, desliguei, para poder telefonar à Lori, e quase comecei aos gritos quando me dei conta de que tinha ido parar diretamente à sua caixa de mensagens. A Lori tinha-me dito que iria levar o Bobby com ela, pois ia ver um cliente em Boston, que não me preocupasse se ela não me contactasse durante uns dias.

Ah, como eu gostaria de ter podido falar com o Reuben nesse momento! Ele teria sabido o que fazer. Acho que o que eu estava mesmo a sentir, nesse instante, era puro medo. Não o tipo de medo que sentimos quando vemos um filme de terror, ou somos abordados por um sem-abrigo com olhos de doido, mas antes uma sensação tão intensa que mal conseguimos controlar o corpo, como se já não estivéssemos realmente ligados a ele. Conseguia ouvir a agitação de Reuben, mas, mesmo

assim, saí do apartamento para bater à porta da vizinha do lado, pois não me ocorreu mais nada que pudesse fazer. Graças a Deus, a Betsy estava em casa, olhou para mim e puxou-me logo para dentro. Eu estava num tal estado que quase não reparei na nuvem de fumo de cigarros que lá paira sempre no ar. Geralmente era ela quem me vinha visitar, sempre que nos apetecia um café e umas bolachas.

Serviu-me um conhaque, fez-me bebê-lo de um trago e, em seguida, ofereceu-se para voltar para o apartamento comigo e sentar-se com o Reuben, enquanto eu tentasse entrar em contacto com a companhia aérea. Mesmo depois de tudo o que aconteceu mais tarde, nunca me irei esquecer de como ela foi tão simpática para mim nesse dia.

Não conseguia que me atendessem, a linha estava impedida e eu continuava à espera. Foi quando pensei realmente que sabia o que era o Inferno, estar à espera de ouvir o que acontecera àqueles que nos são mais queridos, enquanto escutamos uma versão barata de *A Garota de Ipanema*. Sempre que ouço a música, hoje em dia, é como se regressasse a esse tempo terrível, ao sabor do conhaque barato na minha boca, o Reuben a gemer na sala de estar, o cheiro da sopa de galinha do dia anterior ainda a invadir a cozinha...

Não sei por quanto tempo tentei ligar para o maldito número. E depois, quando já não estava de modo algum à espera que me atendessem, surgiu uma voz na linha. Uma voz de mulher. Dei-lhe os nomes do Bobby e da Lori. Ela parecia tensa, embora tentasse manter uma certa calma profissional. Essa pausa nunca mais acabava, enquanto eu a ouvia a teclar no computador.

E então ela informou-me: a Lori e o Bobby estavam na lista do voo.

E eu disse-lhe que devia haver qualquer engano. Que a Lori e o Bobby não poderiam ter morrido, que não podia ser. Eu teria sabido. Tê-lo-ia sentido. Que não acreditava no que ela me estava a dizer. Que não me podia conformar. Quando a Charmaine (a psicóloga da Cruz Vermelha, especializada em questões de trauma, que nos foi atribuída) nos veio visitar pela primeira vez, eu ainda estava de tal modo a tentar negar esses acontecimentos que lhe disse... e ainda sinto vergonha quando me lembro... para ela ir para o diabo.

Apesar disso, o meu primeiro impulso foi o de ir diretamente para o local do acidente. Só para ficar mais perto deles. Caso eles não tivessem morrido. Eu não estava a pensar com clareza, tenho de admitir. Como poderia eu fazer uma coisa dessas? Não haveria aviões que para aí fossem, e isso teria significado deixar o Reuben com uma pessoa estranha por Deus sabe quanto tempo, talvez mesmo pô-lo numa casa de saúde. Para todos os sítios que olhava, via os rostos da Lori e do Bobby. Apare-

ciam-me fotografias deles por todo o lado. A Lori com o recém-nascido Bobby ao colo, a sorrir para a objetiva. O Bobby em Coney Island, a pegar num biscoito gigante. A Lori com um fato de rapariga de liceu, a Lori e o Bobby na festa de aniversário dos setenta anos do Reuben, no Jujubee, um ano antes de ele ter começado a piorar, quando ainda se lembrava de quem eu era e de quem era a Lori. Não conseguia parar de pensar na primeira vez em que ela me tinha dito que estava grávida. Eu não reagira bem, não gostava da ideia de ela ir a um lugar desses para comprar esperma, como se isso fosse tão simples como comprar um vestido, para em seguida ser inseminada artificialmente. Parecia-me uma coisa tão fria. — Tenho trinta e nove anos, mamã (já tinha quarenta anos e ainda me tratava por mamã) — observara. — Esta poderá ser a minha última oportunidade e, vamos lá admitir, o Príncipe Encantado não me irá aparecer a qualquer momento.

Todas as minhas dúvidas desapareceram, é claro, quando a vi com o Bobby pela primeira vez. Ela era uma mãe tão maravilhosa!

E eu não podia deixar de me sentir culpada. A Lori sabia que um dia eu esperava mudar-me para a Florida, mudar-me para um daqueles apartamentos limpos, ensolarados e com assistência, onde o Reuben iria receber a ajuda de que precisava. Era por isso que ela tinha feito esta viagem. Estava a pensar fazer-me a surpresa para o meu aniversário. A Lori era assim, uma pessoa altruísta e generosa.

A Betsy estava a tentar acalmar o Reuben o melhor que podia, enquanto eu continuava a andar de um lado para o outro. Não conseguia ficar parada. Estava sempre a mexer-me, continuava a pegar no telefone, para verificar se ainda estava a funcionar, caso a Lori me pudesse querer ligar para dizer que, afinal, no último momento, decidira não embarcar nesse voo. Que ela e o Bobby tinham decidido apanhar um outro, mais tarde. Ou, quem sabe, um que tivesse partido mais cedo. Era a isso que eu me tentava agarrar.

As notícias acerca dos outros acidentes começavam a aparecer, e eu continuava a ligar e a desligar a maldita televisão, não conseguia decidir-me se queria ver o que estava a acontecer, ou não. Oh, as imagens! É estranho pensar nisto agora, mas quando eu vi as imagens daquele menino japonês que estava a ser retirado da floresta e a ser içado para o helicóptero, fiquei cheia de ciúmes. Ciúmes! Porque nessa ocasião nada sabíamos acerca do Bobby. Tudo o que sabíamos era que nenhum sobrevivente tinha sido encontrado na Florida.

Pensei que tínhamos tido toda a má sorte que alguma vez se pudesse ter abatido sobre uma família. Pensei, *por que motivo está Deus a fazer-me uma coisa destas?* Que fizera eu para merecer tudo aquilo?

E, para além de toda a minha culpa, daquela agonia, do terror absoluto que me esmagava, sentia-me só. Porque, independentemente do que tivesse acontecido, estivessem eles naquele avião ou não, eu nunca seria capaz de contar tudo ao Reuben. Ele nunca iria conseguir consolar-me, tomar qualquer decisão, massajar-me as costas quando eu não conseguisse dormir. Tal já não seria possível. Ele, de certo modo, também já não estava ali comigo.

A Betsy só se foi embora quando a Charmaine chegou, disse-me que ia até à cozinha dela para nos fazer qualquer coisa para comer, embora eu não conseguisse engolir o que quer que fosse.

As horas seguintes foram muito confusas. Devo ter resolvido pôr o Reuben na cama, tentando convencê-lo a comer umas colheres de sopa. Lembro-me de esfregar o balcão da cozinha até ficar com as mãos em carne viva e a arderem-me, embora a Charmaine e a Betsy tivessem feito tudo para que eu parasse.

Foi então que recebi a chamada. A Charmaine atendeu o telefone, enquanto eu e a Betsy ficávamos petrificadas na cozinha. Estou a tentar recordar-me das palavras exatas para as repetir, mas as mesmas estão sempre a andar de um lado para o outro na minha cabeça. A Charmaine é afro-americana, com a pele mais linda que possamos conceber. Eles envelhecem bem, não é verdade? No entanto, quando ela entrou na cozinha, parecia dez anos mais velha.

— Lillian — disse ela —, creio que se devia sentar.

Eu tentava não me agarrar a qualquer esperança. Vira as imagens do acidente. Como é que alguém poderia ter sobrevivido a uma coisa daquelas? Olhei-a diretamente nos olhos e pedi-lhe: — Conte-me tudo.

— É o Bobby — disse ela. — Encontraram-no. Está vivo.

E então o Reuben começou a gritar do quarto e eu tive de pedir que ela mo repetisse.

Sediado em Washington, o investigador Ace Kelso do NTSB (Gabinete Nacional de Transportes e Segurança) será conhecido para muitos leitores como a estrela de *O Ace Investiga* que teve quatro temporadas no Canal Discovery. Este relato consiste numa transcrição parcial de uma das nossas muitas conversas pelo Skype.

Você terá de perceber, Elspeth, com um desastre desta magnitude, sabíamos que teríamos de esperar algum tempo antes que pudessemos ter a certeza absoluta daquilo com que iríamos lidar. Veja bem. Quatro acidentes diferentes envolvendo três companhias aéreas, em quatro continentes diferentes, era algo sem precedentes. Sabíamos que teríamos de trabalhar em coordenação e estreita colaboração com o AAIB³ do Reino Unido, com a CAA⁴ da África do Sul, com a JTSA⁵ do Japão, já para não mencionar os outros organismos que teriam a ver com esses incidentes. Estou a falar dos fabricantes, do FBI, da FAA⁶ e de outros que, de momento, não irei enumerar. Os nossos rapazes e as nossas raparigas estavam a fazer tudo o que podiam, mas a pressão era qualquer coisa que eu nunca antes tinha experimentado. A pressão das famílias, a pressão dos executivos das companhias aéreas, a pressão da imprensa... Havia pressão por todos os lados. Não diria que estava à espera que todos metessem os pés pelas mãos, mas temos sempre de contar com alguma desinformação e com erros. As pessoas são humanas. E, à medida que as semanas iam passando, já teríamos muita sorte se conseguíssemos dormir mais de duas horas por noite.

Antes de chegar ao que sei que quer ouvir, irei fazer-lhe um breve resumo dos acontecimentos e contextualizá-los. Foi assim que tudo se passou. Como DI [Diretor de Investigação] do incidente da Maiden Airlines, assim que recebi a chamada, comecei logo a reunir a minha equipa. Um investigador regional já se encontrava a fazer um exame ini-

³ Ramo de Investigação de Acidentes Aéreos. (N. do T.)

⁴ Autoridade para a Aviação Civil. (N. do T.)

⁵ Direção Japonesa de Segurança nos Transportes. (N. do T.)

⁶ Administração da Aviação Federal. (N. do T.)

cial, contudo, todas as filmagens que estávamos a receber vinham-nos dos canais de notícias. O comandante do local das operações relacionadas com o incidente tinha-me informado, através do telemóvel, sobre as condições da zona, de modo que sabia que estávamos perante um horrível acidente. Terá de se lembrar, o local onde o avião caiu era remoto. Ficava a cinco quilómetros da barragem mais próxima, e a mais de vinte da estrada que passava por essa zona. Do ar, a menos que soubéssemos do que estávamos à procura, não víamos qualquer sinal; voámos sobre o local antes de aterrarmos e então é que tive a oportunidade de ver o que se passava. Destroços espalhados, um buraco negro cheio de água, do tamanho de uma casa suburbana média, e um tipo de vegetação capaz de nos cortar.

Eis o que sabia quando fui informado pela primeira vez: um *McDonnell Douglas MD-80* tinha caído minutos após a descolagem. O controlador de tráfego aéreo relatara que os pilotos tinham indicado uma falha no motor, mas eu não estava a ponto de descartar, nessa fase inicial, que tivesse havido sabotagem, sobretudo quando me começavam a chegar relatórios de incidentes que também estavam a acontecer noutros lugares. Havia duas testemunhas (uns pescadores, que tinham visto o avião a comportar-se de forma errática e a voar muito baixo, antes de começar a cair a pique nos Everglades) que me disseram que tinham visto as chamas provenientes do motor quando o aparelho começou a cair, mas isso era bastante normal. As testemunhas relatam quase sempre terem visto sinais de uma explosão ou incêndio, mesmo quando não há qualquer hipótese para que tal pudesse ter acontecido.

Disse logo ao meu pessoal dos sistemas, das estruturas e da manutenção para se deslocarem de imediato para o Hangar 6. A FAA tinha-nos atribuído um *G-IV* para voarmos para Miami. Mas eu precisava de uma equipa completa e o Learjet não iria servir. O histórico da Maiden, no que dizia respeito à manutenção, já nos tinha causado algumas preocupações, mas todos sabiam que aquele tipo de aeronave era de confiança.

Estávamos a uma hora de distância quando recebi uma chamada a dizer que tinham encontrado um sobrevivente. Lembre-se, Elspeth, nós tínhamos visto as imagens televisivas. Nem sequer iríamos saber que um avião se tinha aí despenhado, a não ser que estivéssemos ali mesmo, no local, pois o aparelho estava completamente submerso. Tenho de admitir que, a princípio, não acreditei no que me tinham dito.

O menino tinha sido levado à pressa para o Hospital Infantil de Miami, e nós estávamos a receber relatórios de que ele se encontrava consciente. Ninguém podia acreditar que: a) conseguira sobreviver e, b)

não fora apanhado pelos crocodilos. Havia tantos desses malditos répteis, que tivemos de chamar guardas armados para os manter afastados, enquanto estivéssemos a retirar os escombros.

Quando aterrámos, fomos logo direitos ao local. A DMORT [Morgue da Equipa Operacional de Resposta aos Desastres] já lá estava, mas não me parecia que eles fossem encontrar alguns corpos intactos. Com tão poucas esperanças, a nossa prioridade era encontrar o CVR [gravador de voz da cabine] e a caixa negra, e precisaríamos de arranjar mergulhadores especializados. O local era terrível. Quente como o inferno, cheio de moscas, já para não falar do mau cheiro. Precisávamos de fardamento de proteção química e biológica, que não era agradável de usar nesse tipo de condições. Desde o início que estava a ver que iria levar várias semanas até acabar a nossa operação, e nós não tínhamos semanas, sobretudo quando sabíamos que outros aviões tinham caído nesse dia.

Eu precisava de falar com o rapazinho. De acordo com a lista de passageiros, a única criança com essa idade a bordo era um tal Bobby Small, que viajava para Nova Iorque na companhia de uma senhora que assumimos ser a sua mãe. Optei por ir sozinho, deixando a minha equipa no local, para fazer os meus contactos preliminares e de colaboração com os habitantes locais, e com outras organizações que já estavam a caminho da área do acidente.

A imprensa formava um enxame em torno do hospital, perseguindo-me para que lhes fizesse uma declaração. — Ace! Ace! — chamavam-me eles. — Será que se tratou de uma bomba?

— E os outros acidentes? Estão relacionados?

— É mesmo verdade que há um sobrevivente?

Eu disse-lhes o que costumava sempre dizer, que um comunicado de imprensa seria emitido logo que tivéssemos mais informação, que as investigações ainda estavam em curso, etc., etc. A última coisa que iria fazer, como DI, seria começar a falar antes que tivéssemos algo de concreto.

Telefonara-lhes já para dizer que estava a caminho, mas sabia que não haveria muitas hipóteses de eles me deixarem falar com o miúdo. Enquanto esperava pela autorização dos médicos, uma das enfermeiras saiu rapidamente do seu quarto e esbarrou comigo. Parecia estar quase a chorar. Eu olhei para ela e perguntei-lhe algo como: — Ele está bem, não está?

Ela limitou-se a acenar afirmativamente com a cabeça, e apressou-se a ir para a sala dos enfermeiros. Consegui contactá-la, mais ou menos uma semana depois, e perguntei-lhe por que motivo parecera estar tão

perturbada. Ela não mo podia descrever por palavras. Disse-me que tinha a sensação de que algo não estava bem. Não gostara de estar no quarto. Sentia-se culpada ao admiti-lo, era óbvio. Disse-me que devia ter ficado muito afetada, ao pensar em todas as pessoas que tinham morrido de uma só vez, mais do que ela pensava, que o Bobby era uma lembrança viva de quantos tinham perdido as suas vidas naquele dia.

A psicóloga infantil, que se encarregara do caso, chegou alguns minutos depois. Uma bela rapariga, de trinta e poucos anos, mas que parecia mais jovem. Esqueci-me do nome dela... Polanski? Ah, não, era Pankowski. Obrigado. Ela tinha acabado de ser escolhida para se encarregar do caso, e a última coisa que queria era que um investigador entusiasta perturbasse o rapaz. Eu disse-lhe: — Minha senhora, estamos aqui a braços com um incidente internacional, o rapazinho que está aí dentro pode ser uma das únicas testemunhas que nos poderá ajudar.

Não quero que pense que sou insensível, Elspeth, mas, nessa fase, a informação sobre os outros incidentes era ainda vaga e, tanto quanto sabia, o miúdo podia ser a chave para todos os acontecimentos. Lembre-se, na situação japonesa demorou algum tempo até eles confirmarem se tinha havido algum sobrevivente, e nós apenas conseguimos obter alguma informação sobre a rapariga, no desastre do Reino Unido, horas mais tarde. De qualquer forma, a tal Dr.^a Pankowski disse que o rapaz estava acordado, mas que não pronunciara uma palavra; ele não sabia que a mãe, muito provavelmente, estaria morta. Pediu-me para o ir ver com muito cuidado, mas recusou-se a deixar-me filmar a conversa. Concordei, embora fosse um procedimento regular gravar todas as declarações das testemunhas. Devo dizer que, mais tarde, não me consegui decidir se estava grato pelo facto de não ter podido filmar, ou não. Garanti-lhe que estava treinado para interrogar testemunhas, e que um dos nossos especialistas estava a caminho para fazer um inquérito de acompanhamento. Só precisava de saber se haveria alguma coisa específica de que ele se lembrasse, capaz de nos apontar a direção certa.

Tinham-lhe dado um quarto privado de paredes claras, cheio de coisas de criança, um mural do *Esponja Bob* e uma girafa de peluche que me pareceu um pouco assustadora. O miúdo estava deitado de costas, com uma transfusão a ser-lhe injetada no braço, podíamos ver os ferimentos superficiais onde o capim lhe tinha cortado a pele (todos nós fomos vítimas desse mesmo capim nos dias seguintes, deixe-me dizer-lhe), mas, para além disso, não sofrera outros ferimentos significativos. Eu ainda não consigo perceber como é que isso pôde acontecer. Como todos disseram, no início, aquilo realmente parecia um milagre. Eles estavam a

prepará-lo para uma tomografia, e eu sabia que tinha apenas alguns minutos.

Os médicos que pairavam em torno da sua cama não ficaram felizes quando me viram, e a Pankowski manteve-se ao meu lado quando me aproximei. O menino pareceu-me ser muito frágil, especialmente com todos os cortes nos braços e no rosto e, como seria de esperar, senti-me mal por ter de o interrogar logo a seguir a tudo por que ele passara.

— Olá, Bobby — disse-lhe, ao entrar. — Chamo-me Ace e sou um investigador.

Ele não moveu um músculo. O telemóvel da Pankowski tocou e ela recuou um pouco.

— Estou muito contente por ver que estás bem, Bobby — continuei. — Se está tudo bem contigo, gostaria de te fazer algumas perguntas.

Ele abriu os olhos e olhou diretamente para os meus. Estavam sem expressão. Nem sequer sabia se ele me estava a ouvir.

— Olá — repeti. — É bom ver que estás acordado.

Ele parecia olhar através de mim. Então... e ouça bem, Elspeth, isto irá soar-lhe piegas como tudo, os olhos dele começaram a ficar aquosos, como se estivesse prestes a chorar, só que... Meu Deus... é difícil dizer isto... não se estavam a encher de lágrimas, mas de sangue.

Acho que devo ter gritado, porque, assim que caí em mim, já a Pankowski estava ao meu lado e o pessoal do hospital andava a zumbir em volta do miúdo, como vespas num piquenique.

E eu perguntei: — Mas o que se passa com os olhos dele?

A Pankowski olhou para mim, como se eu tivesse duas cabeças.

Voltei a olhar para o Bobby, olhei-o bem nos olhos, e eram claros, de um azul quase violeta, sem qualquer rasto de sangue. Nem uma gota.

Do segundo capítulo de *Tomar conta da Jess: a Minha Vida com uma das Três* de Paul Craddock (escrito conjuntamente com Mandi Solomon).

Perguntam-mo muitas vezes: — Paul, por que motivo se encarregou de ficar com a custódia plena da Jess? Apesar de tudo, você é um ator de sucesso, *un artiste*, um solteiro com um horário errático, acha que tem mesmo vocação para ser pai? — A resposta simples é esta: logo depois de as gémeas terem nascido, a Shelly e o Stephen vieram ter comigo e pediram-me para ser tutor das filhas caso lhes acontecesse qualquer coisa. Eles tinham pensado muito sobre o assunto, especialmente a Shelly. Todos os seus amigos mais íntimos tinham jovens famílias a seu cargo, logo, não seriam capazes de dar às meninas a atenção que mereciam, e a família da Shelly não era uma opção (por razões que irei explicar mais adiante). Para além disso, segundo me disse a Shelly, mesmo quando elas eram ainda muito pequenas, ela sabia que as meninas gostavam muito de mim. — Isso é tudo o que a Polly e a Jess necessitam, Paul — observava ela. — Amor. E tu tens muito para dar.

O Stephen e a Shelly sabiam tudo acerca do meu passado, é claro. Eu tinha saído um pouco dos eixos quando tinha vinte e poucos anos, depois de uma grande decepção profissional. Estava no meio das filmagens em que desempenhava o papel de piloto em *Cuidados de Cabeceira*, que já estava a ser referido como o próximo drama hospitalar com mais sucesso no Reino Unido, quando recebi a notícia de que eles estavam a cancelar a série. Eu tinha ficado com o papel da personagem principal, o Dr. Malakai Bennett (um cirurgião brilhante, com síndrome de Asperger, viciado em morfina e com uma tendência para a paranoia), e esse cancelamento custou-me muito. Eu tinha feito meses de pesquisa para interpretar o papel, mergulhara nele por completo, e suponho que parte do problema se devia ao facto de eu ter interiorizado demasiado a personagem. Como tantos artistas no passado, virei-me para o álcool e para outras substâncias, para minimizar as mágoas. Esses fatores, para além do stresse devido a um futuro incerto, causaram-me uma depres-

são aguda, e suponho que o que alguém designaria como ligeiros delírios paranoicos.

Mas eu já tinha lidado com esses demónios, em particular, anos antes de as gémeas se terem tornado as meninas dos olhos do Stephen, de modo que posso dizer, com toda a honestidade, que eles pensavam que eu seria realmente a melhor escolha. A Shelly insistiu para que formalizássemos a decisão. Assim, fomos a um solicitador e foi isso mesmo que fizemos. É claro que, quando nos convidam para fazer algo dessa natureza, nós nunca pensamos que tal possa vir realmente a acontecer.

Mas já me estou a adiantar.

Depois de ter saído daquela sala horrível, para onde tínhamos sido empurrados pelo pessoal inepto da Go! Go!, passei a meia hora seguinte no bar do aeroporto, à medida que a Sky News ia passando as legendas onde se repetia continuamente a terrível notícia. E foi então que vi a primeira filmagem da área onde eles pensavam que o avião do Stephen tinha caído: uma fotografia do oceano, cinzento e ondulado, com um pedaço de destroços a boiar ao acaso nas ondas. Os barcos de resgate e salvamento a vasculharem as águas, em busca de sobreviventes, pareciam brinquedos nessa interminável e desoladora paisagem marítima. Lembro-me de ter pensado: *Graças a Deus que o Stephen e a Shelly ensinaram as meninas a nadar no verão passado*. Ridículo, bem sei. O Duncan Goodhew ter-se-ia debatido nessas vagas. Porém, em momentos emocionais *in extremis*, é incrível pensar nas coisas a que nos agarramos.

Foi a Mel quem veio ao meu encontro. Ela pode fumar quarenta *Rothmans* num dia e comprar a roupa na Primark, mas ela e o seu parceiro Geoff têm corações do tamanho do Canadá. Tal como disse, no capítulo anterior, não podemos julgar um livro apenas pela capa.

— Vamos lá, querido — disse-me a Mel. — Não pode perder a esperança.

Os rufias no bar estavam a dar-me bastante espaço, mas não tinham tirado os olhos de mim durante o tempo todo em que eu lá estivera. Encontrava-me num estado lastimável, a suar e a tremer, e devo ter chorado numa dada altura, pois as minhas faces estavam molhadas.

— Para onde é que estão vocês a olhar? — perguntou-lhes a Mel rispidamente. Em seguida, pegou-me na mão e voltou a levar-me para a sala onde nos tinham dado as informações.

Um exército de psicólogos especializados em questões de trauma já lá se encontrava. Estavam ocupados a passar chá uns aos outros, que sabia a água de lavar louça com açúcar, e a instalarem áreas de consulta separadas por biombos. A Mel sentou-me, protetoramente, entre ela e o Geoff: dois verdadeiros «suportes de livros» em fato de treino. O Geoff

bateu-me no joelho, dizendo-me algo como: — Estamos todos juntos nesta desgraça, meu amigo — e passou-me um cigarro. Eu já não fumava há anos, mas aceitei-o muito agradecido.

Ninguém nos disse para não fumar.

Kelvin, o fulano com as rastas, e Kylie, a ruiva que estava a pegar no balão (que então não passava de um rabisco de borracha no chão) juntaram-se a nós. O facto de nós os cinco termos sido os primeiros a ouvir as notícias trouxe-nos uma certa intimidade e sentámo-nos todos muito juntos, a fumar e a tentar não implodir. Uma mulher nervosa, alguma espécie de psicóloga, embora parecesse muito tensa para o ser, perguntou-nos os nomes dos nossos familiares que tinham estado no malogrado voo. Tal como todos os outros, ela tinha esse «iremos comunicar convosco logo que tenhamos mais informações» já muito bem estudado. Percebi, nesse momento, que a última coisa que eles pretendiam era dar-nos falsas esperanças, mas, mesmo assim, *ainda* não as tínhamos perdido. É qualquer coisa que não conseguimos evitar. Começamos a desejar que os nossos entes queridos tenham perdido o voo, que nos tivéssemos enganado na data e na hora de chegada, que tudo não tivesse passado de um sonho, de algum louco cenário de pesadelo. Eu fixei-me no momento antes de ter sido informado pela primeira vez acerca do acidente, vendo aqueles miúdos a desmontarem a árvore de Natal há muito esquecida (um mau presságio, se alguma vez houve algum, embora eu não seja supersticioso) e reparei que estava ansioso por lá voltar, antes que uma sensação de vazio e de mal-estar se alojasse permanentemente no meu coração.

Outro ataque de pânico começou a pressionar-me o peito com os seus dedos gelados. A Mel e o Geoff tentaram que eu continuasse a falar, enquanto esperávamos que nos fosse atribuído um psicólogo especializado em questões de trauma, mas eu não conseguia dizer uma palavra que fosse, o que nada tinha a ver com a minha natureza. O Geoff mostrou-me o ecrã do seu telefone inteligente, uma fotografia de uma rapariga com cerca de vinte anos a sorrir, com excesso de peso mas atraente à sua maneira. Disse-me que se tratava da Danielle, a sua filha, a que eles tinham vindo buscar ao aeroporto. — Ela é uma rapariga inteligente, passou por um mau bocado, mas agora já está no caminho certo — acrescentou Geoff, melancolicamente. A Danielle estava em Tenerife numa grande reunião de férias com umas amigas; só tinha decidido ir no último minuto, quando alguém desistira. Será que o destino era isso?

Eu, nessa ocasião, já estava a respirar com muita dificuldade, com suores frios por todo o corpo. Sabia que se não saísse rapidamente daquela sala, a minha cabeça iria explodir.

A Mel percebeu o que se estava a passar. — Dê-me o seu número, querido — disse ela, apertando-me o joelho com uma mão carregada de joias de ouro. — Assim que soubermos mais alguma coisa, não hesitaremos em informá-lo.

Trocámos de números (eu, a princípio, não me conseguia lembrar do meu) e apressei-me a sair da sala. Um dos psicólogos tentou impedir-me, mas a Mel gritou-lhe: — Deixe-o em paz, deixe-o ir-se embora, se é isso que lhe apetece.

Como consegui pagar o estacionamento e regressar a Hoxton, sem embater com um camião na M23, é ainda um mistério. Outra total ausência de memória. Mais tarde, reparei que tinha estacionado o *Audi* do Stephen com as rodas dianteiras em cima do passeio, como se fosse um veículo que eu tivesse roubado e abandonado à pressa.

Só vim a mim quando tropecei no corredor, atirando com a mesa, que usamos para pôr o correio, pelo chão fora. Um dos estudantes polacos que vivia no apartamento térreo pôs a cabeça pela frincha da porta e perguntou-me se eu me estava a sentir bem. Ele deve ter visto que não era esse o caso, porque quando lhe perguntei se ele tinha qualquer tipo de bebida alcoólica, ele desapareceu por alguns segundos e, em seguida, sem dizer uma palavra, pôs-me na mão uma garrafa de vodka barata.

Corri para o meu apartamento, sabendo muito bem que estava prestes a perder a minha sobriedade. Mas não me importei.

Não me dei ao trabalho de arranjar um copo, metendo o gargalo da garrafa à boca. Não conseguia dar-me conta do seu sabor. Estava a tremer, com espasmos, e a sentir um formigueiro nas mãos. Consegui encontrar o meu *Blackberry*, percorri alguns dos meus contactos, mas não sabia para quem ligar.

Porque a primeira pessoa a quem eu telefonava, sempre que me encontrava em apuros, era o Stephen.

Comecei a andar de um lado para o outro.

Engoli mais uns tragos de vodka.

Engasguei-me.

Depois, sentei-me no sofá e liguei a televisão.

A programação normal fora suspensa, substituída pelos relatórios em curso acerca das quedas de avião. Eu estava anestesiado e, por essa altura, já muito bem bebido. No entanto, deduzi que o tráfego aéreo fora interditado, e mais «sábios» do que poderíamos imaginar estavam a ser transportados para o estúdio da Sky para serem entrevistados pelo rosto sombrio de Kenneth Porter. Mesmo agora, não consigo ouvir a voz do Kenneth Porter sem que me sinta fisicamente doente.

A Sky concentrava-se no acidente da Go! Go!, sendo este o que lhes

estava mais próximo. Um casal num cruzeiro tinha conseguido filmar algumas imagens tremidas do avião, voando perigosamente baixo por cima do oceano, algo que a Sky repetia incessantemente. O momento do impacto ocorrera já fora do ângulo de filmagem, graças a Deus; porém, em pano de fundo, podíamos ouvir os gritos de uma mulher: — Oh, meu Deus, Larry! Larry! Olha para isto!

Havia um número para o qual as pessoas poderiam ligar se estivessem preocupadas com o facto de os seus familiares poderem ter viajado nesse voo, e eu cheguei a pensar vagamente em ligar, antes de me ter dado conta de que tal seria inútil. Quando o Kenneth Porter não estava a interrogar os funcionários de segurança aérea, ou a apresentar tristemente uma outra repetição da filmagem do casal no cruzeiro, a Sky voltava a sua atenção para as outras quedas. Quando ouvi falar do Bobby, o menino que tinha sido encontrado nos Everglades, na Florida, e dos três sobreviventes do desastre japonês, lembro-me de ter pensado que eles talvez estivessem vivos. Talvez, de facto. Eles ainda poderiam estar vivos.

Bebi o resto da garrafa de uma só vez.

Vi uma série de imagens do menino japonês nu, a ser içado para o helicóptero; imagens de um homem africano traumatizado e a gritar pela sua família, enquanto por detrás dele rolava um fumo negro e tóxico. Vi um investigador do acidente (o que se parecia um pouco com o Capitão América) a pedir às pessoas para não entrarem em pânico. Vi o executivo de uma companhia aérea, claramente abalado, a afirmar que os voos tinham sido cancelados até decisão em contrário.

Devo ter desmaiado. Quando voltei a mim, o Kenneth Porter fora substituído por uma pivô morena, muito sensual, com uma horrível blusa amarela (nunca me irei esquecer da blusa). A cabeça latejava-me e as náuseas ameaçavam dominar-me por completo, de modo que, quando ela disse que estavam a chegar relatórios acerca de um passageiro da Go! Go! que fora encontrado vivo, pensei a princípio que a minha cabeça me estava a pregar partidas.

Depois lembrei-me. Tratava-se de uma criança. Eles tinham encontrado uma criança agarrada a um pedaço de destroços, a cerca de dois quilómetros do local onde pensavam que o avião do Stephen se tinha despenhado. A princípio, não conseguia ver muito bem as filmagens feitas a partir do helicóptero; via-se um grupo de indivíduos num barco de pesca a agitar os braços, e um pequeno vulto num colete salva-vidas amarelo vivo.

Tentei não ficar de novo esperançado, mas havia um *close-up* dessa criança a ser içada para um helicóptero e eu tive logo a impressão de que se tratava de uma das gémeas. Conhecemos logo os nossos.

Liguei primeiro à Mel. Esta não pensou duas vezes. — Deixe isso comigo, querido — disse ela. Nem sequer parei para pensar como ela se devia estar a sentir.

Parecia que a equipa de apoio à família chegara à minha casa em segundos, como se tivessem estado à espera mesmo junto à minha porta. O psicólogo especializado em questões de trauma, o Peter (nunca percebi bem o seu último nome), um homenzinho vestido de cinzento, com óculos e uma pera, pediu que me sentasse e informou-me acerca de tudo. Avisou-me para não ter muitas esperanças. — Temos de ter a certeza que é ela, Paul. — Perguntou-me então se ele poderia entrar em contacto com os meus amigos e com a minha família, para apoio adicional. Pensei ligar ao Gerry, mas desisti. O Stephen, a Shelly e as meninas eram a minha família. Tinha amigos, mas não eram bem o tipo de pessoas com quem pudéssemos contar numa crise, embora, mais tarde, todos me tivessem tentado ajudar, ansiosos por alcançarem os seus quinze minutos de fama. Isso pode parecer um pouco cínico da minha parte, bem sei, mas descobrimos quem são realmente os nossos verdadeiros amigos quando a vida, tal como a conhecemos, se começa a desmoronar à nossa volta.

Eu queria meter-me imediatamente no primeiro avião para estar ao pé dela, mas o Peter garantiu-me que ela seria evacuada pela equipa médica para Inglaterra, assim que o seu estado de saúde se encontrasse estabilizado. Eu esquecera-me por completo de que todos os aviões europeus estavam parados. Por enquanto, ela estava a ser examinada e tratada num hospital português.

Quando ele pensou que eu já estava suficientemente calmo para ouvir os detalhes, disse-me, serenamente, que parecia que tinha havido um incêndio a bordo antes de o piloto se ver forçado a amarar, e que a Jess (ou a Polly, pois não sabíamos, nessa fase, de que gémea se tratava) ficara ferida. Mas era com a hipotermia que eles estavam mais preocupados. Tiraram-me uma amostra de ADN para terem a certeza que ela era realmente uma das gémeas. Não há nada de mais surreal do que termos o interior da nossa bochecha esfregado com um enorme cotonete enquanto esperamos para saber o destino daqueles que nos são mais queridos.

Semanas mais tarde, num dos nossos primeiros Encontros do Voo 277, a Mel contou-me que, quando eles tinham ouvido que a Jess fora encontrada, ela e o Geoff não perderam a esperança durante semanas, nem mesmo depois de terem começado a encontrar os corpos. Disse-me que não paravam de imaginar que a Danielle dera à costa numa ilha, onde esperava que a fossem resgatar. Quando o tráfego aéreo voltou ao

normal, a Go! Go! ofereceu-se para fretar um avião especial e levar todos os familiares até à costa portuguesa, que era o mais próximo que poderiam estar do local do acidente. Eu não fui, tinha já muito que fazer com a Jess, mas muitos indivíduos do grupo dos Encontros do Voo 277 acabaram por ir. Ainda detesto pensar na Mel e no Geoff a olharem para o mar e a sentirem uma centelha de esperança de que a filha deles ainda pudesse estar viva...

Deve ter havido uma fuga de informação na Go! Go! pois o telefone não parou de tocar continuamente, a partir do momento em que se confirmou que uma das gémeas tinha sobrevivido. Se esses espertalhões pertenciam ao jornal *The Sun* ou ao *The Independent*, todos eles fizeram as mesmas perguntas:

— Como se sente?

— Acredita tratar-se de um milagre?

Para ser honesto, ter de lidar com as suas perguntas incessantes desviou a minha mente do meu grande desgosto, que me parecia atacar em ondas sucessivas, desencadeado pela coisas mais inócuas: um anúncio de automóvel, mostrando uma mãe incrivelmente bem vestida ao lado de uma criança, ou até mesmo os anúncios ao papel higiénico com cães e crianças multiculturais. Quando eu não estava a atender telefonemas, estava colado às notícias como, praticamente, o resto do mundo. Logo de início, decidiram que não se tratara de terrorismo, mas cada canal apresentava um montão de especialistas que especulavam sobre as possíveis causas. E, tal como a Mel e o Geoff, suponho que eu não matava a esperança de que, em algum lugar, lá longe, o Stephen ainda estivesse vivo.

Dois dias depois, transferiram a Jess para um hospital particular em Londres, onde ela poderia usufruir de cuidados especializados. As suas queimaduras não eram graves, mas havia o fantasma constante de uma possível infeção e, apesar de a ressonância magnética não ter mostrado quaisquer sinais de lesões neurológicas, ela ainda não tinha aberto os olhos.

O pessoal do hospital foi excelente, prestando-lhe todo o apoio. Levaram-me para uma sala privada onde eu poderia esperar até que o médico me desse autorização para a ver. Ainda dominado por uma sensação de irrealidade, sentei-me num sofá *Laura Ashley* e folhiei uma revista *Heat*. Toda a gente diz que não percebemos de que modo o mundo pode continuar a girar, depois de alguém que nós amamos ter morrido, e isso era exatamente o que eu sentia enquanto ia vendo páginas com fotografias de celebridades, tiradas sem maquilhagem. Adormeci.

Fui acordado por um barulho do lado de fora, no corredor, a voz de um homem a gritar: — Mas que quer dizer com isso de não a podermos

ver? — E uma mulher a gritar também: — Mas nós somos da família! — O meu coração deu um baque. Soube de imediato quem eles eram: a mãe da Shelly, Marilyn Addams, e dois filhos, Jason («chame-me Jase») e Keith. O Stephen tinha-lhes posto a alcunha de «A Família Addams» há já muito tempo, por razões óbvias. A Shelly fizera o seu melhor para cortar os laços com eles, depois de ter saído de casa, mas ainda se sentira obrigada a convidá-los para o seu casamento com o Stephen, e essa fora a última vez que eu tivera o prazer da companhia desses indivíduos. O Stephen era extremamente liberal, mas costumava brincar dizendo que era obrigatório para um Addams passar pelo menos três anos em Wormwood Scrubs. Bem sei que me irão achar simplesmente o mais terrível dos snobes, porém, na verdade, eles eram um cliché ambulante da parolice, já para não falarmos da fraude em relação aos benefícios, os cigarros adquiridos na candonga que vendiam por baixo da mesa, e no automóvel cheio de truques e modificações especiais na rampa de entrada da casa onde o clã vivia. O Jase e o Keith (também conhecidos por Fester e Gomez) tinham mesmo dado nomes aos seus filhos (um exército deles, gerados por um círculo de mães diferentes) de acordo com as mais recentes celebridades, ou tendências da miudagem em relação aos jogadores de futebol. Acredito que havia mesmo um chamado Brooklyn.

Ouvi-los a gritar no corredor recordou-me logo do dia do casamento do Stephen e da Shelly, que, graças à Família Addams, seria lembrado por todos pelas piores razões. O Stephen pediu-me para ser seu padrinho, e eu levei comigo o meu namorado de então, Prakesh, como o meu mais que tudo. A mãe da Shelly tinha aparecido no pesadelo de um vestido de poliéster cor-de-rosa, que lhe dava uma estranha semelhança à *Porquinha Pepa*; e Fester e Gomez tinham substituído os seus espampantes casacos de cabedal e fatos de treino por fatos de fazenda mal ajustados, comprados num pronto-a-vestir. A Shelly trabalhara imenso para organizar o casamento; ela e o Stephen não tinham nesse tempo muito dinheiro, pois foi antes de se sentirem confortáveis e bem pagos, nas suas respetivas carreiras. Mas ela tinha feito grandes poupanças e conseguira alugar uma pequena casa de campo para o copo-d'água. A princípio, as duas partes da família ocuparam o seu respetivo território. A família da Shelly, de um lado; eu, Prakesh e Stephen e os amigos da Shelly, do outro. Dois mundos diferentes.

O Stephen disse mais tarde que desejava ter posto um limite no serviço de bar. Após os discursos (a Marilyn foi um desastre moribundo), eu e o Prakesh levantámo-nos para dançar. Ainda me consigo lembrar da canção: *Careless Whispers*.

— Eh... eh... — vociferou um dos irmãos, de modo a fazer-se ouvir.
— Estes gajos são maricas...

— Malditos panascas — acrescentou o outro.

O Prakesh não era pessoa que reagisse bem aos insultos. Não houve sequer uma altercação verbal. Num minuto estávamos a dançar, no seguinte já ele estava a agredir o Addams mais próximo. A polícia foi chamada, mas ninguém foi preso. O incidente acabou por estragar esse dia, é claro, e a minha relação. Eu e o Prakesh separámo-nos pouco tempo depois.

Era quase uma bênção que a mãezinha e o paizinho não tivessem lá estado para testemunhar aquilo. Morreram ambos num acidente de automóvel quando eu e o Stephen tínhamos vinte e poucos anos, mas ainda nos tinham deixado o suficiente para que nos pudéssemos desenvencilhar nos anos seguintes. O nosso pai era um bom homem.

No entanto, quando os Addams foram conduzidos por uma enfermeira intimidada até à sala de espera, um dos irmãos, penso que fosse o Jase, teve a delicadeza de pôr um ar envergonhado quando me viu, pelo menos isso.

— Não há ressentimentos, caro amigo — disse ele. — Temos de estar todos juntos num momento como este, não é assim?

— A minha Shelly — choramingava a Marilyn. Ela não parava de contar que apenas tinham descoberto o que se passava quando um tabloide decidiu publicar uma lista dos passageiros. — Eu nem sabia que eles tinham ido de férias! Quem vai de férias em janeiro?

Jason e Keith passaram o tempo a consultar os seus telemóveis, enquanto a Marilyn soluçava. Eu sabia que a Shelly teria ficado horrorizada se soubesse que eles lá tinham aparecido. Mas estava determinado, pelo amor que sentia por Jess, a que não houvesse uma cena.

— Vou lá fora fumar um cigarro, mãe — avisou Jase, e o outro foi atrás dele, deixando-me sozinho com a matriarca.

— Ora, que é que você acha de tudo isto, Paul? — começou ela. — Uma coisa horrível. A minha Shelly desapareceu...

Eu murmurei algo sobre estar triste pela sua perda, mas também perdera o meu irmão, o meu irmão gémeo e o meu melhor amigo, e não estava prestes a sentir qualquer pena dela.

— Qualquer que seja a menina que eles encontraram, terá de vir morar comigo e com os meninos — prosseguiu Marilyn. — Ela pode partilhar o quarto com o Jordan e o Paris — esclareceu, com um suspiro muito fundo. — A menos que nos mudemos para a casa deles, é claro.

Esta ocasião não seria o momento para informar a Marilyn da deci-

são da Shelly em relação à custódia das gémeas, mas acabou por me sair da boca: — Que é que a faz pensar que a Marilyn irá cuidar dela?

— Mas para onde poderá ela ir?

— Então e eu?

Os maxilares tremiam-lhe de indignação. — Você? Mas você é um... você é um *ator*.

— Ela já está pronta para ter visitas — disse a enfermeira, aparecendo na porta e interrompendo o nosso delicioso *tête-à-tête*. — Podem vê-la agora. Mas só por cinco minutos.

Até mesmo a Marilyn teve a presença de espírito para perceber que aquele não era o momento para esse tipo de conversa.

Foram-nos dadas máscaras verdes (onde conseguiram encontrar uma, que fosse suficientemente grande para a Marilyn, é algo que nunca irei saber) e depois seguimos a enfermeira até uma sala concebida de modo a parecer-se com uma suite de hotel, toda cheia de sofás floridos e com uma televisão do último modelo. Essa ilusão era apenas parcialmente quebrada pelo facto de a Jess estar rodeada de monitores cardíacos, de frascos que gotejavam, e de várias outras intimidantes peças de equipamento. Tinha os olhos fechados e mal parecia estar a respirar. Havia ligaduras que lhe cobriam grande parte do rosto.

— É a Jess ou a Polly? — perguntou logo Marilyn, sem se dirigir a alguém em particular.

Eu soube de imediato qual era a gémea. — É a Jess — esclareci.

— Mas que raio... Como é que você pode ter tanta certeza? Ela tem o rosto quase todo coberto — comentou Marilyn, com uma voz esganiçada.

Foi o seu cabelo, não sei se está a ver. A franja da Jess tinha um pedaço cortado. Pouco antes de saírem para férias, a Shelly apanhara a Jess a cortar essa madeixa de cabelo, tentando copiar a última moda da Missy K. Além disso, a Jess tinha uma pequeníssima cicatriz, mesmo por cima da sobrancelha direita, de quando caíra contra a lareira, quando ainda estava a aprender a andar.

Ela parecia tão pequena, tão vulnerável, ali deitada. E eu jurei, naquele momento, que faria tudo o que estivesse ao meu alcance para a proteger.

Angela Dumiso, que é originalmente de Eastern Cape, estava a morar no município de Khayelitsha com a irmã e a filha de dois anos, quando o Voo 467 da Dalu Air se despenhou. Ela concordou em falar comigo, em abril de 2012.

Eu encontrava-me na lavanderia a passar a ferro quando ouvi falar disto pela primeira vez. Estava a trabalhar que nem uma louca para terminar a tempo de poder apanhar o meu táxi às quatro da tarde, de modo que já estava muito nervosa. O patrão é muito exigente e gostava que tudo fosse passado a ferro, até mesmo as peúgas. A senhora correu para a cozinha e eu vi pela sua expressão que havia um problema. Ela geralmente só punha aquela expressão quando um dos seus gatos trazia um rato para casa e ela precisava que eu o fosse deitar fora. — Angela — disse ela —, acabei de ouvir na *Cape Talk* que aconteceu qualquer coisa em Khayelitsha. Não é aí que tu moras?

Eu disse-lhe que sim, e perguntei-lhe o que se passara. Achava que devia tratar-se de um outro fogo numa barraca, ou de qualquer problema devido a uma greve. Ela disse-me que, segundo o que percebera, um avião tinha caído. Juntas, corremos para a sala e ligámos a televisão. Estava em todos os noticiários e, a princípio, foi-me difícil perceber o que estava a ver. A maioria das imagens mostrava apenas pessoas a correr e a gritar, com balões de fumo negro a levantarem-se em torno deles. Mas então ouvi as palavras que me gelaram o coração. A repórter, uma mulher branca ainda jovem, com olhos assustados, disse que uma igreja perto do Setor Cinco fora completamente destruída, quando um avião tinha atingido o solo.

A creche da minha filha Susan ficava numa igreja nessa área.

É claro que o meu primeiro pensamento foi que deveria entrar em contacto com Busi, a minha irmã, mas não tinha carregado o telemóvel. A senhora deixou-me usar o seu, mas ninguém atendeu, tendo a chamada ido diretamente para a caixa de mensagens. Já me começava a sentir mal, com a cabeça a andar à roda. A Busi atendia sempre o telefone. Sempre.

— Minha senhora — disse eu —, tenho de sair. Tenho de chegar a

casa. — Eu desejava que a Busi tivesse decidido ir à creche mais cedo buscar a Susan, a minha filha. Era o dia de folga da Busi na fábrica e, por vezes, ela ia buscar a menina mais cedo para que pudessem passar a tarde juntas. Quando saí às cinco, naquela manhã, para apanhar o táxi para os subúrbios a norte, a Busi ainda estava a dormir com a Susan ao lado dela. Eu tentava manter essa imagem na minha cabeça, a Busi e a Susan juntas, em segurança. Era nisso que me tentava concentrar. Só comecei a rezar mais tarde.

A senhora (o seu nome verdadeiro é Sr.^a D. Clara van der Spuy, mas o patrão gostava que eu lhe chamasse «senhora», o que punha a Busi furiosa) disse de imediato que me iria levar.

Enquanto pegava no meu saco, podia ouvi-la a discutir ao telemóvel com o patrão. — O Johannes não quer que eu te vá levar — disse-me ela. — Mas ele que vá dar uma volta. Nunca iria ficar bem com a minha consciência se te deixasse apanhar um táxi.

Ela não deixou de falar até lá chegarmos, parando apenas quando eu a interrompia para lhe dizer o caminho. O meu nível de nervosismo deixava-me agora fisicamente doente, podia sentir a tarte de carne que comera ao almoço a transformar-se-me numa pedra no estômago. Logo que entrámos na N2, vi fumo negro a elevar-se no ar à distância. Não demorou muitos quilómetros até começar a sentir o cheiro. — Tenho a certeza que irá tudo correr bem, Angela — não parava a senhora de dizer. — Khayelitsha é um lugar muito grande, não é? — Ela ligou então o rádio e o locutor estava a falar sobre outros acidentes aéreos que tinham ocorrido noutras partes do mundo. — Malditos terroristas! — exclamou a senhora. Quando nos aproximámos da saída para a estrada Baden Powell, o tráfego aumentou. Ficámos rodeadas de táxis a apitar, cheios de caras assustadas, de pessoas como eu, desesperadas por chegar a casa. As ambulâncias e os carros de bombeiros passavam com as sirenes a apitar. A senhora começava a ficar nervosa, pois encontrava-se demasiado longe da sua zona de conforto. A polícia tinha montado bloqueios nas estradas para evitar que mais veículos entrassem na área, e eu sabia que teria de me juntar à multidão e fazer o caminho para a minha secção a pé.

— Vá para casa, minha senhora — sugeri eu, e podia ver um certo alívio no seu rosto. Eu não a culpo. Aquilo era um inferno. O ar estava cheio de cinzas, e o fumo já me estava a pôr os olhos a arder.

Saltei para fora do carro e corri em direção à multidão que lutava para passar para lá da barricada que tinham montado a meio da estrada. As pessoas à minha volta estavam a gritar e eu juntei a minha voz às delas. — *Intombiyam!* A minha filha está lá! — A polícia já se via obrigada

a deixar-nos passar quando uma ambulância veio a toda a velocidade na nossa direção pois precisava de sair.

Corri. Nunca corri tão rapidamente em toda a minha vida, mas não me sentia cansada, o medo empurrava-me para a frente. As pessoas começaram a aparecer através do fumo, algumas delas cobertas de sangue e eu, até tenho vergonha de o dizer, não parei para as ajudar. Concentrava-me em seguir em frente, embora, por vezes, me fosse difícil ver onde me encontrava. Às vezes isso era quase uma bênção, pois via... via bandeiras cravadas no chão e sacos de plástico azul que cobriam formas, formas que eu sabia que eram partes de corpos. Havia incêndios por todo o lado e os bombeiros, com máscaras, estavam ocupados a isolar outras áreas. As pessoas estavam a ser fisicamente impedidas de continuarem em frente. Mas eu ainda estava muito longe da rua onde morava e precisava de chegar mais perto. O fumo queimava-me os pulmões, fazia com que os meus olhos não parassem de chorar e, uma vez por outra, ouvia-se um estrondo de qualquer coisa a explodir. A minha pele em breve se cobriu de sujidade. O cenário parecia-me completamente diferente, e eu perguntava-me se me tinha aventurado por uma área desconhecida. Estava à procura do topo da igreja, mas não o conseguia ver. O cheiro, uma mistura de porco assado com combustível queimado, fez-me vomitar. Caí de joelhos. Sabia que não me poderia aproximar mais, se quisesse continuar a respirar.

Foi um dos paramédicos quem me encontrou. Ele parecia-me muito cansado, com o fato-macaco encharcado de sangue. Tudo o que eu lhe conseguia dizer era: — A minha filha. Eu preciso de encontrar a minha filha.

Por que motivo ele escolheu ajudar-me é qualquer coisa que ainda hoje não consigo explicar. Havia tantas outras pessoas que precisavam de ajuda. Ele levou-me para a sua ambulância e sentou-me no banco da frente, enquanto tentava comunicar por rádio. Em poucos minutos, um miniautocarro da Cruz Vermelha chegou, e o motorista fez-me sinal para que entrasse para o seu interior. Tal como eu, as pessoas que lá vinham estavam todas sujas, cobertas de cinzas, a maioria com expressões de quem estava profundamente traumatizado. Uma mulher, na parte de trás, olhou em silêncio para fora da janela, com uma criança adormecida nos braços. O idoso ao meu lado tremia em silêncio, viam-se marcas de lágrimas nas suas faces enegrecidas. — *Molweni* — sussurrei-lhe —, *kuzolunga*. — Estava a dizer-lhe que tudo iria terminar bem, mas eu própria não acreditava nas minhas palavras. Tudo o que eu conseguia fazer era rezar, fazer acordos com Deus na minha cabeça, para que a Susan e a Busi fossem poupadas.

Passámos pela tenda cheia de mortos. Tentei não olhar para ela. Via as pessoas a levantar os corpos e, lá dentro, mais dessas formas cobertas de plástico azul. E rezei, ainda com mais fervor, para que os sacos não contivessem os corpos da Busi ou da Susan.

Fomos levados para o salão da comunidade Mew Way. Era suposto ter assinado o meu nome à entrada, mas limitei-me a empurrar os funcionários e a correr para as portas. Mesmo de fora, podia ouvir um som de choro. Era um caos lá dentro. O centro estava cheio de pessoas amontoadas em grupos, cobertas de fuligem e de ligaduras. Algumas choravam, outras pareciam estar num profundo estado de choque, a olharem em frente com expressões vazias, como as pessoas do miniautocarro. Comecei a abrir caminho através da multidão. Como poderia eu encontrar a Busi e a Susan naquela confusão de gente? Vi a Noliswa, uma das minhas vizinhas que, às vezes, tomava conta da Susan. Tinha o rosto coberto de sangue e de fuligem. Estava a balançar-se para a frente e para trás e quando tentei perguntar-lhe se sabia alguma coisa da Busi e da Susan, apenas olhou para mim, como se não me visse, e reparei então que não havia luz nos seus olhos. Mais tarde, vim a saber que dois dos seus netos estavam na creche quando o avião chocara contra a mesma.

E então ouvi uma voz a chamar-me: — Angie?

Virei-me lentamente. E vi a Busi de pé com a Susan nos braços.

Gritei então, vezes sem conta: — *Niphilile!* Vocês estão vivas!

Ficámos ali paradas e abraçadas, com a Susan a contorcer-se, pois, durante muito tempo, fiquei a apertá-la contra mim, com muita força. Não tinha perdido a esperança, mas o alívio que senti por ver que estavam bem... Nunca irei voltar a sentir nada tão intenso na minha vida. Quando nós as duas parámos de chorar, a Busi contou-me o que tinha acontecido. Disse-me que tinha ido buscar a Susan à creche, mais cedo, e que em vez de ir diretamente para casa, decidira caminhar até à loja para comprar açúcar. Ela contou-me que o som do impacto fora incrível, e que, a princípio, tinham pensado que se tratara de uma bomba. Ela disse-me que mal teve tempo para agarrar na Susan e correr o mais rápido que pôde para bem longe do som e das explosões. Se elas tivessem ido para casa, teriam morrido.

Porque a nossa casa já não existe. Tudo o que possuíamos ardeu.

Ficámos no salão, enquanto esperávamos que nos fosse atribuído um abrigo. Alguns de nós colocaram divisórias, lençóis e cobertores pendurados do teto para fazer quartos improvisados. Muitas pessoas tinham perdido as suas casas, mas quem me dava mais pena eram as crianças. As que tinham perdido os pais ou os avós. Havia tantas, mui-

tas delas *amagweja* [crianças refugiadas] que já tinham sofrido durante os ataques xenófobos de há quatro anos. Essas crianças já tinham visto demasiado.

Um menino vem-me sempre à lembrança. Naquela primeira noite, não conseguia dormir. A adrenalina ainda não me tinha saído do corpo, suponho que ainda estava a lidar com as consequências do que tinha visto naquele dia. Levantei-me para esticar as pernas e tive a sensação de que alguém me observava. Num cobertor, ao lado do sítio onde eu, a Busi, e a Susan estávamos deitadas, vi um rapaz sentado. Mal tinha reparado nele antes; estivera muito ocupada a cuidar da Susan, e na fila para obter comida e água. Mesmo no escuro, podia ver a dor e a solidão a brilhar-lhe nos olhos. Ele estava sozinho, em cima do cobertor, e eu não via qualquer sinal de um pai ou de um avô. Perguntei-me por que motivo as pessoas da Segurança Social não o tinham levado para a secção das crianças que não estavam acompanhadas.

Perguntei-lhe onde estava a sua mãe, mas ele não reagiu. Sentei-me ao seu lado e abracei-o. Ele encostou-se a mim, mas, embora não chorasse ou soluçasse, o seu corpo era como um peso morto. Quando pensei que ele já estava a dormir, deitei-o e voltei devagarinho para o meu cobertor.

No dia seguinte, ouvimos que iríamos ser transferidos para um hotel que estava a disponibilizar os seus quartos para os que tinham perdido as suas casas. Olhei em volta para ver se via o menino. Eu achava que ele talvez pudesse vir connosco, mas não consegui encontrá-lo em lado algum. Ficámos no hotel durante duas semanas e, quando ofereceram um emprego à minha irmã, numa grande padaria perto de Masiphumele, fui trabalhar com ela. Mais uma vez, tive sorte. É muito melhor do que ser uma simples criada. A padaria tem uma creche e eu posso levar a Susan comigo quando vou trabalhar todas as manhãs.

Mais tarde, quando todos os americanos vieram para a África do Sul procurar a quarta criança, um investigador, um xhosa, e não um dos caçadores de recompensas estrangeiros, conseguiu encontrar-me a mim e à Busi para nos perguntar se tínhamos visto uma certa criança, no salão para onde nos tinham levado. A descrição condizia com a do menino que eu tinha visto naquela primeira noite, mas nunca cheguei a dizer a esse homem que o tinha visto. Não sei bem porquê. Acho que, bem no íntimo, sabia que seria melhor para o menino se não o encontrassem. Eu percebi que o investigador sabia que eu lhe estava a esconder alguma coisa, mas eu continuava a ouvir uma voz dentro de mim que me dizia para ficar calada.

E... talvez ele não fosse o menino de quem eles andavam à procura. Havia muitos *intandane* [crianças órfãs] e o menino não me tinha dito como se chamava.

O soldado de primeira classe Samuel «Sammy» Hockemeir da 3.^a Força Expedicionária de Fuzileiros Navais, sediada na base militar de Camp Courtney, na Ilha de Okinawa, concordou em falar comigo via Skype, depois de ter regressado aos EUA, em junho de 2012.

Conheci o Jake quando estávamos ambos destacados em Okinawa, em 2011. Eu sou de Fairfax, na Virgínia, e vim a saber que ele tinha crescido em Annandale, de modo que não demorou muito até nos tornarmos amigos. Descobri que até chegara a jogar futebol americano com o irmão dele, algumas vezes, quando andava no liceu. Antes de nos termos embrenhado na floresta, ele era apenas um fulano normal, nada de especial, mais calado do que a maioria, com um sentido de humor em que não reparávamos logo, a menos que lhe estivéssemos a prestar atenção. Era um indivíduo baixo, com um metro e sessenta e cinco, talvez metro e setenta. As fotografias que estavam por todo o lado na Internet faziam-no parecer mais alto do que realmente era. Mais alto e mais decidido. Ambos nos entretínhamos com jogos de computador, quando lá estávamos, eram muito populares na base, e a coisa tornou-se quase um vício. Isto é o pior que eu poderia dizer dele, até ele ter ficado completamente doido, quero dizer.

Ambos nos tínhamos inscrito na 3.^a Força Expedicionária de Fuzileiros Navais na Divisão de Ajuda Humanitária e, no início de janeiro, fomos informados de que o nosso batalhão iria ser destacado para treinos no Campo Fuji, para uma reconstrução exaustiva de desastres. O Jake e eu estávamos bastante otimistas quando ouvimos falar disso. Dois fuzileiros navais antiterrorismo, com quem tínhamos combatido nos nossos jogos manhosos, tinham acabado de vir de lá. Eles disseram-nos que Katemba, uma das cidades próximas, era um lugar ótimo para sair, pois tinha uma taberna onde se podia beber e comer tudo o que nos apetecesse por 3000 ienes. Também estávamos à espera de uma oportunidade para darmos um salto até Tóquio e observarmos a cultura do povo. Não há muito que fazer em Okinawa, devido ao facto de estar a setecentos quilómetros do Japão continental. A vista desde Camp Courtney é incrível, mesmo debruçada para o oceano, mas aca-

bamos por ficar fartos depois de olharmos para ela todos os dias, e os nativos da ilha não têm lá uma grande opinião dos fuzileiros. Parte disso deve-se ao incidente Girard, ao fuzileiro naval que, acidentalmente, deu um tiro numa mulher local, que estava a apanhar sucata num campo de tiro, e também a uma violação de grupo, na década de noventa. Eu não diria que os moradores eram claramente hostis, mas era bom de ver que muitos deles não nos queriam lá.

O Campo Fuji, em si, até nem era mau. Era pequeno, mas com uma boa área de formação. No entanto, devo dizer que era mais frio do que uma pedra de gelo quando lá chegámos. Muita neblina, chuva sem parar; tivemos sorte por não ter nevado. O nosso comandante disse-nos que iríamos passar os primeiros dias a preparar equipamentos para o nosso destacamento, na área de manobras a norte de Fuji, mas nós mal nos tínhamos instalado nas casernas quando as notícias sobre a Quinta-feira Negra nos começaram a chegar. A primeira que ouvimos foi sobre a queda do avião na Florida. Dois da nossa companhia eram de lá e as suas famílias e as namoradas enviaram-lhes *e-mails* com as últimas notícias. Quando ouvimos falar de um avião do Reino Unido, e de outro em África, devia ter ouvido os rumores que andavam no ar... Muitos de nós achámos que se tratava de atos terroristas, talvez de outra represália sem pés nem cabeça, e estávamos convencidos de que seríamos destacados para voltarmos para Okinawa. É quase irónico, considerando o local onde estávamos, mas o último acidente de que ouvimos falar foi o desastre da Sun Air. Nenhum de nós conseguia acreditar que tinha acontecido tão perto da nossa base. Como todos os outros, eu e o Jake estávamos colados à Internet naquela noite. Foi assim que ouvimos falar dos sobreviventes, da comissária de bordo e do rapazito. A ligação esteve bastante má durante uns tempos, mas conseguimos descarregar algumas imagens do YouTube do rapaz a ser içado para um helicóptero. Ficámos chateados quando soubemos que um dos sobreviventes tinha morrido a caminho do hospital. É estranho pensar nisso agora, mas lembro-me de o Jake ter dito: — Merda, espero que não tenha sido o miúdo. — Isto poderá soar mal, mas saber que também havia uma americana a bordo que não conseguira sobreviver fez com que o acidente da Sun Air nos parecesse mais real. O facto de que um dos nossos tinha morrido...

Na manhã de sexta, o meu comandante disse que precisavam de voluntários da Divisão de Ajuda Humanitária para ajudarem a proteger a área e a limpar a pista de aterragem, de modo a que os helicópteros de busca e salvamento se pudessem aproximar do local. No *briefing*, contou-nos que centenas de familiares desesperados tinham corrido para o

local e estavam a interferir com a operação. A imprensa também estava a transformar tudo numa confusão lixada. Alguns deles chegaram mesmo a perder-se ou a ficarem feridos na floresta e necessitaram de alguém que os fosse salvar. Fiquei surpreso com o facto de os japoneses quererem que nos envolvêssemos. É claro que os EUA e o Japão têm um entendimento, mas os habitantes locais são especialistas em fazer as coisas à sua maneira; creio que é uma questão de orgulho. Mas o comandante disse que tinha sido criticado por não se terem empenhado depois do acidente do comboio desgovernado no final dos anos noventa, por não terem agido de forma suficientemente rápida, por terem esperado enquanto as rodas da burocracia andavam a girar, e de só tomarem a iniciativa quando um superior lhes disse para o fazerem, esse tipo de coisa. Essa atitude tinha custado vidas. Eu e o Jake demos logo um passo em frente. Fomos informados de que iríamos estar a trabalhar em conjunto com um grupo de indivíduos do acampamento próximo, o JGSDF⁷, e o Yoji, um dos soldados da GSDF que foi designado como nosso tradutor, começou a falar-nos acerca da floresta enquanto íamos a caminho. Informou-nos de que a mesma tinha uma péssima reputação por causa do número de pessoas que lá se iam suicidar. Disse-nos que tinha havido tantos suicídios que os polícias haviam sido forçados a montar câmaras nas árvores, e que o lugar estava cheio de corpos não identificados já de há anos. Disse-nos também que os habitantes locais se mantinham longe dessa mesma floresta, porque acreditavam que era um lugar assombrado pelos espíritos enraivecidos dos mortos ou uma merda assim, e pelas almas que não conseguiam sossegar ou qualquer coisa do género. Eu não sei muito acerca da espiritualidade japonesa, só que eles acreditam que as almas dos animais estão em praticamente tudo, desde pessoas a cadeiras, ou o que quer que seja, mas isso soava-me demasiado piegas para não ser apenas um embuste. Muitos de nós começaram a contar piadas, a brincar, mas o Jake não disse uma palavra.

Tenho de dizer que o pessoal de busca e salvamento e os indivíduos da GSDF não tinham feito um mau trabalho no que se prendia com a segurança na zona do acidente, considerando com o que tinham de lidar, mas estavam seriamente com falta de gente. Não haveria maneira de poderem controlar o número de pessoas que estavam a rodear as tendas que serviam de morgue. Depois de termos sido informados, o Jake, eu, alguns do nosso esquadrão e um grupo de indivíduos da GSDF fomos enviados diretamente para o local do acidente principal; o resto da divisão foi destacada para proteger as barracas da morgue temporá-

⁷ Campo da Força Japonesa de Autodefesa no Terreno. (N. do T.)

ria, para ajudar a transportar os materiais e para instalar latrinas temporárias.

O nosso capitão disse-nos que indivíduos da divisão de busca e salvamento e da JTSB⁸ tinham mapeado a área onde a maioria dos corpos caíra com o impacto, e que os estavam a trazer agora para as tendas. Bem sei que está mais interessada no Jake, mas vou dar-lhe uma ideia de como aquilo era. Quando estava na escola, estudámos uma velha canção, *Strange Fruit*, sobre os linchamentos que tinham acontecido no Sul profundo. Como os corpos pendurados nas árvores pareciam frutos estranhos... Isso foi o que nós vimos. Era isso que algumas dessas malditas árvores tinham pendurado, enquanto nos íamos aproximando mais do local onde o avião tinha tentado aterrar. Só que a maioria dos corpos não estava inteira. Houve dois fulanos que vomitaram, mas eu e o Jake mantivemos a calma.

Ainda pior do que isso eram os civis que rondavam o local do acidente, chamando pelos pais, por familiares ou entes queridos. A maioria deles tinha levado ofertas: alimentos ou flores. Mais tarde, o Yoji, que foi escolhido para os ajudar e para os levar para longe do local, disse-me que se deparou com um casal que estava tão convencido de que o seu filho ainda estava vivo, que lhe tinham levado uma muda de roupa.

Eu e o Jake fomos enviados para os ajudar a cortar árvores de modo a improvisar um heliporto, e embora se tratasse de trabalho difícil, estávamos longe dos destroços e acabou por nos distrair do que tínhamos visto. Os indivíduos do NTSB⁹ não chegaram senão no dia seguinte, mas depois as coisas foram muito mais bem organizadas.

O nosso comandante disse que devíamos ficar essa noite no local, e foi-nos atribuído um sítio para dormirmos numa das tendas da GDSF. Nenhum de nós ficou muito contente com isso. Não havia um único soldado que não se sentisse assustado por ter de passar uma noite naquela floresta. E não apenas por causa do que tinham visto naquele dia. Nós até falávamos baixinho, uns com os outros, pois não nos parecia apropriado levantar muito a voz. Alguns ainda tentaram dizer piadas, mas ninguém lhes achou graça.

Por volta das três da manhã, fui acordado por um grito. Parecia que tinha vindo do exterior da tenda. Alguns de nós saltámos e corremos lá para fora. Merda, a minha adrenalina invadia-me o corpo. Mas não me foi possível ver muito, pois o ar estava cheio de névoa.

Um dos indivíduos, acho que foi o Johnny, um sujeito negro de

⁸ Direção Japonesa de Segurança nos Transportes. (N. do T.)

⁹ Gabinete Nacional de Transportes e Segurança. (N. do T.)

Atlanta, bom rapaz, pegou na lanterna e fez com que o foco da mesma incidisse em redor. A luz oscilava de um lado para o outro, porque a mão dele estava a tremer. Acabou por incidir sobre um vulto a poucos metros de onde estávamos: esse vulto, de costas para nós, ajoelhou-se. Depois voltou-se e eu vi que era o Jake.

Perguntei-lhe que diabo se estava a passar. Ele pareceu-me confuso, abanou a cabeça. — Eu vi-as — disse ele. — Eu vi-as. As pessoas sem pés...

Levei-o e ele adormeceu imediatamente. Na manhã seguinte, recusou-se a falar sobre o que tinha acontecido.

Eu não contei nada disto ao Jake, mas quando falei com o Yoji, ele disse-me: — Os fantasmas japoneses não têm pés. — E informou-me acerca da hora das bruxas no Japão, da *ushi-mitsu*, e não irei nunca esquecer-me de uma única palavra, era às três da manhã. Tenho de admitir que fiquei de novo assustado quando ouvi a mensagem da Pamela May Donald. As coisas que ela disse... bem, soavam-me muito ao que o Jake dissera naquela noite. Creio que assumi que ele tinha sido influenciado pelo que o Yoji nos contara.

Os outros fulanos moeram o juízo do Jake durante semanas, é claro. E não pararam, mesmo quando regressámos a Camp Courtney. Não sei se está a ver, algo como: — Viste algumas pessoas mortas hoje, Jake? — Este tentava ignorá-los. Acho que foi nessa época que ele começou a enviar *e-mails* a um pastor no Texas. Antes disso, ele nunca tinha sido muito dado a coisas de religião. Nunca uma vez o ouvi mencionar Deus ou Jesus. Penso que ele deve ter andado no Google à procura de informação sobre a floresta e sobre as quedas dos aviões, e descobriu o *site* desse pastor.

O Jake não foi destacado com o resto da unidade quando fomos enviados para ajudar com os esforços de salvamento, após as inundações nas Filipinas. Ele ficou doente, muito doente. Dores de estômago, suspeitava-se que fosse apendicite. Claro que todos acham agora que ele estava a fingir. Eles ainda não sabem como é que ele conseguiu sair da ilha. Acho que deve ter subornado alguém, num barco de pesca ou num baleeiro, para o levar, algo assim, talvez uma das equipas de Taiwan que contrabandeam enguias bebé ou metanfetaminas, na área.

Eu daria tudo para voltar atrás no tempo, minha senhora. Para impedir que o Jake entrasse naquela floresta. Bem sei que não há nada que eu pudesse ter feito, mas por algum motivo, mesmo agora, sinto-me responsável pelo que ele fez àquela criança japonesa.

Chiyoko Kamamoto, a prima de dezoito anos do único passageiro sobrevivente do Voo 678 da Sun Air, Hiro Yanagida, conheceu pela primeira vez Ryu Takami no fórum de um jogo de RPG muito popular. A maioria dos jogadores são *otaku* (gíria para excêntricos ou obsessivos) ainda na sua adolescência ou com cerca de vinte anos e, como uma das poucas jogadoras do sexo feminino, Chiyoko tornou-se extremamente popular.

É um mistério o motivo pelo qual Chiyoko escolheu Ryu, um rapaz que sempre teve maus resultados escolares e *hikikomori* (recluso), como seu companheiro de conversa, embora tal tenha sido objeto de uma especulação sem fim. Até que os acontecimentos os tivessem dominado, esse par trocava mensagens todos os dias, por vezes durante horas. Essas mensagens foram recuperadas do computador e do telefone inteligente, após o desaparecimento de Chiyoko, e acabaram por aparecer na Internet.

O original foi escrito predominantemente em forma de *chat*, mas, para facilitar a leitura e a consistência, com exceção do uso de *emoji* [emoticons] por parte de Ryu, o mesmo foi modificado. Tradução de Eric Kushan.

(Chiyoko refere-se à mãe, com quem teve um relacionamento muito distante, como a «Criatura Mãe» ou «CM». O «Tio Androide» ou «TA» corresponde a Kenji Yanagida, o tio de Chiyoko, um dos especialistas em robótica mais aclamados do Japão).

Mensagem registada @ 15:30, 14/01/2012

CHIYOKO: Ryu, estás aí?

RYU: (o . . .) Onde tens estado?

CHIYOKO: Nem perguntes. A «Criatura Mãe» precisa de mim novamente. Ouviste as notícias? A comissária de bordo. Morreu no hospital há uma hora. Isso significa que o Hiro é o único sobrevivente.

RYU: Está tudo a dar no Canal-2. Tão triste. Como está o Hiro?

CHIYOKO: Está bem, acho. Uma clavícula deslocada, arranhões, é tudo, tanto quanto sei.

RYU: Teve tanta sorte.

CHIYOKO: Isso é o que a Criatura Mãe continua a dizer. «Um milagre.» Ela criou um altar temporário para a tia Hiromi. Eu não sei onde é que ela arranhou a fotografia dela. A CM nunca gostou da tia, mas agora ninguém daria por isso. «Uma pena, ela era tão bonita, tão calma, uma mãe tão boa.» Tudo mentira. Ela estava sempre a dizer que a tia era uma arrogante.

RYU: Descobriste o que eles estavam a fazer em Tóquio? A tua tia e o Hiro, quero dizer.

CHIYOKO: Sim. A CM diz que a tia Hiromi e o Hiro estavam a visitar um velho amigo de escola. Posso dizer-te que a CM ficou fura por a tia não a ter visitado quando esteve cá, mas ela nunca irá dizer isso em voz alta, seria uma *falta de respeito*.

RYU: Alguns repórteres tentaram falar contigo? Aquelas imagens deles a tentarem passar por cima dos muros do hospital, para obter fotografias dos sobreviventes, foi de loucos. Ouviste falar do que caiu do telhado? Há uma imagem dele no *Nico Nico*. Que estúpido!

CHIYOKO: Ainda não. Mas eles descobriram onde o meu pai trabalha. Nem mesmo algo como isto, a morte de uma irmã, é suficiente para ele tirar um dia de folga. Ele recusou-se a falar com eles. Mas é no Tio Androide que eles estão realmente interessados, é claro.

RYU: Eu ainda não consigo acreditar que sejas da família do Kenji Yanagida! Ou que não mo tenhas dito quando nos conhecemos. Teria andado por aí a gabar-me disso.

CHIYOKO: Como é que achas que ia parecer? Olá, eu sou a Chiyoko, e adivinhem! Sou da família do Homem Androide. Ia parecer que te estava a tentar impressionar.

RYU: Tu a impressionares-me *a mim*? Devia ser ao contrário.

CHIYOKO: Não vias começar outra vez com essa tua autopiedade, pois não?

RYU: Não te preocupes, tiraste-me esse mau hábito. Então... como é que ele é realmente? Preciso de mais informações.

CHIYOKO: Já te disse. Eu na verdade não o conheço. A última vez que o vi foi quando ele, o Hiro e a tia Hiromi vieram cá passar o Ano Novo, há 2 anos, logo depois de termos voltado dos EUA, mas eles não ficaram cá e eu só lhe dirigi três palavras. A tia era muito bonita, mas muito distante. No entanto, gostava do Hiro, ele era um miúdo lindo. A CM diz que o Tio Androide pode vir e ficar cá em casa enquanto o Hiro está no hospital. Eu não acho que ela esteja muito interessada nisso. Eu ouvi-a a dizer ao pai que o Tio Androide é tão frio como o seu robô.

RYU: A sério? Mas, no documentário, ele surge como alguém com muita graça e simpatia.

CHIYOKO: Qual documentário? Há mais de mil.

RYU: Não me lembro. Queres que to arranje?

CHIYOKO: Não te preocupes. Mas o modo como estamos em frente das câmaras pode ser diferente daquilo que somos realmente. Parece-me que é uma coisa genética.

RYU: O quê? Estar em frente das câmaras?

CHIYOKO: Não! Ser frio. Como eu. Eu não sou normal. Sou fria. Tenho uma pedra de gelo no coração.

RYU: Chiyoko, a princesa de gelo.

CHIYOKO: Chiyoko, a *yuki-onna*.

CHIYOKO: Então, já decidimos que tenho uma condição genética para princesa de gelo, que só pode ser curada por... pelo quê?

RYU: Fama? Dinheiro?

CHIYOKO: É por isso que eu gosto de ti, Ryu, tens sempre a resposta certa. Achei que ias dizer amor e, se fosse isso, ficava agoniada.

RYU: o(_ _)o Mas qual é o problema do amor?

CHIYOKO: É uma coisa que não existe, a não ser nos maus filmes americanos.

RYU: Mas tu não és completamente fria. Eu sei que não és.

CHIYOKO: Então porque é que eu já não me ralo? Ouve, vou prová-lo. Quantas pessoas morreram no acidente da Sun Air?

RYU: 525. Não, 526.

CHIYOKO: 526. Sim. Incluindo a minha tia. Mas tudo o que estou a sentir é alívio.

RYU: ?? (. _ . *)

CHIYOKO: Muito bem... deixa-me explicar. Desde o acidente, desde que ela ouviu falar sobre a tia Hiromi e o Hiro, a CM nunca mais andou em cima de mim para eu voltar para a escola para empinar matérias. Mas será que é mau pensar assim? Que por causa da tragédia de alguém eu tenha um pouco de paz na minha vida pessoal?

RYU: Olha, tu tens uma vida pessoal. Isso já é alguma coisa. Já eu...

CHIYOKO: Ah! Eu sabia que era bom de mais para durar. Não te rales, tu podes ser o meu *hikikomori* pessoal. Gosto de te imaginar trancado no teu quartinho, com as cortinas a taparem a luz, a fumar um cigarro atrás do outro e a enviare-me mensagens quando estás cansado de jogar Ragnarok.

RYU: Eu não sou um *hikikomori*. E não jogo Ragnarok.

CHIYOKO: Não dissemos que íamos ser sempre sinceros um com o outro? Eu disse-te quem era.

RYU: Eu só não gosto dessa palavra.

CHIYOKO: Vais amuar agora?

RYU: _ | 70

CHIYOKO: *ORZ???* Não! Há quanto tempo andas a guardar essa novidade? As pessoas ainda usam essa palavra? Tens a certeza que tens real-

mente 22 anos e não 38, ou qualquer coisa assim? E quando é que vais deixar de postar toda essa merda *Ascii*?

RYU: <(_ _)> Mudemos de assunto. Ei... Quando é que me vais contar acerca da tua vida nos Estados Unidos?

CHIYOKO: Não me venhas com isso outra vez. Porque é que tens tanto interesse em saber isso?

RYU: Estou apenas interessado. Sentes saudades?

CHIYOKO: Não. Não importa onde vivas, o mundo é uma coisa confusa. Outro assunto, por favor.

RYU: Ok... Os quadros de mensagens andam malucos sobre o motivo de o avião ter caído em Jukai. Há toda uma teoria que diz que o comandante despenhou o avião de propósito. O comandante suicida.

CHIYOKO: Eu sei. Isso já é uma notícia requentada, está por todo o lado. Que é que achas?

RYU: Não sei. Algumas das coisas que andam a dizer podem ser verdade. A floresta tem uma história e situa-se a muitos quilómetros da rota aérea para Osaka, porquê ter aí um acidente?

CHIYOKO: Talvez ele não quisesse cair numa área povoada. Talvez estivesse a tentar salvar mais vidas desse modo. Sinto muito pela sua mulher.

RYU: Tu *sentas muito*? Pensei que eras a princesa de gelo.

CHIYOKO: Eu ainda posso sentir alguma coisa por ela. De qualquer forma, aquele executivo da Sun Air que pôs a boca no trombone disse que o comandante era um dos melhores e mais confiáveis da companhia, e que nunca teria feito uma coisa dessas. Além disso, eles disseram que ele não tinha preocupações de dinheiro, de modo que não precisa do seguro, e o seu exame médico mostrava que ele estava de ótima saúde.

RYU: Eles podem estar a mentir. E, de qualquer forma, talvez ele estivesse possuído. Talvez *alguma coisa* o tivesse obrigado a fazê-lo.

CHIYOKO: Ah! Derrubado das alturas por fantasmas famintos.

RYU: Mas tens de admitir... Porquê tantos aviões no mesmo dia? Tem de haver uma razão.

CHIYOKO: Qual? Não me digas, trata-se de um sinal de que o fim do mundo se está a aproximar?

RYU: Porque não? Estamos em 2012...

CHIYOKO: Tens passado tempo *de mais* em *sites* relacionados com a teoria da conspiração, Ryu. E já teríamos sabido se aquilo se tratasse de terrorismo.

RYU: Devolvam-me a verdadeira Chiyoko, por favor! Tu és a única pessoa que está sempre a dizer que o governo e a imprensa nos usam como peças de um jogo e nos mentem constantemente.

CHIYOKO: Isso não significa que eu tenha de acreditar numa teoria da conspiração mal cozinhada. A vida não é assim. É uma maçada. Os políticos mentem-nos, é claro que o fazem. De que outra forma iríamos ser os seus soldadinhos bons e nunca sair dos eixos?

RYU: Tu realmente achas que eles nos diziam a verdade se tivessem sido terroristas?

CHIYOKO: Eu só disse que eles nos mentiam. Mas alguns segredos são demasiado grandes para que eles os consigam esconder. Talvez nos EUA, mas não aqui. Esse segredo teria de passar por oito níveis de burocracia antes que o aprovassem como tal. As pessoas são tão parvas. Não terão coisas melhores para fazer do que falar o dia todo sobre a teoria da conspiração? Para quê difamarem um homem morto que, muito provavelmente, estava a tentar salvar o maior número de pessoas que podia?

RYU: Ei... Agora estou realmente a ficar preocupado. Será que a princesa de gelo está a descongelar? Será isso um sinal de que ela, apesar de tudo, se importa?

CHIYOKO: Eu não me importo. Bem... importo-me... mas só um bocadinho. No entanto, ainda me põe doida. Os malucos nos *sites* dessas teorias são tão maus como as meninas inúteis que passam os dias em Mixi. Imaginas o que aconteceria se elas gastassem a mesma energia para falarem das coisas que são realmente importantes?

RYU: Como quais?

CHIYOKO: Mudar o sistema. Parar com o nepotismo; impedir que as pessoas se transformem em escravos. Evitar que as pessoas morram, que sejam intimidadas... todas essas coisas...

RYU: Chiyoko, a revolucionária princesa de gelo.

CHIYOKO: Estou a falar a sério. Vai para a escola, vai empinar matérias, estuda muito, faz com que os teus pais se sintam orgulhosos, entra na Keio, vai trabalhar todos os dias durante 18 horas seguidas, não te desvies, não reclames, não sejas um não-conformista. Há muitos «nãos».

RYU: Sabes que concordo contigo, Chiyoko. Vê onde estou... Mas que podemos nós fazer?

CHIYOKO: Nada. Não há nada que possamos fazer. Apenas engolir tudo, ou desistir, ou morrer. Pobre Hiro. Ele tem muitas coisas ainda à sua espera.

RYU: (_ _).....o

Notas do tradutor:

Ascii: O termo para texto artístico (tal como o que é utilizado pelo Ryu, atrás). Este foi popularizado em fóruns como o Canal-2.

ORZ: Um *emoji* ou emoticon japonês muito popular que denota frustração ou desespero. As letras assemelham-se a alguém a bater com a cabeça no chão (O é a cabeça; R o tronco; e Z as pernas).

Yuki-Onna (Mulher da Neve): No folclore japonês o *Yuki-Onna* é o espírito de uma mulher que morreu numa tempestade de neve.

Hikikomori: Alguém que vive socialmente isolado, na medida em que eles raramente (ou nunca) saem dos seus quartos. Calcula-se que no Japão haja quase um milhão de adolescentes ou adultos jovens, socialmente isolados, que optaram por se distanciar da sociedade desta maneira.

A controversa colunista britânica Pauline Rogers, conhecida pelo seu estilo confessional de jornalismo, foi a primeira a usar o termo «Os Três» para se referir aos miúdos que sobreviveram aos desastres de avião da Quinta-feira Negra.

Este artigo foi publicado em *The Daily Mail*, a 15 de janeiro de 2012.

Já decorreram três dias desde a Quinta-feira Negra, e encontro-me sentada no meu recém-construído escritório privado, a olhar para o ecrã do computador, sem poder acreditar no que vejo.

Não porque ainda esteja surpreendida, tal como possam estar a pensar, com a coincidência horrível que resultou na queda de quatro aviões de passageiros, no mesmo dia. Embora ainda o esteja um pouco. Quem não estará? Não. Estou apenas a percorrer a lista impressionante de *sites* que abordam a teoria da conspiração, e todos eles têm uma vertente diferente (sempre mais bizarra do que a anterior) sobre o que teria causado a tragédia. Apenas uma sessão de cinco minutos, no Google, ir-nos-á revelar vários *sites* dedicados à crença de que Toshinori Seto, o bravo comandante altruísta que escolheu despenhar o avião do Voo 678, da Sun Air, numa área despovoada, em vez de ter causado mais vítimas, estaria possuído por espíritos suicidas. Num outro, insiste-se no facto de que todos os quatro aviões teriam sido alvejados por extraterrestres malévolos. Os investigadores dessas quedas têm apontado, em termos inequívocos, que a atividade terrorista pode ser posta de lado, especialmente no caso do acidente da Dalu Air, em África, onde os relatórios dos controladores de tráfego aéreo confirmam que o desastre se deveu a um erro do piloto; não obstante, existem *sites* anti-islâmicos a ser criados a cada minuto. E os fanáticos da religião, que dizem tratar-se de um sinal enviado por Deus, estão a aproximar-se rapidamente deles.

É inevitável que um acontecimento desta magnitude monopolize a atenção mundial, mas por que motivo estarão as pessoas tão predispostas a pensar rapidamente no pior, ou a perder tempo a acreditar em teorias francamente bizarras e complicadas? Decerto, as oportunidades de qualquer coisa desta natureza poder acontecer são infinitesimais, mas,

vejamos bem. Estaremos nós assim tão aborrecidos? Será que, bem no fundo, seremos apenas os ogres da Internet?

De longe, os mais venenosos de todos são os rumores e as teorias que foram postas a circular acerca dos três sobreviventes, Bobby Small, Hiro Yanagida e Jessica Craddock, a quem, por razões de brevidade, me irei referir como «Os Três». E culpo os meios de comunicação que estão a assegurar-se de que a ganância do público para obter informações sobre essas pobres criaturas continue a ser alimentada na hora. No Japão, andam a saltar por cima de muros para tirarem fotografias a esse pobre menino que, não o esqueçamos, perdeu a mãe no acidente. Outros correram logo para o local do impacto, o que dificulta as operações de salvamento. No Reino Unido e nos EUA, as crianças Jessica Craddock e Bobby Small estão a ocupar mais espaço nas primeiras páginas do que a mais recente gafe da Família Real.

Mais do que a maioria, conheço bem o modo como a atenção implacável e a especulação podem tornar-se uma fonte de stress. Quando me separei do meu segundo marido e escolhi escrever sobre os detalhes íntimos da nossa separação, nesta mesma coluna, vi-me logo no centro de uma tempestade mediática. Durante duas semanas, mal podia sair da porta, sem que um *paparazzo* aparecesse para tentar tirar-me fotografias sem maquilhagem. Sinto uma profunda empatia com o que «Os Três» estão a passar, do mesmo modo que a rapariga de dezoito anos, Zainab Farra, que, há dez anos, foi a única sobrevivente de um acidente aéreo devastador, quando o Voo 715 da Royale Air se despenhou, logo após a descolagem do aeroporto de Adis Abeba. Tal como «Os Três», Zainab foi a única criança que sobreviveu, vendo-se no centro de um circo mediático. Zainab publicou recentemente a sua autobiografia, *Wind Beneath My Wings* [«O Vento por Baixo das Minhas Asas»], e apelou publicamente para que «Os Três» fossem deixados em paz, para que pudessem lidar com a sua sobrevivência milagrosa. — Não são atrações de circo — afirma ela. — São crianças. Por favor, o que elas precisam agora é de espaço e de tempo para se restabelecerem e poderem compreender tudo aquilo por que passaram.

Não podia estar mais de acordo. Devíamos dar graças pelo facto de terem sido salvas, não perder o nosso tempo a arquitetar bizarras teorias da conspiração em torno delas, ou a torná-las alvos fáceis de mexericos de primeira página. Saúdo-vos aos três, e espero, do fundo do meu coração, que todos vocês possam encontrar a paz, enquanto lidam com os terríveis acontecimentos que vos roubaram os vossos pais.

Neville Olson, um fotógrafo *freelance*, *paparazzo*, residente em Los Angeles, foi encontrado morto no seu apartamento, no dia 23 de janeiro de 2012. Embora a forma bizarra da sua morte se tenha tornado notícia de primeira página, esta é a primeira vez que o seu vizinho, Stevie Flanagan, que descobriu os seus restos mortais, fala publicamente.

Temos de ser um tipo especial de pessoa para fazermos o que Neville fazia para viver. Perguntei-lhe uma vez se se sentia desprezível devido às suas atividades, escondendo-se nos arbustos, à espera de meter a máquina fotográfica pelas saias acima de uma estrela qualquer que, nesse mês, estivesse no auge da popularidade. Mas ele disse-me que fazia apenas o que o público *queria* que ele fizesse. Especializou-se em coisas vis, como essas fotografias que ele tirou da Corinna Sanchez a comprar cocaína em Compton. Como teria ele sabido que ela iria estar nesse município, foi algo que nunca chegou a divulgar, pelo menos a mim. Era muito cauteloso sobre o modo como obtinha a sua informação.

Será desnecessário dizer que Neville era um pouco estranho. Um solitário. Creio que o trabalho se adequava bem à sua personalidade. Conheci-o quando ele se estava a mudar para o apartamento por baixo do meu. O lugar onde morávamos nessa época era um prédio de duplexes em El Segundo. Muitas das pessoas que lá viviam trabalhavam no Aeroporto Internacional de Los Angeles, de modo que havia pessoas a sair e a entrar a toda a hora. Eu estava a trabalhar para uma companhia de alugar de automóveis, de modo que o local me agradou. Era conveniente. Não diria que éramos amigos íntimos, ou qualquer coisa do género, mas, se nos encontrávamos, acabávamos sempre por conversar. Nunca vi ninguém que o tivesse vindo visitar, e nunca o vi com uma mulher uma única vez, nem com um homem. Era o tipo de indivíduo que eu classificaria como assexual. Alguns meses depois de ele se ter mudado, perguntou-me se eu queria ir a sua casa «conhecer os seus companheiros». Pensei que talvez tivesse arranjado alguém para o ajudar a pagar a renda, de modo que lhe disse que sim. Estava curioso para ver que tipo de pessoa se daria com ele.

Quase vomitei quando entrei no apartamento pela primeira vez.

Porra, cheirava mal como tudo! Não sei como descrevê-lo, creio que podíamos dizer que era um pouco como uma mistura de peixe e de carne podres. Também estava muito calor e muito escuro. As cortinas estavam fechadas e o ar condicionado desligado. Eu estava intrigado sobre que porra seria aquela! Então, vi algo a mexer-se no canto da sala, uma grande sombra, que parecia vir direita a mim. A princípio, não podia acreditar no que estava a ver, só depois percebi que era um sacana de um lagarto enorme. Dei um grito e o Neville riu-se como um louco. Já estava à espera da minha reação. Pediu-me que não ficasse tão tenso e disse-me: — Não se preocupe, é apenas o George. — Tudo o que nesse momento queria fazer era sair dali para fora, mas estava a tentar não me comportar como um medricas, não sei se está a ver. Perguntei ao Neville que porra fazia ele com uma coisa daquelas no apartamento, e ele apenas encolheu os ombros, contando-me que tinha três dessas malditas coisas: três varanos-gigantes, de África ou lá de onde eram, e que, a maioria das vezes, os deixava andar à vontade, em vez de os manter em gaiolas ou terrários. Informou-me que eles eram muito inteligentes, «inteligentes como porcos ou como cães». Perguntei-lhe se eram perigosos e ele mostrou-me uma cicatriz irregular no pulso. — Saiu-me daqui um bom pedaço de pele — esclareceu ele, mas podíamos ver que o dizia com um certo orgulho. — Mas eles são geralmente bonzinhos se os tratarmos bem. — Perguntei então o que comiam, e ele disse-me: — Ratos bebés. Ainda vivos. Compro-os num lugar de venda por atacado. — Imagine-se ter um trabalho desses, ser comerciante de ratos bebés... Depois prosseguiu com a lengalenga sobre como algumas pessoas eram contra os roedores para a alimentação de varanos e, durante todo esse tempo, não tirei os olhos daquela coisa. A ver se não se aproximava muito de mim. Mas isso não era tudo, mantinha a sua coleção de cobras e de aranhas no quarto onde dormia. Terrários por toda a parte. Continuou a falar sobre como as tarântulas são os melhores animais de estimação. Mais tarde, disseram que ele era um colecionador compulsivo de animais.

Dias depois da Quinta-feira Negra, ele bateu-me à porta, dizendo-me que se iria ausentar da cidade. Grande parte do seu trabalho era feita em Los Angeles, porém, ocasionalmente, tinha de se deslocar para mais longe. Essa foi a primeira vez que ele me pediu para tomar conta dos seus «amiguinhos». — Eu ponho-lhes bastante comida antes de me ir embora. — Assegurou-me de que podia estar fora durante três dias mas que eles ficariam bem. Pediu-me para verificar os níveis da água para os animais, e jurou-me que os seus varanos-gigantes ficariam bem trancados. Ele era geralmente cauteloso acerca do seu trabalho, mas que

dessa vez, para onde ia, poderia haver hipóteses de se vir a meter em sarilhos.

Contou-me que pedira que lhe fizessem um favor para poder ir num dos helicópteros fretados que se dirigiam para Miami, para o hospital onde tinham internado o Bobby Small, para ver se conseguia tirar uma fotografia à criança. Disse-me que tinha de o fazer muito rapidamente, pois o menino iria regressar em breve ao Hospital de Nova Iorque.

Ainda lhe perguntei como diabo pensava ele aproximar-se do local. Com base no que vira nos noticiários, a segurança no hospital era apertada, mas ele limitou-se a sorrir. Disse-me que se tinha especializado neste tipo de coisa.

Só estive fora três dias, de modo que não precisei, apesar de tudo, de entrar em sua casa. Vi-o a sair do táxi, quando estava a chegar a casa depois do meu turno. Tinha o aspeto terrível de alguém que se encontrava realmente abalado, como se estivesse doente ou algo assim. Perguntei-lhe se tudo corraera bem e se ele conseguira tirar uma fotografia à criança. Ele não me respondeu e pareceu-me tão em baixo que lhe perguntei se queria entrar para tomar uma bebida. Ele entrou logo, nem sequer tendo ido a sua casa ver como estavam os répteis. Era fácil depreender que ele queria falar, mas não conseguia pronunciar as palavras. Servi-lhe um copo e ele bebeu-o de um trago e, em seguida, dei-lhe uma cerveja, porque já não tinha bebidas mais fortes. Ele bebeu a cerveja e pediu-me outra, que também bebeu num instante.

A bebida ajudou e, lentamente, ele contou-me o que tinha feito. Pensei que me iria dizer que se tinha disfarçado de porteiro, ou algo semelhante, para entrar no hospital, talvez furtivamente, através da morgue, ao estilo de um filme de série B. Mas foi pior. Muito inteligente. Mas pior. Mudou-se para um hotel a pouca distância do hospital, inventou uma história muito complicada, uma identidade falsa e um sotaque que tinha usado antes: um homem de negócios do Reino Unido que estava em Miami para uma conferência. Disse que tinha feito a mesma coisa quando o Klint Maestro, o vocalista dos Space Cowboys, tivera uma *overdose*. Fora assim que conseguira as fotografias de Klint, já estendido na cama na sua roupa de hospital. Fora fácil. Tomou insulina extra para se fazer passar por hipoglicémico. Eu nem sabia que ele era um diabético dependente da insulina. Mas também, por que motivo o iria saber? Ele limitou-se a cair redondo num bar e a dizer a um *barman*, ou talvez a outra pessoa, que precisava de ser levado urgentemente para o hospital mais próximo. Em seguida, desmaiou.

Nas urgências, ligaram-no a um frasco que gotejava e, a fim de ser internado, ele fingira ter um ataque epilético. Podia ter morrido, mas

relatou-me que não era a primeira vez que fazia uma coisa dessas, e que guardava sempre dois saquinhos de açúcar numa das meias, caso necessitasse deles. Digamos que se tratava do seu *modus operandi*. Disse-me que era horrível movimentar-se nessa condição (que lhe tinham dado *Valium* após o ataque, e que se sentia muito mal depois de se fazer passar por hipoglicémico).

Perguntei-lhe se tinha conseguido chegar ao local onde a criança se encontrava, mas ele disse-me que nada daquilo o levava a lado algum, que fora um fracasso. Disse que não tinha podido aproximar-se sequer da enfermaria onde estava o Bobby, pois a segurança era muito apertada.

No entanto, quando encontraram mais tarde a sua máquina fotográfica, ficaram a saber que ele, afinal, entrara no quarto do rapaz. Há uma fotografia do Bobby sentado na cama, e ele está a sorrir diretamente para a objetiva, como se estivesse a posar para uma fotografia de família, ou algo assim. Deve tê-la visto. Alguém do gabinete do médico-legista acabou por divulgá-la. Quase me assustou.

Ele bebeu uma terceira cerveja e disse: — Não vale a pena, Stevie. Nada disto vale a pena.

E eu continuei: — A que é que se está a referir?

Ele agiu como se não me tivesse ouvido. Eu não sabia de que diabo estaria ele a falar. Em seguida, saiu.

Acabei por ficar meio imerso em trabalho depois disso. O vírus do vômito tinha-se propagado, e parecia que todos, no trabalho, estavam doentes em casa. Trabalhei dois turnos seguidos, e andei de um lado para o outro como um morto-vivo, durante a maior parte do tempo. Só mais tarde é que percebi que já devia ter passado uma semana desde que vira o Neville pela última vez.

Em seguida, um dos tipos que viviam na secção em frente do apartamento de Neville, o Sr. Patinkin, pediu-me o número do superintendente do prédio, dizendo que havia um problema com os esgotos. Disse-me que pensava que talvez o mau cheiro viesse do apartamento de Neville.

Creio que soube de imediato que qualquer coisa tinha acontecido. Fui lá abaixo, bati à porta, enquanto ouvia o som fraco da televisão e nada mais. Eu ainda tinha a chave, mas gostava de ter tido a feliz ideia de ter chamado logo a polícia. O Sr. Patinkin foi comigo. Ele precisou de um psicólogo especializado em questões de trauma depois disso. Eu próprio ainda tenho pesadelos. Estava escuro lá dentro, mas eu vi o Neville desde a porta da frente, sentado, encostado contra a parede, com as pernas estendidas. A sua forma não me parecia lá muito normal. Isso devia-se ao facto de lhe faltarem bocados.

Disseram que ele morreu de uma *overdose* de insulina, mas a au-

tópsia mostrou que ele não estava completamente morto quando eles começaram a... você sabe.

Era uma grande notícia: «Homem comido vivo por varanos e aranhas de estimação». Havia toda uma história a circular de que as tarântulas lhe tinham fiado teias por todo o corpo e que estavam a fazer um ninho dentro de sua cavidade torácica. Uma ova. Tanto quanto eu podia dizer, as aranhas ainda estavam todas nos seus terrários próprios, ou lá como lhe possam chamar. Foram os lagartos, esses varanos, que o comeram.

É engraçado ele ter-se tornado notícia. Que chama você a isso? Ironia... Houve até indivíduos como ele, a andarem furtivamente à volta do apartamento para tentarem conseguir uma fotografia. Essa história empurrou tudo sobre o milagre d'Os Três para fora das primeiras páginas, durante um dia. Mais tarde, tudo veio de novo à superfície, quando o pregador começou a dizer que se tratava de mais um sinal do Apocalipse, ou do que quer que fosse, referindo-se ao facto de os animais terem começado a atacar os seres humanos.

A única maneira de conseguir lidar com isso é pensar que talvez fosse assim que o Neville gostaria de acabar. Ele adorava os malditos lagartos.

Segunda Parte

CONSPIRAÇÃO

de Janeiro a Fevereiro

Uma ex-seguidora da Igreja do Redentor do pastor Len Vorhees, Reba Louise Neilson, descreve-se como sendo «a melhor amiga de Pamela May Donald». Ela ainda vive no Condado de Sannah, no Sul do Texas, onde é a coordenadora local do Centro de Preparação para Senhoras Cristãs. Reba insiste no facto de que nunca foi membro da seita pamelista do pastor Vorhees e concordou em falar comigo, para «que as pessoas saibam que existem boas pessoas que vivem aqui, que nunca quiseram que nada de mal acontecesse a essas crianças». Falei com a Reba em várias ocasiões, via telefone, em junho e em julho de 2012, e compilei as nossas conversas em vários relatos.

A Stephenie contou-me primeiro acerca disso. Estava a chorar ao telefone, mal se conseguia exprimir. — É a Pam, Reba — disse ela, quando finalmente consegui que se acalmasse —, ela estava no avião que caiu.

Eu disse-lhe para não dizer parvoíces, que a Pam estava no Japão a visitar a filha, que não estava na Florida.

— Não é esse avião, Reba, é o japonês, estão agora a falar dele nas notícias. — Bem, o coração quase me caiu aos pés. Eu tinha ouvido falar do acidente no Japão, é claro, assim como no outro, naquele lugar impronunciável em África, e o avião cheio de turistas ingleses que caiu no mar, na Europa. No entanto, eu nem por um minuto pensara que a Pam estivesse nele. Tudo aquilo era simplesmente *terrível*. Num momento, era como se todos os aviões do mundo tivessem começado a cair. Os pivôs da Fox News davam informações sobre um acidente, depois hesitavam e diziam:

— Acabámos de ouvir que houve outro avião que caiu...

Lorne, o meu marido, disse que parecia tratar-se de uma brincadeira de mau gosto que nunca mais acabava.

Perguntei à Stephenie se ela informara o pastor Len, e ela contou-me que tinha tentado telefonar para o rancho, mas que a Kendra tinha sido vaga, como de costume, acerca de quando ele estaria de volta e, para além disso, ele também não estava a atender o telemóvel. Desliguei e corri para a sala para ver as notícias. Por detrás da Melinda Stewart (ela é a minha pivô favorita da Fox, o tipo de mulher com quem nos imagina-

mos a beber café, não sei se sabe...) estavam duas fotografias enormes, uma da Pam e outra daquele menino judeu que sobrevivera ao acidente da Florida. Não gosto de pensar no que a Pam teria dito sobre a fotografia dela, que deveria ser a do seu passaporte, onde parecia olhar para toda a gente como se lha tivessem tirado na cadeia. Detesto dizer isto, mas o cabelo dela era uma confusão. Ao longo da parte inferior do ecrã, continuavam a repetir as palavras: «526 mortos no desastre da Sun Air japonesa. A única pessoa americana a bordo chamava-se Pamela May Donald e era do Texas».

Fiquei sentada, Elspeth, a olhar para aquela fotografia, a ler as palavras, até que finalmente me dei conta de que a Pam, na verdade, já não estava connosco. Aquele investigador muito simpático, Ace qualquer coisa, daquela série de acidentes aéreos que o Lorne gosta de ver, apareceu a falar desde a Florida e disse que era muito cedo para se ter a certeza, mas que, ao que parecia, nada daquilo tivera a ver com atos terroristas. A Melinda perguntou-lhe se ele achava que os acidentes podiam ter sido causados por fatores ambientais ou, talvez, devido a uma «questão de força maior». Não gostei nada disso, Elspeth, posso dizer-lhe! O que significava que Nosso Senhor não tinha outra coisa melhor para fazer do que abater uns quantos aviões. Seria o Anticristo quem teria tido uma mão *nisso*. Não me consegui mexer durante muito tempo; em seguida mostraram uma perspetiva aérea de uma casa que me pareceu familiar. Só depois percebi que era a casa da Pam, só que parecia mais pequena vista do ar. Foi então que me lembrei do Jim, o marido da Pam.

Eu nunca tive muito a ver com Jim. Pela maneira como a Pam costumava falar dele, com uma espécie de reverência silenciosa, pensaríamos que ele era um gigante, apesar da sua pouca altura, pois, em pessoa, não é muito mais alto do que eu. Não gosto de dizer isto, mas sempre suspeitei que ele talvez lhe batesse. Nunca vimos nódoas negras na Pam, ou qualquer coisa semelhante. Só que era estranho, que ela se sentisse sempre tão intimidada. O meu Lorne, se me levantasse sequer a voz... Bem, acredito que o homem é o chefe da família, é claro, mas trata-se de uma questão de respeito mútuo, não é? Ainda assim, ninguém merece passar por aquilo por que aquele homem passou, e eu sabia que tinha de fazer qualquer coisa para o ajudar.

O Lorne estava nas traseiras, a fazer o inventário da fruta enlatada e a reorganizar os nossos produtos secos. — Todos os cuidados são poucos — é o que ele diz. Não com essas erupções solares, com a globalização e com as grandes tempestades de que se fala por aí, e é bom que nós nunca sejamos apanhados de surpresa. Quem sabe quando Jesus nos irá chamar para a sua companhia? Eu contei-lhe o que tinha acontecido, que a

Pam estava no avião japonês. Ele e o Jim trabalharam juntos na fábrica B & P, e eu disse-lhe que ele devia ir ver se o Jim precisava de alguma coisa, mas ele não estava lá muito convencido. Eles não eram grandes amigos e trabalhavam em diferentes secções, mas o Lorne foi lá na mesma. Pensei que seria melhor eu ficar em casa, para me certificar de que toda a gente sabia do sucedido.

Liguei, em primeiro lugar, para o telemóvel do pastor Len, mas a chamada foi direitinha para a caixa de mensagens, onde acabei por deixar um recado. Ele não demorou a telefonar-me e eu percebi, pela forma como a voz lhe tremia, que acabara de ouvir a notícia. A Pam e eu éramos membros do que ele chamava o seu «círculo mais chegado» há já muito tempo. Antes de o pastor Len e a Kendra terem vindo para o Condado de Sannah (estamos a falar, mais ou menos, de há quinze anos), eu fazia parte da Igreja das Novas Revelações, em Denham. Isso também significava ter de guiar meia hora todos os domingos e quartas-feiras para me juntar ao grupo de estudos bíblicos, porque de maneira nenhuma ia frequentar os serviços religiosos dos Episcopais, não com as suas opiniões liberais sobre a questão homossexual.

Assim, pode imaginar como fiquei feliz quando o pastor Len chegou à cidade e assumiu a direção da velha Igreja Luterana, que estava sem membros há já muito tempo. Naquela época, não conhecia o seu programa de rádio. Foram os seus cartazes o que primeiro me chamou a atenção. Ele sabia como atrair as atenções para a obra do Senhor! Todas as semanas colocava um dístico com uma mensagem diferente: «Gostas de jogar a dinheiro? Bem, o Diabo gosta de jogar com almas» e «Deus não acredita em ateus, logo os ateus não existem» foram dois dos meus favoritos. O único cartaz a que eu não ligava mostrava uma fotografia de uma *Bíblia* com uma dessas antenas antigas de telemóveis a sair-lhe do topo e com a frase «Apta para salvar a tua alma», que eu achava que era um pouco ridícula. A congregação do pastor Len era pequena, no início, e foi aí que eu realmente comecei a conhecer a Pam, embora a tivesse já visto em reuniões de pais, é claro. A sua Joanie era mais velha do que as minhas duas filhas. Nós nem sempre nos entendemos bem em tudo, mas ninguém pode dizer que ela não era uma boa cristã.

O pastor Len disse-nos, na noite seguinte, que tinha organizado um círculo de oração pela alma da Pam e, como a Kendra estava com uma das suas habituais dores de cabeça, pediu-me para fazer os telefonemas a avisar o grupo de estudos bíblicos. Foi quando o Lorne chegou a casa, muito enofrado, a dizer que havia carrinhas de canais televisivos de notícias e repórteres à porta de Jim, mas que ninguém em casa lhes respon-

dia. Ora, é claro, eu contei tudo isso ao pastor Len que me disse que era nosso dever cristão ajudar o Jim na sua hora de aflição, mesmo que ele não fosse um membro da igreja. A Pam nunca tinha falado muito nisso. O meu Lorne acompanhava-me todos os domingos, embora não se juntasse ao grupo de estudos bíblicos ou ao círculo de orações de cura, e deve ter sido simplesmente terrível para a Pam saber que o marido seria abandonado, aqui na terra, para enfrentar a ira do Anticristo e arder no Inferno por toda a eternidade.

Depois, comecei a pensar se a filha da Pam, a Joanie, estaria a regressar a casa. Ela há dois anos que não vinha, pois tinha havido um problema entre ela e o Jim no tempo em que ela ainda andava na faculdade. Ele não gostava do namorado que ela tinha, um mexicano. Ou meio mexicano, segundo vim a saber. Isso acabou por causar uma grande divisão na família, o que magoou a Pam. Ela ficava sempre com um ar melancólico quando eu lhe falava dos meus netos. Ambas as minhas filhas se casaram logo que saíram do liceu e acabaram por arranjar casa a poucos minutos de distância da minha. Foi por isso que a Pam foi ao Japão. Estava cheia de saudades da Joanie.

Estava a fazer-se tarde, de modo que o pastor Len sugeriu que fôssemos ver o Jim logo cedo, na manhã seguinte. Oh, ele estava muito bem arranjado quando me veio buscar logo às oito, no dia seguinte! Nunca me irei esquecer disso, Elspeth. Um fato e uma gravata de seda vermelha. Mas ele preocupava-se sempre bastante com a sua aparência. Sinto-me mal ao dizer isto, mas gostaria de poder dizer o mesmo da Kendra. Ela e o pastor Len pareciam que não tinham nada a ver um com o outro. Ela era quase esquelética, parecia sempre cansada e vestia-se de qualquer maneira.

Fiquei surpresa com o facto de a Kendra ter vindo connosco naquele dia, ela geralmente arranjava uma desculpa qualquer. Eu não diria que ela era arrogante... só que mantinha sempre uma certa distância, um sorriso vago no rosto, tinha problemas de nervos. Será verdade que ela acabou num desses locais, num... asilo? Mas já não lhe chamam assim, pois não? Instituição, era essa a palavra de que eu andava à procura! Não posso deixar de pensar que foi uma verdadeira bênção o facto de eles nunca terem tido filhos. Pelo menos não chegaram a passar pelo desgosto de terem uma mãe com problemas de cabeça. Creio que foram os mexericos sobre o pastor Len e essa mulher extravagante que acabaram por lhe afetar o juízo, mas permita-me esclarecer, Elspeth, de jeito nenhum, não importa o que eu possa pensar sobre o que ele fez depois, poderei alguma vez dar crédito a tais rumores.

Depois de uma rápida oração, dirigimo-nos logo para casa da Pam

e do Jim, que fica ainda longe, na Seven Souls Road, e a imprensa estava por todo o lado em volta da casa, repórteres e aquelas pessoas das filmagens que se encontravam do lado de fora do portão a fumarem e na conversa. Meu Deus, disse eu ao pastor Len, como é que vamos conseguir chegar à porta da Pam?

Mas o pastor Len disse-nos que íamos numa missão que era do agrado de Jesus, e que ninguém nos iria impedir de fazermos o nosso dever cristão. Quando chegámos ao lado do portão, um enxame de repórteres veio a correr até nós, dizendo coisas como: — Vocês são amigos da Pam? Como é que se sentem depois do que aconteceu? — Eles estavam a tirar fotografias e a filmar, e eu soube então o que essas pobres celebridades têm de aturar o tempo todo.

— Como é que acha que nos sentimos? — perguntei eu a uma rapariga, com excesso de rímel, que era a mais insistente do grupo. O pastor Len olhou para mim como que a dizer-me para eu o deixar falar, mas eles precisavam de ser postos nos seus lugares. O pastor Len disse-lhes que estávamos numa missão para ajudar o marido da Pam na sua hora de aflição, e que não hesitaria em fazer uma declaração logo que tivéssemos a certeza de que o Jim estava a conseguir lidar com o que tinha acontecido. Isso pareceu acalmá-los, pois, em seguida, vi-os recuar até às suas carrinhas.

As cortinas estavam corridas. Batemos à porta da frente, mas não houve resposta. O pastor Len deu uma volta à casa e foi até ao quintal, mas disse que era a mesma coisa. Então lembrei-me de que a Pam mantinha uma chave sobresselente por baixo de um vaso, ao lado da porta das traseiras, só para o caso de se poder esquecer da chave dentro de casa, e foi assim que conseguimos entrar.

Oh, o cheiro! Era como se esse fedor nos tivesse dado um estalo na cara. A Kendra ficou branca, era uma coisa horrível. E então a *Snookie* latiu e veio a correr pelo corredor em direção a nós. A Pam teria quase tido um ataque cardíaco se tivesse visto a sua cozinha assim. Ela só partira há dois dias, mas toda a gente juraria que tinha lá rebentado uma bomba. Bocados de vidro por todo o balcão e uma ponta de cigarro apagada numa das melhores chávenas de porcelana da mãe da Pam. E o Jim não devia ter deixado a *Snookie* sair uma única vez, pois havia o que o meu Lorne chama minas de cãozinho por todo o bom linóleo da Pam. Eu aqui vou ter de ser sincera, Elspeth, pois acredito em dizer sempre a verdade, mas nenhum de nós gostava realmente da cadela. Mesmo que a Pam lhe desse banho uma centena de vezes por dia, ela cheirava sempre muito mal. E os olhos pareciam estar sempre ramelosos. Mas a Pam adorava-a, e vê-la a farejar os nossos sapatos e a olhar para nós,

na esperança de que a Pam estivesse no nosso grupo... bem, quase me despedaçou o coração.

— Jim — chamou o pastor Len —, está aí? — A televisão estava ligada, por isso, depois de termos passado pela cozinha, fomos até à sala.

Quase gritei quando vimos o Jim estendido na poltrona com uma espingarda no colo. As cortinas estavam corridas, de modo que estava escuro e, por momentos, pensei que ele poderia estar... Foi quando vi que estava de boca aberta e a ressonar. Havia garrafas de bebidas fortes e latas de cerveja que quase cobriam o chão, e a sala cheirava a álcool que tresandava. O Condado de Sannah é um condado «seco», mas as pessoas podem obter bebidas alcoólicas se souberem onde se dirigir. E o Jim sabia. Não gosto de dizer isto, Elspeth, mas pergunto-me o que teria ele feito se não estivesse inconsciente. Se ele tivesse tentado alvejar-nos. O pastor Len abriu as cortinas de uma das janelas e, à luz, pude então ver que a parte da frente das calças do Jim estava molhada.

O pastor Len encarregou-se de tratar do assunto, tal como eu estava à espera. Com calma, retirou a espingarda do colo de Jim e depois abanou-lhe o ombro.

O Jim tentou afastá-lo e olhou para nós, com os olhos mais vermelhos do que um balde de sangue de porco.

— Jim — disse o pastor Len —, acabámos de ouvir o que se passou com a Pam. Estamos aqui para o ajudar, Jim. Se houver alguma coisa que possamos fazer, só terá de pedir.

O Jim fungou. — Sim, vá-se... — e usou a palavra feia que começa por «f».

Bem, fiquei sem pinga de sangue. A Kendra soltou um som que poderia ter sido uma risada, provavelmente de choque.

Mas o pastor Len não desistiu. — Bem sei que deve estar muito magoado, Jim. Mas estamos aqui para o ajudar, para o acompanhar neste passo.

E, em seguida, o Jim começou a chorar. Tremia-lhe o corpo todo com os soluços. Não importa o que possam dizer agora acerca do pastor Len, Elspeth, mas devia ter visto como ele lidou com o Jim. Com uma verdadeira bondade. Levou-o para a casa de banho para que ele se lavasse.

Eu e a Kendra só ficámos ali especadas durante um certo tempo, porque depois toquei-lhe no cotovelo e começámos ambas a trabalhar. Limpámos a cozinha, os dejetos da cadela e demos uma boa esfregadela à poltrona. E, durante todo esse tempo, o animal continuava a seguir-nos com aqueles seus olhos tristes.

O pastor Len voltou à sala e, embora aquele pobre homem já cheirasse um pouco melhor, as suas lágrimas não tinham secado de modo algum. Ele ainda estava a chorar e a soluçar.

O pastor Len disse: — Se está tudo bem consigo, Jim, nós gostaríamos muito de rezar pela Pam, na sua companhia.

Estava à espera que o Jim lhe voltasse a responder mal e juro que, por momentos, fiquei à espera para ver se o pastor Len também iria perder a compostura. Mas o homem estava destroçado, Elspeth, sem saber bem o que fazer e mais tarde o pastor Len disse que era a maneira que Jesus tinha para nos mostrar que precisávamos de o deixar entrar nas nossas vidas. Mas tínhamos de *estar prontos*. Eu já o tinha visto mil vezes. Como quando estávamos a rezar pelo primo da Stephenie, o Lonnie, o único que tinha a doença do neurónio motor. Não funcionou, porque ele não tinha deixado o Senhor entrar no seu coração. Nem mesmo Jesus consegue trabalhar com um corpo vazio.

De modo que nos ajoelhámos ali mesmo, ao lado do sofá, rodeados por latas de cerveja vazias, e rezámos.

— Deixe que o Senhor entre no seu coração, Jim — disse o pastor Len. — Ele existe para si. Ele quer ser o seu salvador. Consegue senti-lo?

Era uma coisa bonita de se ver. Ali estava um homem tão esmagado pela dor que não conseguia parar de chorar, e ali estava Jesus, apenas à espera de o erguer nos Seus braços e de o trazer de volta à vida!

Ficámos sentados com o Jim durante, pelo menos, uma boa hora. O pastor Len continuava a dizer-lhe: — Você faz agora parte do nosso rebanho, Jim, estamos aqui para si, assim como Jesus também aqui está para o ajudar. — Foi tão comovente, que não tenho vergonha de confessar que chorei como um bebé acabado de nascer.

O pastor Len ajudou o Jim a voltar para a sua poltrona, e podia ver-lhe no rosto que era hora de começarmos com as questões de ordem prática.

— Agora, Jim — continuou o pastor Len —, temos de pensar no funeral.

Jim resmungou alguma coisa sobre o facto de a Joanie estar encarregue disso.

— E não vai até lá, para trazer a Pam? — perguntou-lhe o pastor Len.

Jim abanou negativamente a cabeça, e um olhar irónico surgiu-lhe nos olhos. — Ela deixou-me. Eu disse-lhe para não ir, mas ela não me quis ouvir.

Ouviu-se alguém a bater à porta e todos nós demos um pulo. Os malditos repórteres tinham vindo até à casa!

Ouvíamo-los a gritar: — Jim! Jim! O que é que pensa da mensagem? O pastor Len olhou para mim e perguntou: — De que mensagem estão eles a falar, Reba?

Bem, é claro, eu não fazia a menor ideia.

O pastor Len ajeitou a gravata. — Vou enxotar de vez esses abutres, Jim — irrompeu ele, e o Jim olhou para ele, agora com uma expressão de gratidão no olhar. — Reba e Kendra, vão preparar alguma coisa para comer.

Fiquei contente por ter qualquer coisa para fazer, Elspeth. A Pam, Deus tenha a sua alma em descanso, tinha feito uma quantidade de refeições para o Jim, todas bem arrumadas no congelador, por isso foi fácil retirar uma e colocá-la no micro-ondas. A Kendra não fez muito para ajudar, pegou na cadela e começou a sussurrar-lhe coisas ao ouvido. De modo que fui eu quem teve de começar a trabalhar para limpar o resto de todo aquele lixo na sala, e convencer o Jim a comer uma tarte de carne que tinha posto num tabuleiro para ele.

Quando o pastor Len voltou a entrar em casa, tinha uma expressão aturdida no rosto. Antes que eu pudesse perguntar-lhe o que o estava a incomodar, vi-o pegar no comando da televisão para a ligar na Fox News. A Melinda Stewart estava a informar que um grupo de jornalistas japoneses tinha ido até ao local do acidente, na floresta onde o avião da Pam se tinha despenhado, e que encontrara vários telemóveis dos passageiros. Alguns desses mesmos passageiros, Deus tenha as suas almas em descanso, tinham gravado mensagens ao saber que iam morrer, e os repórteres tinham-nas divulgado. Publicaram-nas nos jornais, antes mesmo de algumas das famílias terem a certeza de que os seus entes queridos tinham mesmo falecido, se é que dá para acreditar.

E uma dessas mensagens era da Pam, embora eu nem sequer soubesse que ela tinha um telemóvel. A mensagem da Pam estava a passar na parte inferior do ecrã, e o pastor Len exclamou: — Ela estava a tentar dizer-me qualquer coisa, Reba. Olha o meu nome, ali mesmo!

Creio que nos tínhamos esquecido do Jim e só reparámos nele quando gritou: — Pam! — e depois pôs-se a chamá-la repetidas vezes.

A Kendra não ajudou a acalmá-lo. Limitou-se a encostar-se à ombreira da porta, com a *Snookie* nos braços, ainda a murmurar coisas ao ouvido da cadela como se ela fosse um bebé.

Seguem-se as mensagens (*Isho*) gravadas pelos passageiros do Voo 678 da Sun Air, nos seus últimos momentos.

(Tradução de Eric Kushan, que observa que algumas das mais subtis características linguísticas se poderão ter perdido.)

Hirono. As coisas estão a ficar muito más por aqui. A tripulação da cabine está calma. Ninguém entrou em pânico. Eu sei que vou morrer e queria dizer-te que... oh, as coisas estão a cair, estão a cair por todo o lado e eu devo... Não vejas o armário do meu escritório. Por favor, Hirono, estou a pedir-to. Há outras coisas que podes fazer. Eu só posso esperar que...

Koushan Oda. Cidadão japonês. 37 anos.

Há fumo que não se parece com fumo. A idosa perto de mim está a chorar e a rezar em silêncio e eu desejo estar sentado ao teu lado. Há crianças neste voo. Ah... hum... Cuida dos meus pais. Deverá haver dinheiro suficiente. Telefona ao Motobuchi-san, ele irá saber o que fazer sobre o seguro. O comandante está a fazer tudo o que pode, tenho de confiar nele. Sinto pela sua voz que ele é um bom homem. Adeus, adeus, adeus, adeus, adeus...

Sho Mimura. Cidadão japonês. 49 anos.

Devo pensar devo pensar devo pensar. Como é que isto aconteceu... bem, uma luz brilhante entrou na cabine. Um estrondo. Não mais de um. Terá a luz precedido o estrondo? Não sei. A mulher do lado da janela, a grande *gaijin* [estrangeira] está a choramingar e faz-me doer os ouvidos, e eu preciso de arranjar as minhas coisas no caso de nós... Estou a gravar isto para que saibas o que vai acontecer. Não há pânico, embora eu ache que devesse haver. Durante muito tempo queria morrer, e agora que a morte já se está a aproximar, dou-me conta de que não o devia ter desejado, que iria morrer demasiado cedo. Estou com medo e não sei quem

irá ouvir isto. Se puderes passar esta mensagem ao meu pai a dizer-lhe que...

Keita Eto. Cidadã japonesa. 42 anos.

Shinji? Por favor, responde! Shinji!

Viu-se uma luz brilhante, e depois... e depois...

O avião está a cair, está a despenhar-se e o comandante está a dizer que nós temos de ter calma. Eu não sei porque é que isto está a acontecer!

Tudo o que te peço... cuida das crianças, Shinji. Diz-lhes que as amo e...

Noriko Kanai. Cidadã japonesa. 28 anos.

Eu sei que Nosso Senhor Jesus Cristo me vai acolher nos Seus braços e que é este o Seu plano para mim. Mas, oh, como gostaria de poder ver-te mais uma vez. Amo-te, Su-jin, e nunca to disse. Espero que ouças isto, de alguma forma, espero que isto te chegue às mãos. Eu queria que víssemos juntos um dia, mas agora estás tão longe... Está a acontecer...

Seojin Lee. Cidadão sul-coreano. 37 anos.

Eles estão aqui. Eu... não deixem a *Snookie* comer chocolate, é veneno para os cães, mas ela irá pedi-lo, o rapaz. O rapaz ajudem o rapaz vejam as pessoas mortas oh meu Deus há tantas... Estão agora a aproximar-se de mim. Vamos todos já não demora muito. Todos. Adeus Joanie adoro o saco adeus Joanie, pastor Len avise-os de que o rapaz não deve...

Pamela May Donald. Cidadã americana. 51 anos.

Lola Cando (não é este o seu verdadeiro nome) descreve-se nos *sites* como ex-profissional do sexo e empresária. Os relatos de Lola foram reconstruídos a partir de muitas conversas nossas através do Skype.

O Lenny vinha ver-me uma vez, talvez duas, por mês, durante três anos ou mais. Guiava do Condado de Sannah, o que deverá ser mais ou menos uma hora de automóvel, mas isso não incomodava o Lenny. Dizia-me que gostava do passeio de carro, que lhe dava tempo para pensar sobre as coisas. Sexualmente, só fazia o que há de mais convencional. Mais tarde, as pessoas tentaram que eu dissesse que ele era uma espécie de pervertido, mas não era o caso. E ele não se metia em drogas ou em coisas fora do normal, nada disso. Limitava-se à posição de missionário, bebia um dedo de *bourbon*, e conversava; era disso que ele gostava.

Entrei neste negócio através da minha amiga Denisha. Ela é uma especialista, fornece um serviço para os clientes que têm dificuldade em se relacionar com mulheres. Só porque estamos confinados a uma cama ou uma cadeira de rodas, não significa que perdemos o desejo sexual, não é verdade? Eu não faço muito trabalho de especialista, não sei se me está a perceber. A maioria dos meus clientes regulares são apenas indivíduos comuns, fulanos que estão sós, ou cujas esposas se fartaram do sexo. Eu verifico e avalio muito bem todos os meus homens e, se eles não tiverem algo que me atraia, ou se quiserem coisas esquisitas, digo-lhes logo que lamento muito, mas que já tenho a minha agenda preenchida.

Não consumo drogas, não comecei nisto só porque tinha de alimentar um vício. As raparigas gostam de mim e da Denisha; as que também fazem isto para ganharem o delas, sem conseguirem ver o lado mais escuro desta vida, não devem, com certeza, ouvir falar muito de nós, nos meios de comunicação. E, como a Denisha está sempre a dizer, é melhor do que arrumar prateleiras no Walmart.

Eu tinha um apartamento que usava, não sei se está a ver, para transações comerciais, mas o Lenny não gostava de lá ir. Ele tinha muito cuidado com esse tipo de coisas, era quase paranoico. Preferia que nos

encontrássemos num dos motéis. Há vários que fazem um desconto, se alugarmos o quarto à hora, e não nos fazem perguntas. Ele insistia sempre que eu fosse antes dele.

Ora, nesse dia, chegou atrasado. Com uma boa meia hora de atraso, o que não era nada o seu estilo. Arranjei as bebidas, fui buscar gelo à máquina e decidi voltar a ver *Tempo de Festa* enquanto esperava, aquele em que o Mikey e a Shawna-Lee ficam finalmente juntos. E, quando já estava prestes a desistir de esperar por ele e a ir-me embora, ele entrou de rompante no quarto, sem fôlego e a suar.

— Olá, menino — disse eu, que era sempre o meu modo de o cumprimentar.

— Deixa lá isso, Lo — ripostou ele. — Preciso de uma maldita bebida. — Isso chocou-me, pois nunca o tinha ouvido a falar dessa maneira. O Lenny contou-me que a única vez que bebia álcool era quando estava comigo, e eu acreditei nele. Perguntei-lhe se queria, não sei se está a ver, iniciar o divertimento do costume, mas ele não estava interessado. — Traz-me só a bebida.

As mãos tremiam-lhe e percebi que estava realmente agitado devido a alguma coisa. Arranjei-lhe uma dose dupla, e perguntei-lhe se queria que lhe massajasse os ombros.

— Bem... — disse ele. — Preciso de me sentar por momentos. Pensar.

Mas não se sentou, pôs-se a andar de um lado para o outro no quarto, como se estivesse a tentar gastar a alcatifa. Eu sabia que não lhe devia perguntar em que é que estava a pensar. Sabia que mo iria contar quando lhe apetecesse fazê-lo. Entregou-me o copo e servi-lhe mais dois dedos da bebida.

— A Pam estava a tentar dizer-me alguma coisa, Lo.

Macacos me mordam se eu tinha alguma ideia do que ele estava a falar. De modo que lhe sugeri: — Len, tens de me contar essa história desde o princípio.

Foi então que começou a contar-me tudo sobre a Pamela May Donald, a mulher que tinha morrido no avião japonês, sobre como ela fazia parte da sua congregação.

— Len — disse eu —, sinto muito pela tua perda. Mas tenho a certeza que a Pam não queria que ficasses aborrecido por causa dela.

Ele agiu como se eu não tivesse falado. Enfiou a mão na pasta que trazia sempre com ele, como se fosse uma criança de escola adulta, ou algo assim, retirou de lá uma *Bíblia* e atirou-a para cima da mesa.

Eu ainda estava a tentar não entrar em coisas sérias. — Queres que te dê umas chicotadzinhas no rabo, ou qualquer coisa do género?

Grande erro da minha parte! O seu rosto ficou vermelho, inchado como um desses peixes. Ele tem aquilo a que poderemos chamar um rosto expressivo, o que faz com que as pessoas confiem nele, creio, parece que não consegue mentir. Pedi-lhe logo desculpa, pois aquele seu olhar assustou-me.

Contou-me então de que modo a Pam tinha deixado a mensagem, uma daquelas... como é que lhes chamam?... uma daquelas mensagens que ela e alguns dos japoneses deixaram nos telemóveis, quando o avião estava a cair.

— Isso quer dizer alguma coisa, Lo, e acho que sei o que é.

— E o que é, Lenny?

— A Pam viu-os, Lola.

— A Pam viu quem, Lenny?

— Todos aqueles que não aceitaram o Senhor nos seus corações. Toda a gente que irá ser ignorada após o Arrebatamento.

Eu tive uma formação religiosa, não sei se sabe, fui criada num bom lar batista. Não há muita coisa que esteja na *Bíblia* que eu não conheça. As pessoas podem condenar-me pelo que faço, mas acredito plenamente que Jesus não me iria julgar. Como a minha amiga Denisha costuma dizer (ela é episcopal), algumas das melhores amigas de Jesus eram prostitutas.

De qualquer modo, mesmo antes da Quinta-feira Negra, o Len já era um desses crentes no Fim dos Tempos. Sabe, aqueles indivíduos que viam sinais de que a tribulação se estava a abater sobre nós, por toda a parte: o 11 de setembro, os terramotos, o Holocausto, a globalização, a Guerra ao Terrorismo, tudo isso. Ele acreditava mesmo que seria apenas uma questão de tempo até que Jesus levasse todos os que estavam salvos para o Céu, deixando o resto das pessoas aqui, para sofrerem sob o domínio do Anticristo. Alguns deles acreditavam que o Anticristo já estava na Terra. Que ele era o chefe da ONU ou o presidente da China, ou ainda um desses muçulmanos ou árabes, ou alguém assim. Mais tarde, é claro, eles já estavam a dizer que praticamente tudo o que ouvíamos nos noticiários era um sinal. O surto de febre aftosa em Inglaterra, até mesmo o norovírus que atingiu todos os navios de cruzeiro.

Eu nem sei bem o que pensava dessa coisa do Arrebatamento. Que um dia, num abrir e fechar de olhos, todos os salvos iriam desaparecer e ir para o Céu, deixando as suas roupas e bens mundanos aqui na Terra, era algo que me parecia uma grande confusão. Por que motivo se preocuparia Deus com tudo isso? O Lenny dera-me os seis livros da série *Gone* para ler, deve saber do que estou a falar, a série em que os cristãos renascidos são arrebatados de uma só vez e o primeiro-ministro britâ-

nico acaba por ser o Anticristo. Eu disse-lhe que iria lê-los, mas nunca o cheguei a fazer.

Servi-me de uma bebida forte. Sabia que me esperava uma longa hora, pelo menos. Por vezes, o Lenny punha o seu programa de rádio para eu ouvir. Eu fingia que o ouvia com atenção, mas não era verdade. Sou mais fã da televisão, está a ver?

Quando comecei a encontrar-me com o Lenny, julguei que ele era um daqueles evangélicos esganados por dinheiro, dos que se veem na televisão a tentar fazer com que as pessoas contribuam com donativos para os seus ministérios, a falarem de que modo o pagamento do dízimo é necessário, mesmo por parte de quem possa estar a receber o rendimento mínimo garantido. Pensei a princípio que ele poderia ser uma espécie de vigarista, e olhe que desses tipos já eu tenho a minha conta! Mas comecei a pensar, depois de o conhecer há já algum tempo, que ele realmente acreditava nas suas próprias crenças... Não lhes quero chamar tretas, pois, tal como lhe disse, sou batista de gema, mas nunca dei muito valor a todas essas coisas do fogo e do enxofre. Mas não há como negar que o Lenny se queria juntar aos grandes senhores, aos companheiros poderosos, como o Dr. Lund, aquele que era muito amigo do presidente Blake. O Lenny estava desesperado para fazer parte do circuito da pregação evangélica. O programa de rádio deveria ser a sua porta de entrada, mas, ao fim de todos estes anos, acabou por não conseguir chegar muito longe. E também não era só pelo dinheiro... Respeito, era isso que o Lenny queria. Estava farto de viver à conta do dinheiro da mulher.

— Ouve isto, Lola — pediu-me ele, e em seguida leu-me a mensagem. Não fazia lá muito sentido. Parecia-me que a Pam estava mais preocupada com a cadela que tinha.

Em seguida, começou a contar-me sobre como era realmente um milagre que as três crianças tivessem sobrevivido aos acidentes, praticamente ilesas. — Há qualquer coisa que não bate certo, Lola, elas deviam ter morrido.

Eu admiti que, de facto, era estranho. Mas também toda a gente pensava que o era. Acho que se tratava de uma daquelas coisas malucas que não conseguimos encaixar bem na cabeça. Como o 11 de setembro. A menos que tivéssemos mesmo lá estado e passado pela experiência. Mas você sabe, eu creio que as pessoas, no fim, se acostumam a qualquer coisa, não é? Dou-lhe um exemplo: ultimamente, o meu prédio continua a ter cortes de energia e, depois de todos os protestos e gritaria, é uma loucura pensar com que rapidez me habituei a isso.

— O rapaz, o rapaz... — continuava ele a remoer entre dentes. Leu alto uma passagem de Zacarias e, depois, folheou o Apocalipse. O Lenny

era especialista no Apocalipse, mas o livro dava-me arrepios quando eu era criança. E, tenho de o dizer, fui eu quem lhe pôs a ideia seguinte na cabeça. Olhe, tenho de admitir, às vezes faço-me de parva, o Lenny gosta (que diabo, todos eles gostam). — Sabes o que eu nunca consegui tirar da cabeça, Lenny? — perguntei-lhe. — Aqueles quatro cavaleiros. Afinal por que razão eram eles cavaleiros? E todas aquelas cores diferentes...

Bem, o Lenny ficou varado, como se eu tivesse acabado de blasfemar. — Que estás tu a dizer, Lo?

Pensei que dissera alguma coisa que fizera com que ele se voltasse a zangar, e observei-o com cuidado, caso ele se pudesse atirar a mim. Ele levantou-se, imóvel como uma estátua, os olhos a correrem de um lado para o outro. — Lenny? — perguntei. — Lenny, querido, estás a sentir-te bem? — Então ele simplesmente bateu palmas e riu-se. Foi a primeira vez que ouvi o Lenny a rir à gargalhada. Rodeou-me o rosto com as mãos e beijou-me mesmo na boca. — Lola — disse ele. — Acho que conseguiste!

— Que queres tu dizer, Lenny?

Mas tudo o que ele me disse nessa ocasião foi: — Tira a roupa.

Então fizemos aquilo, e ele saiu.

O que se segue é uma transcrição do programa de rádio do pastor Len Vorhees, «Pela Minha Boca, a Voz de Deus», que foi para o ar no dia 20 de janeiro de 2012.

Meus bons ouvintes, não precisarei de vos dizer que, mais do que nunca, estamos agora a viver tempos em que Deus parece não existir. Estamos a viver numa época em que se despreza a *Bíblia* nas nossas escolas a favor das mentiras não-científicas relacionadas com o evolucionismo, em que muitos estão a expulsar Deus dos seus corações, em que sodomitas, assassinos de bebés, pagãos e islamofascistas têm mais direitos, no nosso país, do que os bons cristãos. Onde Sodoma e Gomorra lançam uma cortina de fumo sobre todos os aspetos das nossas vidas diárias, e onde os nossos líderes mundiais tentam, com todas as suas forças, construir a cultura da globalização favorecida pelo Anticristo.

Meus bons ouvintes, trago-vos boas notícias. Tenho a prova de que Jesus nos está a escutar, que está a prestar atenção às nossas orações, que será apenas uma questão de tempo antes que Ele nos leve para nos sentarmos a Seu lado.

Ouvintes, quero contar-vos uma história.

Houve em tempos uma boa mulher. Chamava-se Pamela May Donald e era uma mulher temente a *Deus*, que recebera Jesus no seu coração e em cada fibra do seu ser.

Ora, esta mulher decidiu fazer uma viagem, para visitar a filha num país muito distante, na Ásia, mais precisamente. Ela não sabia, enquanto fazia as malas, enquanto se despedia da sua Igreja e do marido, com um beijo, que estava prestes a tornar-se parte do plano de Deus.

Esta mulher entrou para um avião em... entrou para um avião no Japão, e esse avião despenhou-se, aniquilado no ar por forças que facilmente poderemos adivinhar.

E quando ela estava a morrer, quando ela estava deitada no solo estrangeiro, frio e duro, com o sangue a sair-lhe das veias, Deus falou com ela, caros ouvintes, e transmitiu-lhe uma mensagem. Tal como Deus falou com o profeta João na ilha de Patmos, quando Ele lhe mostrou a visão dos sete selos do Apocalipse. E a Pam gravou essa mensagem,

caros ouvintes, para que pudéssemos ter o benefício da compreensão do significado de Deus.

Ora, é dito a João que os primeiros quatro selos virão sob a forma de quatro cavaleiros. Sabemos, e isso é um facto, que os quatro cavaleiros são enviados para cumprir um propósito divino. E nós sabemos através de Ezequiel que esse propósito é punir os infiéis e os ímpios. Os cavaleiros trarão a peste, a fome, a guerra e o pânico à Terra, pois eles serão os arautos da Tribulação.

Há muitos que acreditam que esses selos já foram abertos, caros ouvintes, e terei de admitir, é difícil não acreditar, sobretudo quando vemos o que está a acontecer no mundo de hoje. Mas Deus, na sua sabedoria, estava a mostrar à Pam que só *agora* abriu os selos.

O que Pamela May Donald estava a dizer na mensagem que me enviou, porque, bons ouvintes, na sua sabedoria, ela dirigiu-me essa mensagem (a mim, pessoalmente), é que os quatro cavaleiros já estão aqui. Aqui na Terra. Enquanto estava a morrer, ela disse: «O rapaz, o rapaz, pastor Len, avise-os.»

Todos vocês viram as notícias. Terão visto, sem dúvida, as três crianças sobreviventes (talvez quatro, pois não sabemos ao certo se existem outros sobreviventes, já que está um caos em África, como nós todos sabemos). Todos vocês sabem, *de facto*, que não havia nenhuma maneira de essas três crianças poderem ter sobrevivido a um acontecimento tão catastrófico praticamente ilesas. Essas três são as únicas sobreviventes, eu repeti-lo-ei, caros ouvintes, porque é importante, as *únicas* sobreviventes. Mesmo os investigadores dos acidentes não conseguem explicá-lo, nem os médicos, nem os especialistas, ninguém consegue explicar por que motivo estas crianças foram salvas.

Fiéis ouvintes, acredito que essas crianças foram banhadas pelos espíritos dos quatro cavaleiros.

«Pastor Len», disse Pamela May Donald. «O rapaz. O rapaz.» A que menino se poderia estar ela a referir, senão à criança japonesa que sobreviveu?

É claro como água. Pois a mensagem não poderia ter sido mais transparente. O Senhor é bom, caros ouvintes, Ele nunca nos iria trazer coisas obscuras e incompreensíveis. E, na Sua boa graça, deu-nos mais uma prova de que o que eu digo é a verdade. Em Apocalipse 6, versículos 1-2:

Depois, na visão, quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos, ouvi um dos quatro seres viventes que dizia com voz de trovão: «Vem!» E vi que apareceu um cavalo branco!

Um cavalo branco, caros ouvintes. Perguntem a vós mesmos... de

que cor era o distintivo de cauda no avião da Maiden Airlines que caiu na Florida? Uma pomba branca. *Branca.*

Quando o Cordeiro abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente que dizia: «Vem!» E saiu outro cavalo que era de um vermelho ardente.

De que cor era o distintivo de cauda no avião da Sun Air? Vermelho. Todos vocês o viram, irmãos e irmãs. Todos vocês viram esse grande sol vermelho. Vermelho. A cor do comunismo. A cor da guerra. A cor, bons ouvintes, do sangue.

Quando o Cordeiro abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizer: «Vem!» Olhei, e diante de mim estava um cavalo negro!

Ora, é verdade que o avião britânico, aquele que caiu no mar, tinha um distintivo de cauda de um laranja vivo. Mas pergunto-vos apenas isto, de que cor era o que estava escrito nesse avião? Negro, caros ouvintes. *Negro.*

*Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizer: «Vem!» Olhei, e diante de mim estava um cavalo claro! O seu cavaleiro chamava-se Morte. Ora, nós sabemos que a cor do cavalo da Morte se escreve *khlóros* no original grego, que significa verde. O distintivo de cauda, do avião africano que caiu, de que cor era? Isso mesmo. *Verde.**

Eu sei que haverá muitos negativistas que irão dizer: mas, pastor Len, tudo pode não passar de uma coincidência. Mas Deus não labora através de coincidências. Sabemos desse facto.

Haverá mais sinais. Mais sinais, irmãos e irmãs. Haverá guerra, haverá peste, haverá conflito e haverá fome.

O julgamento já foi desencadeado na Terra. E quando o Rei dos Reis abrir o sexto selo, aqueles que forem escolhidos serão salvos e tomarão o seu lugar ao lado direito de Jesus, no Reino dos Céus.

O nosso tempo é agora. Os sinais são claros. Não poderiam ser mais claros se Deus lhes tivesse colocado uma grande fita vermelha em cima, e os tivesse gritado desde as abóbadas celestiais.

E eu estou a perguntar-vos, ouvintes, meus bons ouvintes. Estareis prontos?

O espaço não me permitirá incluir trechos de todos os *sites* que abordam a teoria da conspiração que acabou por surgir após a Quinta-feira Negra, mas entre os mais empenhados desses «teóricos alternativos» encontra-se o autointitulado autor e especialista em OVNIS, Simeon Lancaster, cujos livros publicados em edições de autor incluem *Os Extraterrestres Entre Nós* e *Lagartos na Câmara dos Lordes*. Lancaster recusou-se a falar comigo e, posteriormente, negou ter de alguma forma influenciado as ações de Paul Craddock. O que se segue é um pequeno excerto retirado de um blogue, publicado no seu *site*, *aliensamongstus.co.uk*, a 22 de janeiro de 2012

INTERVENÇÃO ALIENÍGENA: QUINTA-FEIRA NEGRA, TODAS AS PROVAS DE QUE NECESSITAMOS

Quatro acidentes de avião. Quatro continentes. Acontecimentos que têm monopolizado os meios de comunicação mundiais como nenhuns outros NA HISTÓRIA DO MUNDO. Não pode haver outra explicação, exceto que Os Outros, os nossos alienígenas infiltrados, DECIDIRAM EXERCER O SEU PODER e MOSTRÁ-LO BEM.

É só uma questão de tempo, escutem atentamente as minhas palavras, antes que nos deparemos com o efeito *Majestic 12* e com um alto nível de encobrimento. Eles irão negar que possa haver quaisquer causas «sobrenaturais», nos seus relatórios, acerca das quedas. É só esperar para vermos. Pois já estão a dizer que os pilotos foram os culpados no acidente em África. Já estão a dizer que uma falha hidráulica foi a causa do acidente no Japão.

Sabemos que não é assim. ELES IRÃO MENTIR. Irão mentir, porque eles estão CONLUIADOS com os nossos grandes senhores alienígenas. É fantástico que as três crianças (se é que se trata de crianças) ainda não tenham sido levadas para os laboratórios (ver mapa de possíveis locais) para sua própria proteção.

Vamos olhar para as provas:

QUATRO AVIÕES

QUATRO??? Sabemos que as hipóteses de qualquer pessoa estar envolvida num acidente de avião são de uma em 27 milhões. De modo que, quais serão as hipóteses de quatro aviões se despenharem no mesmo dia, com apenas TRÊS sobreviventes??? Basta apenas uma hipótese desta natureza para romper com a escala. Portanto, tratou-se de um acontecimento planeado. Terroristas? Então por que motivo ninguém se apresentou ainda, para assumir a responsabilidade por este ato? PORQUE OS TERRORISTAS NÃO SÃO OS RESPONSÁVEIS. Os Outros é que são.

LUZES INTENSAS

Por que razão pelo menos dois dos passageiros a bordo do voo da Sun Air afirmaram, nas suas mensagens, ter visto luzes intensas? Não existem provas de UMA explosão ou de um incêndio a bordo. Ou de despressurização. SÓ PODERÁ HAVER UMA EXPLICAÇÃO. Sabemos que alguns dos aparelhos V dos Outros foram vistos apenas APÓS luzes intensas terem aparecido no céu. As LUZES INTENSAS são um sinal claro de que eles estão aqui.

PORQUÊ CRIANÇAS?

Uma coisa com que todos podemos concordar é que, de nenhum modo, Os Três poderiam ter sobrevivido às quedas. Portanto, não se trata disso.

Mas porque iriam Os Outros escolher crianças? Acredito que seja devido ao facto de nós, enquanto espécie, criarmos os nossos mais novos, mas não será só por isso, a nossa reação instintiva é PROTEGÊ-LOS e cuidar deles.

Sabemos que o método preferido de ataque dos Outros é a infiltração pela calada. Seria demasiado óbvio colocarem-se novamente no GOVERNO. Eles já tentaram isso, mas foram DESMASCARADOS!!! Eles estão aqui para nos vigiarem. Não sabemos quando irão dar o próximo passo. As três crianças serão controladas por forças alienígenas que trabalharão nas suas mentes e nos seus corpos e, no futuro, iremos constatar esse facto.

As crianças foram alvo de IMPLANTES e estão a observar-nos para verem o que iremos fazer.

SÓ ESTA PODERÁ SER A ÚNICA EXPLICAÇÃO!!!